

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



SOMNIUM

Nº 112 - Dezembro de 2015

CLINTON DAVISSON

EDGAR INDALECIO SMANIOTTO

FLÁVIO MEDEIROS JR.

RICARDO FRANÇA

ROBERTO DE SOUSA CAUSO

ROGÉRIO AMARAL DE VASCONCELLOS

SANTIAGO SANTOS

SIMONE SAUERESSIG



HOMENAGEM

LEONARD NIMOY



SOMNIUM

Dezembro chegou. E com ele o acontecimento mais esperado, há décadas, por um contingente enorme de fãs da mais popular saga de todos os tempos: o lançamento do novo episódio de Star Wars.

Foi pensando nisso que decidi iniciar minha aventura pessoal como editor do Somnium com uma homenagem às populares sagas conhecidas como “Space Opera”. Por curiosidade, busquei a definição de Space Opera na Wikipedia, e o que encontrei foi isto: *“Space opera é um subgênero da ficção especulativa ou ficção científica que enfatiza a aventura romântica, a viagem interestelar e as batalhas espaciais, onde a narrativa principal da história é centrada em torno de conflitos interestelares e no drama”*. Não poderia ficar mais feliz depois dessa definição que parece agradar a gregos e troianos – ou numa versão diferente, de fãs de Star Wars a fãs de Star Trek.

E por falar em fãs de Star Trek, quando o presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica, Clinton Davisson, me procurou com o convite para ser o novo editor do Somnium, havia em andamento o projeto de uma edição especial em homenagem ao ator que eternizou o queridíssimo e carismático Spock, Leonard Nimoy. Não demorou muito para que juntássemos os temas – Space Opera e Leonard Nimoy/Spock, e resolvêssemos fazer uma única edição que congregasse todos harmoniosamente nas mesmas páginas. Nossa intenção era aproveitar o clima de ansiedade reinante por causa do lançamento do novo filme de Star Wars aliado ao

ano em que nos despedimos de um ícone das telas que aprendemos a amar e admirar. Esperamos assim que nossos leitores mergulhem nesta edição e a conquistem com o mesmo clima que os lançou ao espaço, a fronteira final, muito tempo atrás, rumo a galáxias tão, tão distantes, com o objetivo de explorar novos mundos... pesquisar novas vidas... novas civilizações... audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve. Esta edição procurou trazer estas mesmas emoções, estes mesmos sentimentos: pretendemos fazer de cada leitor um explorador de mundos desconhecidos, um herói pilotando sua nave espacial, de sabre em punho, enfrentando perigos desconhecidos e triunfando no final (ou não...). Esperamos que as histórias que se seguem renovem estas sensações, que, ao longo de nossas vidas, ajudaram a formar quem somos hoje.

Termino este breve editorial desejando a todos nós, leitores e editores do Somnium, que a Força esteja conosco para que tenhamos uma vida longa e próspera.

Abraços do seu novo editor,

Ricardo Herdy.



Somnium – Edição 112, dezembro de 2015

Editor responsável: Ricardo Herdy

Ilustração da Capa: *Jeff Brown* (jeffbrown67@gmail.com | www.artstation.com/artist/jeffbrown)

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores:

- Santiago Santos
- Rogério Amaral de Vasconcellos
- Clinton Davisson
- Ricardo França
- Flávio Medeiros Jr.
- Simone Saueressig
- Edgar Indalecio Smaniotto
- Roberto de Sousa Causo
- Sid Castro
- Miguel Carqueija

CLFC - gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho - sócio nº 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretária-Executiva: Renata Luiza Fonseca - sócia nº 1018 (São Paulo - SP)

Tesoureira: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo – SP)

Contatos: contato@clfc.com.br | www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

ARTIGOS: SPACE OPERA

- 6 Star Wars e Eu, Priscila Queiroz

OBITUÁRIO

- 9 Raul Avellar, por Miguel Carqueija

HOMENAGEM - LEONARD NIMOY

- 12 Entrevista com Salvador Nogueira

- 15 Entrevista com Susana Alexandria

HISTÓRIA DOS FÃ-CLUBES DE STAR TREK NO BRASIL:

- 18 Primeira parte: Dos Primórdios até 2006

- 26 Segunda parte: De 2006 à atualidade

- 35 Artes de Sid Castro

- 39 Fotos de Leonard Nimoy

RESENHAS

- 43 O Médico das Estrelas, por Caliel Alves

- 45 O Outro Lado do Tempo, por Caliel Alves

CONTOS

- 47 Da Astúcia dos Amigos Improváveis

- 55 A Ópera da Space Opera

- 57 O Ricardão do Futuro

- 60 Tempos de Compaixão e Decisão

- 64 Pedra Filosofal

- 75 Carga Solta

- 88 Cruzeiro do Sol

- 105 A Extração





SPACE OPERA



Star Wars e Eu

Priscila Queiroz

Sempre quis ter uma X-wing. Não uma de brinquedo, para colocar na estante da sala; uma de verdade, que eu pudesse usar para viajar pelo espaço e conhecer outros planetas. Para entrar no hiperespaço, ver as estrelas se transformarem em linhas que me levariam a lugares muito, muito distantes.

E não me importa que X-wings não existam, ou que naves espaciais não funcionem desta maneira. Guerra nas Estrelas nunca teve compromisso com a Física, e tudo bem: sua força (sem trocadilho) está em nos fazer querer empunhar um sabre de luz e lutar lado a lado com a Rebelião.

Ou pelo menos é isto que acontece comigo sempre que penso na saga, desde a primeira vez em que

vi os filmes. Star Wars sempre me acompanhou – seus personagens sempre foram referências no meu mundo. E durante muito tempo, minha sensação era a de que eu era a única pessoa que tinha estas referências, porque os amigos achavam os filmes “velhos” (imagine, em 1992 Guerra nas Estrelas tinha só 15 anos!).

Todo fã de Star Wars das antigas conta uma história parecida: naqueles anos sombrios entre O Retorno de Jedi e as Edições Especiais/Episódio I, pré-internet, era difícil encontrar quem lembrasse da trilogia, e mais difícil ainda era encontrar outros fãs. Gostar de Star Wars era algo que guardávamos para nós mesmos, porque ninguém mais entendia. Ainda mais complicado era conseguir livros, quadrinhos, informações. Aqui no Brasil, era esperar os filmes passarem na TV e olhe lá.

Isso tudo começou a mudar em 1997. Finalmente, tive a chance de assistir Guerra nas Estrelas no cinema, e foi fantástico. Claro, não eram os filmes que eu havia visto na TV, e isso ficou bem claro na maior decepção que eu tive com as Edições Especiais – e não, não foi Greedo a atirar primeiro. Minha lembrança mais emocional da trilogia era a música da celebração da vitória que os ewoks cantavam no fim do Retorno de Jedi, e fui para o cinema na expectativa de ouvi-la de novo. Lembro da tristeza que eu senti quando chegou o final do filme e a música era outra – apesar da internet já existir na época, eu não sabia de todas as mudanças. A surpresa foi chocante, tanto que demorou muito tempo até eu conseguir gostar da música nova. Eu sempre a pulava quando ouvia a trilha sonora.

Decepções à parte, os anos de 1997 e 1998 foram meio loucos no meu mundo de fã de Star Wars. Várias coisas aconteceram quase ao mesmo tempo: VHS das Edições Especiais, que eu assistia em loop; a 1a. viagem para os EUA, onde eu comprei a trilogia Heir to the Empire (os livros que deram início ao Universo Expandido) e uma caixa com a trilha sonora completa dos filmes, com comentários de John Williams; e acesso à internet e seus sites de fãs, que reuniam imagens e sons dos filmes e, o mais importante, listas de números do ICQ de fãs como eu. Elas existiam, afinal de contas! Meu mundo de fã estava crescendo.

Mas foi em 1999 que Star Wars mudou completamente a minha vida. Este foi o ano em que eu descobri o Conselho Jedi Rio de Janeiro e, nele, fiz amigos para a minha vida toda. Guerra nas Estrelas deixou de ser uma apenas uma trilogia de filmes que eu adorava, e passou a representar histórias, momentos, eventos. O Conselho me ajudou a, finalmente, conhecer pessoas como eu, que tentavam usar a Força para pegar o controle remoto, que discutiam qual era a nave mais rápida, a A-wing ou o TIE Interceptor, que organizavam eventos para fãs porque queriam ir a eventos para fãs, que não me julgaram quando eu fui às lágrimas com Episódio III – naquela época, havia a certeza de que aquele era o último filme de Star Wars que veríamos – só me abraçaram e me deixaram chorar. Tive contato com escritores, fotógrafos, críticos de cinema, passei dias e dias discutindo cada detalhe dos filmes, do roteiro à trilha sonora, passando pelas histórias e por todo o world building. Fui a duas Star Wars Celebrations, tirei fotos com os atores, passei a noite na fila para ver George Lucas de perto. Em resumo, eu pirei.

E aí, a Priscila que queria estudar Ciências da Computação decidiu que, na verdade, o que ela queria era ajudar mais pessoas a terem a experiência de se conectar com outras pessoas que têm interesses em comum, de se sentir parte de uma comunidade. Larguei a faculdade de Informática, fui estudar Comunicação, e hoje sou gerente de comunidade em uma empresa de jogos.

Tudo isso por causa de Star Wars, por causa dos amigos que fiz graças à saga – que, inclusive, tem a importância dos amigos entre seus temas. Não me sinto mais sozinha, especialmente porque as prequels criaram toda uma nova geração de fãs. É emocionante ver crianças se fantasiando como personagens dos filmes novos, e não estou mentindo quando digo que não me incomoda se elas gostam de Jar Jar Binks. É por causa destes novos fãs, que cresceram junto com os novos filmes, que eu estou aqui ansiosa para ver um novo Star Wars, algo que eu nunca imaginei que fosse acontecer depois de 2005. Eu terei a chance de levar meu sobrinho e meu afilhado ao cinema para rever personagens que eu amo e conhecer novos, e curtir este universo

junto com eles.

Enquanto escrevo este artigo, não consigo focar em uma coisa só, tamanha a ansiedade que estava contida até a maratona dos Episódios IV, V e VI que fiz recentemente. Rever a trilogia original abriu a porteira do hype, e agora mal posso esperar para ver Episódio VII. Minha cabeça não para de fazer perguntas: será que vou gostar do novo trio de personagens principais? Quanto tempo de tela terão Han, Luke e Leia? Será que o Tema da Princesa Leia vai aparecer na trilha sonora? Quem vai morrer neste episódio, ou nesta trilogia? E o que será dos spin-offs, ou Anthologies, como estão sendo chamados? Será que Rogue One vai fazer jus ao Rogue Squadron? O quão sensacional será assistir o filme na pré-estreia, sabendo que pelo país existem mui-

tas outras salas lotadas de pessoas passando pela mesma experiência? Como será a festa?

Estas perguntas ficam rodando pela minha cabeça enquanto me preparo para reencontrar meus velhos amigos, tanto os daqui quanto os daquela galáxia muito distante. É hora de celebrar uma saga que mudou vidas, que une pessoas do mundo todo. É hora de acionar o hyperdrive da imaginação de novo – e já estou de olho nas novas X-wings.



Priscila Queiroz é Gerente de Comunidade na Riot Games, criadora de League of Legends. Fez parte da organização do Conselho Jedi Rio de Janeiro por 7 anos, e ajudou a organizar 4 JediCons e duas pré-estreias. Escreve sobre gerenciamento de comunidades em www.priscilaqueiroz.com.br



OBITUÁRIO

RAUL AVELAR



por Miguel Carqueija

Falecido em 9 de maio de 2015, aos 78 anos, Raul Lima de Avellar e Almeida, que residia em Copacabana, no Rio de Janeiro, foi um dos fundadores do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) em 1985. O fundador original do CLFC, Roberto Nascimento, ainda vive em São Paulo, mas de há muito afastado das atividades por motivos de saúde.

Eu vim a conhecer o Raul em 1987, quando de meu próprio ingresso no CLFC, e com o tempo tornou-se um dos meus melhores amigos. Creio que tínhamos muita afinidade e nossas conversas eram bastante animadas, quando havia oportunidade. Raul era ótimo para falar sobre futebol e suas reminiscências pessoais. Nunca esquecerei de quando ele me contou de sua experiência pessoal em 1950, quando do trágico jogo final do Brasil na Copa do Mundo, com o Uruguai, em pleno Maracanã. Ele era adolescente e foi assistir a partida, acompanhando o tio. Segundo o Raul, “não se cogitava que o Brasil perdesse”. O clima de euforia era totalmente exagerado, pois a vitória era considerada como certa. A imprudência tomou conta do país e atingiu os jogadores, que naquele dia não almoçaram, forçados que foram a assistir discursos de políticos, ou seja patriotadas onde já eram saudados como os novos campeões do mundo. Eu cheguei a escutar um pequeno trecho num programa de tv, onde um desses políticos afirmava aos jogadores que, dentro de poucas horas, eles teriam conquistado a Copa.

À saída do Maracanã, um silêncio assustador. Ruas que se esvaziavam, enquanto eles caminhavam, o Rio de Janeiro parecia uma cidade fantasma. Eis o resultado de toda aquela empáfia.

Isso ele me contou antes da Copa de 2014. E o



estante do Raul

fenômeno se repetiu de outra maneira. Não foi tão ruim como se chegássemos à final; mas o resultado foi muito mais humilhante. O clima de “já ganhou” porque jogávamos em casa se repetiu, estupidamente. Houve locutor de tv que afirmou que, com certeza, nós ganharíamos o campeonato mundial. No entanto está visto que, dessa vez, nem futebol tínhamos para derrotar as grandes equipes européias.

Raul não era escritor de ficção científica e nem crítico, mas leitor, fã e colecionador. Foi um dos poucos que conseguiram, no Brasil, reunir a lendária Coleção Argonauta, portuguesa, inteira em seus 560 números. Uma coleção que é a maior da língua portuguesa, e que aqui aparece nas fotos tiradas pela Melanie, destacando-se dos outros livros na estante, onde podem ser vistos, por exemplo, alguns da famosa coleção brasileira de bolso, a Futurâmica, das décadas de 50/60.

Célia, esposa de Raul, contou-nos detalhes de sua vida. Em criança, ainda na década de 40, Raul conheceu os Estados Unidos e a França, acompa-

nhando o pai que foi adido militar. Depois, entre 1949 e 1955, estudou no Colégio Militar no Rio de Janeiro – dentro desse período ocorreu o famoso caso da final da Copa.

Entre 1957 e 1962 Raul estudou na Faculdade Nacional de Direito (atual UFRJ) e entrou para o Banco do Brasil em 1958. Casando-se com D. Célia em 1959 – portanto 56 anos de matrimônio, o que é raro – na década de 1960 nosso amigo passou a se interessar pela ficção científica, e levou aproximadamente 40 anos para completar a Coleção Argonauta.

No início de 2014 Raul Avellar despediu-se das reuniões do CLFC, por não ter mais condições físicas para acompanhá-las.

Quem o conheceu sabe que era uma pessoa afável, culta, de excelente nível e conversação agradável. E não o esquecerá facilmente.

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2015.

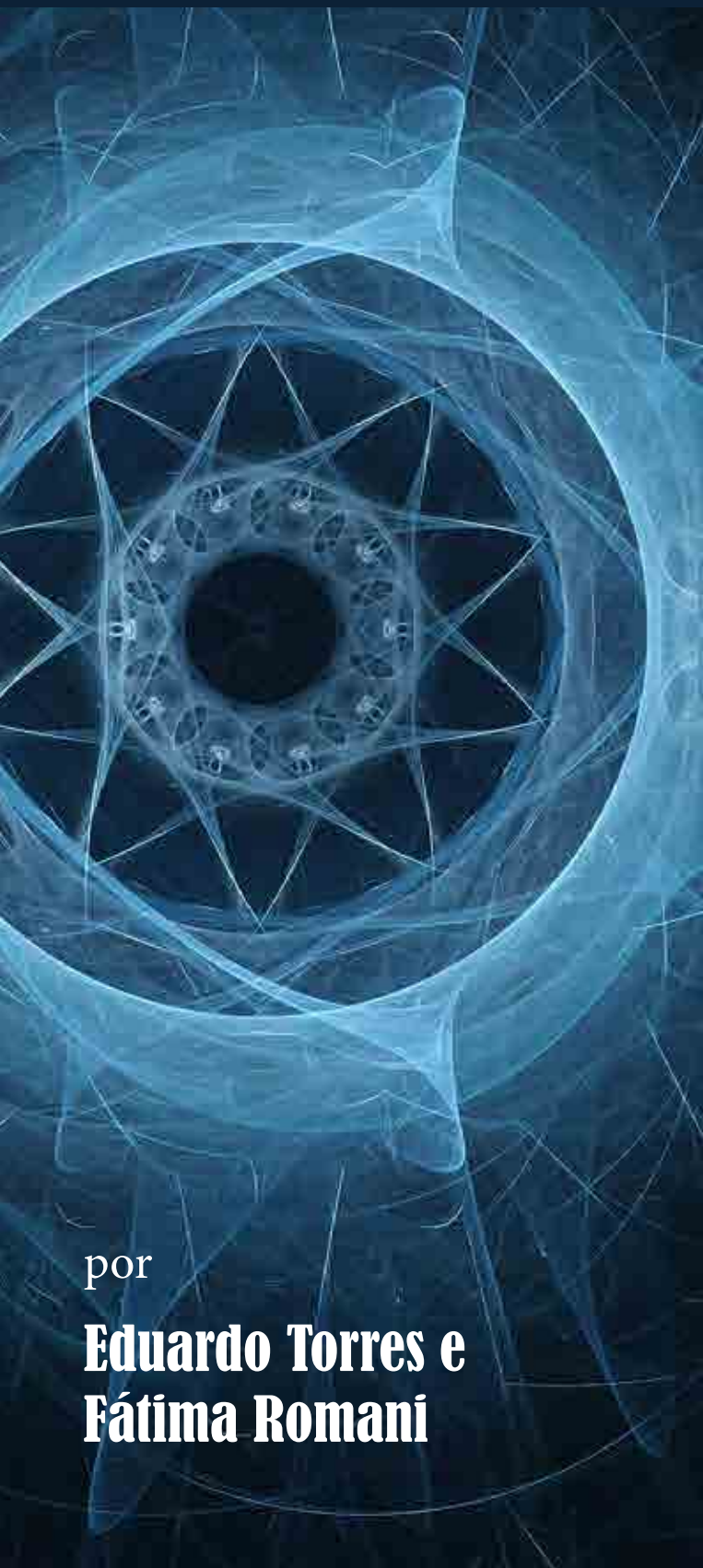


HOMENAGEM

LEONARD NIMOY



Entrevista com Salvador Nogueira

An abstract, glowing blue fractal pattern resembling a complex geometric design, possibly a Penrose tiling or a similar mathematical structure, set against a dark background. The pattern consists of many overlapping, semi-transparent lines and shapes that create a sense of depth and complexity.

Salvador Nogueira é escritor e jornalista formado pela Universidade de São Paulo. Em 2000 passou a atuar como repórter da editoria de ciência do jornal Folha de São Paulo e desde 2005 tornou-se o responsável pelo blog Mensageiro Sideral desse mesmo jornal, especializando-se em jornalismo científico com foco em astronomia e nos avanços da corrida espacial. É sócio-fundador e faz parte do Conselho da Associação Aeroespacial Brasileira, espera que o Brasil leve algo ao espaço com veículo lançador próprio e, enquanto isso, torce para que a humanidade volte à Lua e faça uma visita a Marte durante seu tempo de vida. Atualmente é editor de Ciência e Saúde do portal de notícias G1 e editor do site Trek Brasilis sobre o universo ficcional de Star Trek, além de participar do fã-clubes Frota Estelar Brasil há mais de 25 anos. É autor dos livros ‘Rumo ao Infinito: Passado e Futuro da Aventura Humana na Conquista do Espaço’ (2005 – Globo), ‘Conexão Wright– Santos Dumont: A Verdadeira História da Invenção do Avião’ (2006 – Record) e ‘Extraterrestres: Onde Eles Estão e Onde a Ciência Tenta Encontrá-los’ (2014 – Abril); co-autor com Susana Alexandria do ‘Almanaque de Jornada das Estrelas’ (2009 – Aleph) e de ‘1910 – O Primeiro Vôo do Brasil’ (2010 – Aleph); co-autor com João Batista Garcia Canalle dos volumes 11 e 12 da Coleção ‘Explorando o Ensino’, sobre astronomia e astronáutica (2010 – MEC); e co-autor com Jose Francisco Botelho e Mauricio Horta de ‘Mitologia – Deuses, Heróis e Lendas’ (2013 – Superinteressante – e-book).

por

**Eduardo Torres e
Fátima Romani**

1 – CLFC: Como foi seu primeiro contato com Star Trek?

Salvador Nogueira: Eu nasci em 1979, então meu contato foi tardio. Não peguei as exibições ori-

ginais e só descobri a série antiga, na televisão, em meados dos anos 80, um pouco antes da estreia da segunda série, “A Nova Geração”, no Brasil. Sempre gostei de astronomia e espaço, e poder acompanhar as aventuras de uma tripulação explorando um planeta a cada semana era uma ideia atraente demais para mim. Com o tempo, fui pegando as outras nuances da série e passei a apreciar cada vez mais a mensagem transmitida por Star Trek, que valoriza a importância da ciência e de uma filosofia de tolerância e aceitação das diferenças.

2 – CLFC: Como começou o grupo Frota Estelar Brasil e o site Trek Brasilis, e como tem sido sua atividade nesses espaços de organização e divulgação para fãs de Star Trek?

Salvador Nogueira: Eu conheci a Frota Estelar Brasil em meados dos anos 1990, e eles faziam um papel muito importante com a realização de eventos – era uma forma de conhecer outros trekkers e perceber que existia uma imensa comunidade silenciosa de fãs, numa época em que a comunicação ainda não era massificada, nos tempos pré-internet. Também era uma forma importante de ter acesso a episódios inéditos, numa época em que a TV brasileira não dava muita atenção a Star Trek. Já o Trek Brasilis nasceu numa nova era, em que a internet começava a dominar, e os fãs -- eu incluído -- passaram a perceber o papel importante que ela teria na integração da comunidade trekker brasileira. Eventualmente, a internet passou a cumprir todas as funções antes fornecidas pelas reuniões físicas, fornecendo um espaço para fórum de debates, comércio eletrônico de memorabilia e, ao fim das contas, até acesso aos episódios.

3 – CLFC: Como viu e vê o papel da Frota Estelar Brasil e do site Trek Brasilis entre os fãs de Star Trek em São Paulo e em outros estados?

Salvador Nogueira: Acho que ambos cumpriram seu papel de forma incrível, conseguindo acesso que transcendia suas localidades de origem. Isso era especialmente incrível no caso da Frota Estelar Brasil, que teve de trabalhar com meios hoje quase “arcaicos”, como correio e telefone, para manter contato com fãs distantes de São Paulo. Quanto

mais a gente olha para trás, mais nos admiramos com o que eles realizaram na Frota. No caso do TB, pela natureza descentralizada da internet, era natural essa integração -- tanto que começamos muito cedo com colaboradores de várias cidades brasileiras.

4 – CLFC: A Frota Estelar Brasil mantinha e/ou mantém contatos e atividades conjuntas com outros fãs clubes de Star Trek no Brasil existentes e/ou no passado? Pode-se falar de um movimento nacional organizado de fãs de Star Trek hoje e/ou no passado?

Salvador Nogueira: A Frota tinha essa ambição de ser nacional e sem dúvida eles foram os que mais perto chegaram disso. Mas era uma época mais difícil para coordenar ações entre fãs-clubes, de forma que essas iniciativas eram sempre limitadas, em escopo e em alcance geográfico.

5 – CLFC: Qual em sua visão o saldo das ações dos fãs clubes de Star Trek no Brasil, desde a fase ‘histórica’ pré-internet até os dias de hoje?

Salvador Nogueira: Acho que é um legado muito bacana e que é muito importante nos lembrarmos dessa história, porque para quem nasceu já na época da internet vai se tornar cada vez mais difícil compreender a magnitude do que esses grupos conseguiram.

6 – CLFC: O livro ‘Almanaque Jornada nas Estrelas’, de sua autoria junto com Susana Alexandria, publicado em 2009 pela Editora Aleph, foi muito elogiado pelo público e pela crítica, mas houve na época uma polêmica a respeito de como esse Almanaque registrava a história dos fãs clubes de Star Trek no Brasil, situando o início dessas atividades como no final dos anos 80 com a Frota Estelar Brasil em São Paulo e o JetCom no Rio, quando foram divulgados na ocasião artigos registrando que a SAST (Sociedade Astronômica Star Trek), que foi criada no início dos anos 80 em São Paulo, seria o fãs clube pioneiro de Star Trek no Brasil. Quem está com a razão?

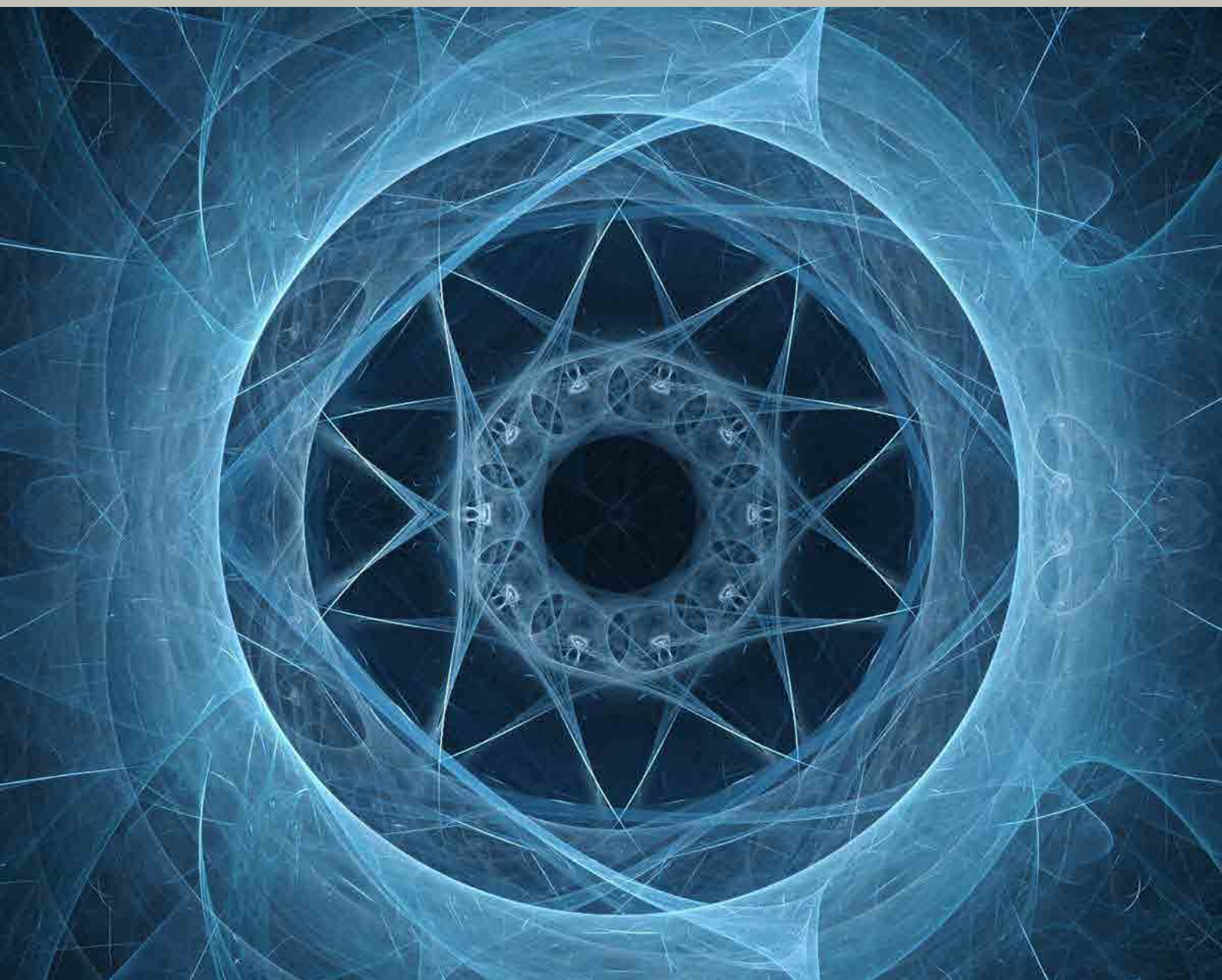
Salvador Nogueira: Sinceramente, não vejo a

existência de uma controvérsia. É óbvio que existiram grupos anteriores à Frota Estelar Brasil e ao JetCom, mas o alcance deles era tão limitado que provavelmente só são lembrados por quem fez parte deles. São histórias bonitas, claro, mas somente com a Frota e o JetCom o fandom brasileiro passou realmente a ter uma voz minimamente representativa.

7 - **CLFC:** Poderia dar um depoimento sobre Star Trek em termos pessoais e gerais para os sócios do CLFC-Clube de Leitores de Ficção Científica nessa edição especial do nosso órgão oficial Somnium dedicada a Leonard Nimoy/Sr. Spock/Star Trek?

Salvador Nogueira: Star Trek fala de um futuro

otimista para a humanidade e quem viveu os últimos 50 anos sabe que estamos realmente construindo esse futuro. As campanhas por tolerância e respeito às diferenças são cada vez mais eficazes e ousadas, e grandes conquistas no campo dos direitos humanos (e até mesmo nos direitos dos animais) foram atingidas. A tendência é aprofundarmos globalmente essas conquistas e levarmos a todas as partes do mundo, enquanto cientistas iniciam o mapeamento dos sistemas planetários vizinhos ao nosso e voltam seus estudos para a detecção de vida alienígena. A aventura já começou, e certamente estamos audaciosamente indo aonde ninguém jamais esteve. Sou um otimista e acredito que Star Trek teve um papel importante na criação e na consolidação dessa cultura em que estamos imersos hoje.



Entrevista com Susana Alexandria

Susana Alexandria é formada em Letras e sempre gostou de ciência e ficção científica. ‘Trekker’ desde o início dos anos 1980, quando a TV Bandeirantes exibia ‘Jornada nas Estrelas’, criou no início dos anos 90 o informativo ‘TrekkerCultura’ da Frota Estelar Brasil (hoje um site na internet), em que analisava a relação entre a série e a literatura. Escritora e tradutora, é co-autora com Salvador Nogueira do ‘Almanaque de Jornada das Estrelas’ (2009) e de ‘1910 – O Primeiro Vôo do Brasil’ (2010), e traduziu clássicos da ficção científica como ‘O Fim da Eternidade’, de Isaac Asimov (2007), e ‘A Mão Esquerda da Escuridão’, de Ursula Le Guin (2014).

1- CLFC: Como foi seu primeiro contato com Star Trek?

Susana Alexandria: Meu primeiro contato com Star Trek foi com a série clássica, quando era exibida na Band, nos anos 1980. Eu era adolescente na época. Virei fã em pouco tempo e até saía da escola mais cedo da escola para poder ver o episódio inteiro. Desde o início, meu personagem favorito era o Sr. Spock.

2 – CLFC: Como começou o seu contato com o fandom de Star Trek no Brasil?

Susana Alexandria: Meu contato com o fandom foi através da Frota Estelar Brasil, um fã-clube de Star Trek muito atuante em São Paulo (sou de São Paulo, não do Rio de Janeiro). Quando a série clássica voltou a ser exibida na extinta TV Manchete, no início dos anos 1990, o jornal O Estado de S. Paulo fez uma matéria sobre a Frota Estelar Brasil, com um telefone de contato. O fã clube existia há pouco tempo, e foi assim que entreei com contato com eles. Conheci o JetCom [NE: outro fã clube de ST sediado no Rio] numa das convenções organizadas pela Frota Estelar Brasil.

por

**Eduardo Torres e
Fátima Romani**

3 – **CLFC:** Como viu o papel na Frota Estelar Brasil?

Susana Alexandria: Fui sócia e colaboradora da Frota Estelar Brasil, fã-clube de São Paulo, fundado por Luiz Navarro e mais alguns amigos. Porém, quando estava escrevendo o Almanaque Jornada nas Estrelas, publicado em coautoria com Salvador Nogueira, entrevistei a Cris Nastasi e escrevi um texto sobre o JetCom, que acabou não sendo publicado na íntegra.

[NE: A Susana nos entregou esse texto como uma colaboração dela e do Salvador Nogueira para o CLFC, e está publicado nesta edição]

4 – **CLFC:** Como começou seu trabalho de edição e elaboração do informativo TrekkerCultura, como ele chegava aos fãs e como você conseguiu explicar tão bem nesse veículo as múltiplas referências culturais e literárias de Star Trek?

Susana Alexandria: Quando a série clássica de Jornada nas Estrelas voltou a ser exibida na TV Manchete, no início dos anos 1990, eu estava cursando a Faculdade de Letras na Universidade de São Paulo (USP) e já dava aulas de inglês. Então, eu tinha interesse em literatura, especialmente de língua inglesa. Percebia que os episódios da série utilizavam várias fontes literárias em seus roteiros e, por curiosidade (e como tinha acesso à excelente biblioteca da faculdade), fazia pesquisas para conhecer melhor essas fontes citadas. É sempre bom lembrar que não havia Internet naquela época! Esse tipo de pesquisa fazia parte do meu cotidiano como estudante de Letras. Na faculdade, estudávamos literatura a fundo, tínhamos semestres inteiros sobre teoria literária, análise literária, literatura comparada, personagens de ficção etc. Então, assistir a um episódio de Jornada nas Estrelas e encontrar nos roteiros as fontes literárias era apenas mais um exercício de literatura para mim. Não podemos esquecer que todo episódio, de qualquer série, é escrito antes de ser filmado. Tudo começa com um texto, um roteiro escrito. Não é literatura, mas frequentemente bebe em fontes literárias, como era o caso de Star Trek. Quando entrei para a Frota Estelar Brasil, em 1991, vi que o fã-clube enviava pelo correio boletins

de notícias aos sócios. Então tive a ideia de compartilhar com os outros sócios do fã-clube, via boletins, os frutos das minhas pesquisas informais sobre as citações literárias em Star Trek. Levei a ideia ao presidente do clube, Luiz Navarro, ele gostou da iniciativa e começamos a produzir os boletins. O nome TrekkerCultura foi ideia dele. Era um texto de uma página comentando citações literárias, além de citações históricas e culturais, em determinado episódio da série clássica. Os boletins foram publicados por vários anos. No final dos anos 1990, pouco depois do surgimento da Internet, criei um site sobre o assunto, que, por absoluta falta de tempo, acabei abandonando. Mas ele ainda está no ar em www.trekkercultura.com.br.

Escrevi algo parecido com o TrekkerCultura para o site Trek Brasilis também, mas sobre as citações literárias na série Jornada nas Estrelas – A Nova Geração em: www.trekbrasilis.org

5 – **CLFC:** Poderia dar um depoimento sobre Star Trek em termos pessoais e gerais para os sócios do CLFC-Clube de Leitores de Ficção Científica nessa edição especial do Somnium dedicada a Nimoy/Spock/Star Trek?

Susana Alexandria: Foi através da série Jornada nas Estrelas que passei a gostar de ficção científica. E o personagem Spock, como já mencionei, era o meu favorito. Aquele ser meio humano, meio vulcano e seu eterno conflito entre a razão e a emoção sempre me fascinou. A série original e suas derivadas – Nova Geração, Deep Space 9, Voyager e Enterprise –, assim como os filmes para o cinema constituem um fascinante universo ficcional que, há quase 50 anos, vem proporcionando diversão e entretenimento, assim como reflexão e conhecimento, a milhões de fãs no mundo todo. Sou um deles! Pessoalmente, a série influenciou até minha vida profissional. O envolvimento com Star Trek acabou me direcionando para a área de tradução literária, particularmente de ficção científica. Os primeiros livros que traduzi, em 1999, foram de Star Trek (que, infelizmente, a Editora 67 acabou não publicando). Desde então, venho traduzindo livros de ficção científica para a Ed. Aleph, que, aliás, foi pioneira na publicação das novelizações de Star Trek.



HISTÓRIA DOS FÃ-CLUBES DE STAR TREK NO BRASIL

Dos Primórdios até 2006

publicado originalmente em www.scarium.com.br/artigos/simao02.htm



por

**Marcello
Simão Branco**

A história do movimento de fãs brasileiros de Jornada nas Estrelas (Star Trek) é, curiosamente, muito posterior ao tempo em que a série já era exibida na TV de nosso país. Quando o seriado estava na terceira e última temporada nos Estados Unidos, ele chegou ao Brasil. Era 1968 e a TV Excelsior, de São Paulo, passou a exibi-la. Esta emissora sofreu um terrível incêndio e cessou suas atividades pouco tempo depois. A série voltaria ao ar em meados dos anos 70, na TV Tupi, também de São Paulo, exibida durante alguns anos nos sábados à tarde. Mais alguns anos de ausência e a série retorna ao ar por meio da TV Bandeirantes, de São Paulo. Esta emissora passou a ter uma convivência e exibição longa e intermitente, com várias fases de exibição e retirada do ar. O período mais longo de exibição foi entre os anos de 1982 e 1985 – quatro temporadas seguidas, portanto. Normalmente era exibida à tarde, por volta das dezessete horas. Mas houve época em que passou às onze da manhã e às oito e meia da noite – e às vezes em até dois horários em um mesmo dia!

Na época em que o primeiro fã-clubê surgiu, a série não estava sendo exibida na televisão. Era o início dos anos 80, pouco depois da exibição do primeiro filme da série no cinema, Jornada nas Estrelas (Star Trek – The Motion Picture, 1979).

O grupo era composto, em sua maioria, por fãs que conheciam a série desde os tempos da primeira exibição no Brasil e durante os anos 70. Se denominavam como Star Trek Fan Club do Brasil. Vestiam camisetas que lembravam a série e publicaram um único número de um fanzine chamado Trek News, editado por Leonardo Bussadori – que anos depois obteve algum destaque como co-editor do fanzine ... E no Próximo Episódio, sobre séries de TV.

As atividades deste grupo inicial de fãs consis-

tiam em reuniões semanais no fast-food Well's da Rua Augusta (centro de São Paulo) e numa loja de fotos e pôsteres de cinema em uma galeria na mesma rua. Trocavam material, como livros, discos, revistas e informações sobre Jornada e cinema. Religiosamente todo sábado a partir das duas horas da tarde.

Alguns dos integrantes foram figuras importantes no fandom de Jornada nas Estrelas durante vários anos, como o jornalista Sérgio Figueiredo e Wilson Maffetano, que tinham um conhecimento enciclopédico sobre a série, capazes de reproduzir falas inteiras dos personagens em diálogos. Também fazia parte daqueles primeiros tempos, fãs ativos por alguns anos, como Paulo 'Spock' – que era assim chamado porque era fisicamente muito parecido com o ator Leonard Nimoy –, Pupo – um dos donos da loja de fotos –, Paolo Fabrizio Pugno, Lee – que confeccionava as camisetas –, Gustavo Vargas (1) e outros.

Uma passagem interessante destes anos coube ao Figueiredo. Ele respondeu a perguntas sobre a série durante algumas semanas, em um programa de auditório de muito sucesso na TV, chamado "O Céu é o Limite", apresentado pelo animador J. Silvestre.

FOGUETES E A SÉRIE

Em março de 1983, contudo, surgiu aquele que é identificado com o primeiro fã-clubes importante de Jornada nas Estrelas no Brasil, a Sociedade Astronômica Star Trek (SAST). Inicialmente era uma associação voltada à divulgação e prática da astronomia amadora e construção de foguetes experimentais – alguns chegaram a ser lançados às margens da represa de Guarapiranga, zona sul de São Paulo. Mas dois de seus principais integrantes resolveram acrescentar a série entre as atividades do clube. Eram eles, Álvaro Ricardo de Souza Júnior e Eduardo Brandau Quitete, estudantes do ensino médio do colégio particular XII de Outubro, em São Paulo.

Ao contrário da informalidade e descontração do primeiro grupo, a SAST tinha seu estatuto – que, apesar disso, nunca foi aplicado na prática –, cadastro dos sócios e publicação do fanzine Star News,

com boa regularidade, além de um dos primeiros do fandom brasileiro de ficção científica ao lado do Boletim Antares, do Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre. (2)

O Star News foi publicado de 1983 a 1990, com 43 edições, noventa por cento delas tendo como editor o presidente do clube, Álvaro Ricardo. Continha notícias sobre as atividades do clube, informações sobre a série e sobre astronomia e astronáutica, além de artigos, textos de divulgação científica e, vez por outras, contos de ficção científica.

A SAST mantinha reuniões semanais no sábado à tarde no mesmo Well's da Rua Augusta. Isso não é simples coincidência. Os dois grupos de fãs se conheceram quando o Eduardo Quitete viu na fila de um cinema, membros do Star Trek Fan Club vestidos com camisetas relativas à série. Um papo leva a outro, e os dois grupos acabaram se conhecendo e integrando. A SAST, devido à sua maior organização, agregou os componentes do primeiro grupo de fãs, que abandonaram aquela denominação.

A SAST contava com um quadro associativo expressivo em número (3) e desanimador em atividade. A maioria dos seus sócios entrou para o clube motivados pela reprise da série na TV Bandeirantes – de São Paulo –, entre 1982 e 1985, e pelos sucessos dos filmes no cinema, Jornada nas Estrelas II, III, IV e V.

Apesar de muita gente interessante compor a entidade, muito poucos ajudavam efetivamente. Isso acabou por levar à direção apenas uma pessoa, o Álvaro Ricardo. Ele ficou cada vez mais identificado pessoalmente com a instituição, levando-a de acordo com suas preferências e motivações. Em um certo momento esta dependência excessiva em torno do presidente ocasionou sérios problemas. Em fins de 1988 alguns sócios próximos a Álvaro Ricardo reivindicaram mais espaço para atuar e se fazer ouvir no clube. Eram fãs que haviam entrado para a organização há poucos anos, sem vínculo com a fundação. Propunham alterações radicais na estrutura de funcionamento da SAST: redação de um novo (e efetivo) estatuto, eleição direta para presidente, reformulação do Star News e registro da entidade como uma instituição legal reconhecida.

É possível fazer uma ilação deste movimento com o que o próprio Brasil vivia: um período de transição de volta à democracia, depois de duas décadas sob ditadura militar. Nos mais diferentes setores da sociedade, reivindicava-se mais participação e igualdade entre os cidadãos. Uma nova Constituição havia sido promulgada, com amplos direitos políticos, civis e sociais para os cidadãos. Mas no microcosmo social da SAST, se é possível assim colocar, os ventos democráticos não foram bem recebidos por sua direção.

Sentindo-se meio como dono do clube – por ter sido um dos criadores –, além do fato de conduzi-lo sem muita ajuda até aquele momento, houve uma resistência vigorosa no sentido de não alterar a situação do clube. E para isso contribuiu também o fato do próprio presidente nunca ter cobrado uma maior participação dos sócios – a maioria, especialmente os mais antigos, omissos e satisfeitos em apenas receber passivamente o que o presidente fazia.

Em termos práticos, o presidente Álvaro Ricardo foi apoiado por alguns membros fundadores, como o Eduardo Quitete – embora este fosse um pouco mais flexível em aceitar mudanças –, e seu influente vice-presidente, Heitor Carbone Júnior. Assim a Diretoria não concordou com as propostas de reformulação e, infelizmente, o clube se dividiu, com o grupo opositor se retirando da associação. (4)

NOVO CLUBE

Sem espaço político na SAST, os membros opositores criaram um novo clube. Assim, nasceu em 28 de maio de 1989 o Trekker's Club. E com pompa e circunstância: dentro da programação de uma Semana de Ficção Científica, no Instituto de Física da Universidade de São Paulo. Eis os fundadores: Dino Jorge Braga, Gustavo Vargas, Ivo Luiz Heinz, Marcello Simão Branco, Patrícia Melo, R.C. Nascimento e Solange Castanheira. Ambicionava por em prática todas as reivindicações propostas à SAST e, mais que isso, ser a 'voz oficial' da série no Brasil.

O Trekker's Club começou suas atividades com reuniões mensais na Livraria Paisagem, situada numa galeria na Avenida São Luís, centro de São Paulo. Mais precisamente no segundo sábado de

cada mês a partir das nove horas da manhã. Mau sinal: nunca mais de cinco lá apareceram e ocorreram, se tanto, uns três ou quatro encontros. Publicou também o seu fanzine, o Trekker's Log. A maioria das edições teve como editor o fã Dino Braga (5), durou quatorze números, com periodicidade irregular e conteúdo precário. Foi o sinal mais evidente do insucesso e fiasco em que se transformou a associação pouco mais de um ano depois de sua fundação.

O fato é que novo clube não deu certo por várias pequenas razões que se somaram. A Diretoria foi mal escolhida, com pessoas inexperientes e que se desentendiam facilmente: Solange, presidente; Dino, secretário-executivo e Ivo, tesoureiro. Além disso, os sócios fundadores não tiveram a devida compreensão e paciência necessária para com uma entidade nova e em formação. Outro fato é com relação à linha de atuação em que foi idealizado o clube. Ele foi muito influenciado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) (6), quanto à forma de ser conduzido e administrado. Mas o mal não é esse, mas sim que o Trekker's Club acabou por se parecer mais com um clube literário do que o de uma série de televisão. Esqueceu-se que Jornada nas Estrelas é um espetáculo visual de entretenimento e não de erudição. Que pode ser apreciado coletivamente, ao passo que um livro é de caráter individual.

E a SAST como ficou? Esvaziada e relegada a seus fundadores. Até que o próprio presidente perdesse o interesse e, na prática, o clube se extinguisse. (7) Já os fundadores do Trekker's Club seguiram caminhos diferentes: uns se integraram a novos grupos de fãs da série; outros se mantiveram ativos no fandom literário, e houve os que levaram os desentendimentos para o lado pessoal e se afastaram do convívio da comunidade de ficção científica, seja a dos trekkers, seja a literária.

FROTA ESTELAR BRASIL

Mas no rastro da implosão da SAST e do nascimento do Trekker's Club surgiu aquele que se tornou o maior e mais importante clube sobre Jornada nas Estrelas até esta primeira década do século XXI.

Exatos seis dias depois da fundação do Trekker's

Club foi criada a Frota Estelar Brasil (FEB). (8) Mais precisamente no dia 3 de junho, em um sábado nublado no extinto Cineclub Bixiga, na boêmia Rua 13 de maio, centro de São Paulo. O auditório estava lotado e o clube nascia sob a liderança de professores universitários e de ensino médio. Seu presidente eterno, Luís Ambrósio Navarro era secundado, neste primeiro momento por Aldo Novak e Amaury Simoni. A entidade apareceu com muita publicidade e autopromoção, tendo como marca registrada, os sócios vestidos com o uniforme dos personagens da série clássica. Tinham como lema “levar o conhecimento científico através da ficção científica, especialmente Jornada nas Estrelas.”

Polêmicas à parte, a FEB passa a realizar atividades que o fã-médio da série – que não lê livros de ficção científica, mas assiste a muita televisão –, espera: entretenimento e consumo. Arregimentam centenas de jovens fãs, reunindo-os em reuniões periódicas chamadas pomposamente de Convenções Estelares. Nela exibem episódios das várias séries da franquia Jornada nas Estrelas, palestras de curta duração e com temas populares, no qual conceitos científicos são discutidos tendo por base o seriado ou a ficção científica de modo geral, sorteio de produtos e memorabilias relativas à série. Estes encontros duravam durante um dia inteiro e havia cobrança de ingresso para os não-associados.

Trocando em miúdos: a FEB importou o modelo norte-americano de eventos de fãs, especialmente os de televisão e cinema, com as devidas adaptações ao cenário brasileiro. Isso nunca havia existido nos outros clubes, ou informais demais, ou muito rígidos quanto ao seu funcionamento. E sem o óbvio: o cultivo à exibição pública dos episódios da série, o objeto de que, afinal de contas, unia a todos em torno de uma mesma paixão.

A FEB também contou com um empurrãozinho: entre os anos de 1991 e 1992, a rede de TV Manchete, do Rio de Janeiro, voltou a exibir a série, depois de seis anos de ausência pela TV Bandeirantes. E a boa novidade não era apenas a reprise da série clássica mas sim a ansiada estréia no Brasil de Jornada nas Estrelas – A Nova Geração (Star Trek – The Next Generation). Os integrantes da FEB não perderam tempo e com senso publicitário aproveitaram a ex-

posição da série para divulgarem a associação, seja em jornais, rádios, revistas e programas de televisão os mais variados. Era relativamente comum nestes primeiros anos da década de 90 vê-los na televisão e na mídia impressa vestidos ou com o uniforme da série clássica ou então da nova geração. Algumas reportagens, inclusive, os ridicularizava, expondo-os como pessoas bizarras e socialmente mal resolvidas. Mas nem isso lhes tirava o ânimo em divulgar em que meio – e de que forma fosse – o fã-clube.

Este modelo de alta publicidade e eventos populares mostrou-se muito bem-sucedido. Além disso, a FEB tinha atividades cotidianas, digamos, para as suas centenas de sócios. A começar pelo fanzine Diário de Bordo, que foi publicado de forma irregular por cerca de doze anos. Também o conteúdo era muito variado, segundo o editor de ocasião – e foram vários. Por vezes a prioridade era a série, por outras uma mescla com popularização científica e ficção científica em geral. Publicava também boletins informativos com temas específicos e sob o cuidado de um fã em particular. Assim havia o TrekkerGramma – notícias –, TrekkerCultura – relação da série com literatura – e TrekkerBiografia, com resumos biográficos de atores vinculados à série. (9)

Por alguns anos existiu também uma curiosa sub-divisão dentro da FEB, chamada de Divisão de Engenharia. Dois dos sócios, o Ivo Luiz Heinz – egresso da SAST e do Trekker’s Club e sócio do CLFC – e Paolo Fabrizio Pugno – vindo do primeiro dos grupos de fãs da série –, engenheiros de formação, lideravam reuniões no qual se debatiam assuntos técnicos, ‘treknológicos’ da série. Não só fãs engenheiros iam às reuniões, mas também fãs em geral interessados neste aspecto da série. E o êxito rendeu um bom fanzine, chamado Warp 9. Com vinte edições – entre 1993 e 1994 –, era bem produzido e de boa periodicidade. Foi, possivelmente, o melhor fanzine brasileiro sobre Jornadas nas Estrelas já realizado. (10)

RIO DE JANEIRO

Mas o movimento de fãs em torno de Jornada nas Estrelas não se organizou apenas em São Paulo.

A ex-capital federal também contou com um grupo expressivo de fãs. Inicialmente os cariocas se organizaram em meados dos anos 80 e se integraram à SAST. Sob a liderança da jornalista Cristina Nastasi, uma comunidade se formou, com atividades próprias, como reuniões, visitas esporádicas de alguns fãs a São Paulo – e dos paulistas aos encontros do Rio também. Com a crise da SAST, eles resolveram manter contato estreito com o novo clube, o Trekker's Club, mas também ganharam mais autonomia em torno de um fanzine, o JetCom – Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações. Bem produzido, enfocava a série com sinopses de seriados, comentários de fãs, artigos, curiosidades e notícias. Durou entre os anos de 1992 e 1994.

Com a exibição da série por uma televisão do Rio de Janeiro, alguns fãs terminaram por ser os próprios dubladores dos personagens, como o fã Guilherme Briggs, também um bom ilustrador sobre temas relativos à série. Já a Nastasi se especializou em tradução, como a autobiografia de Leonard Nimoy, *Eu Sou Spock (I Am Spock)*, pela editora Mercúrio, em 1997. E também a do importante livro de referência *Star Trek Compendium*, de Allan Asherman, que ganhou uma edição brasileira com o título de *Jornada nas Estrelas Compendium – A Série Clássica*, pela editora Sci-Fi Books, de São Paulo, em 1999. (11)

Com o passar dos anos e o protagonismo da FEB, os fãs cariocas se dispersaram, mas proporcionalmente foram os que mais trabalharam profissionalmente com a série. E eles realizaram ao menos um evento de alcance nacional. Foi em setembro de 1989, na pré-estréia de *Jornada nas Estrelas V – A Última Fronteira (Star Trek V – The Final Frontier)*. Centenas de fãs devidamente uniformizados e

fantasiados lotaram um cinema em um sábado à noite, no Largo do Machado, centro do Rio, para ver o filme. Dezenas de fãs de São Paulo e outros estados compareceram.

VISITA DE ATORES

A FEB não perdeu tempo e promoveu o mesmo evento – em parceria com a Paramount Pictures no Brasil –, no lançamento do filme seguinte no cine-

ma, *Jornada nas Estrelas VI – A Terra Desconhecida (Star Trek VI – The Undiscovered Country)*, em 1992. Fecharam o maior cinema de São Paulo na época, o Comodoro da Av. São João e lá estiveram cerca de mil fãs uniformizados em sua maior parte para assistir à pré-estréia do filme.

Este talvez tenha sido o primeiro dos mega-eventos que a FEB passou a organizar. Como já ressaltado, suas reuniões mensais eram muito populares e concorridas. Mas foram crescendo em tamanho e ambição. Passaram a ser realizadas apenas quatro vezes por ano, num dos maiores centros de convenção de São Paulo, o Anhembi, e contaram com uma estrutura de organização cada vez mais profissional. A cargo destes eventos esteve o fã e jornalista Christiano de Mello Nunes. Ele também editou alguns números de um fanzine satírico sobre a série, chamado *Galileu*, mas se destacou mesmo como o manager de convenções cada vez mais bem organizadas e divulgadas. Contava com apoio de agências de publicidade, releases distribuídos na mídia, parceria com a CIC Video e a Paramount Pictures no Brasil. Todo este aporte tornou possível a realização de alguns sonhos de muitos trekkers: a vinda de atores da série clássica ao país.

O primeiro deles a desembarcar em São Paulo foi George Takey, o personagem Sulu da série clássica. Em 28 de setembro de 1996, cerca de mil fãs lotaram uma das salas de eventos do Anhembi. Oficialmente marcou a comemoração de 30 anos de *Jornada nas Estrelas*. Takey proferiu uma palestra sobre sua participação na série e assinou dezenas de autógrafos.

Em 2002, seis anos depois, foi a vez de Walter Koenig, o personagem Chekov da série clássica. (12) Em outro evento com perto de mil pessoas, dia 15 de junho, em São Paulo, no mesmo local do evento anterior, o ator deu uma palestra e passou um dia inteiro na companhia dos fãs.

No ano seguinte, o Brasil teve a oportunidade de conhecer mais dois atores. Primeiro, em 28 de junho em São Paulo, apareceu a atriz Denise Crosby, a personagem Tasha Yar, da primeira temporada de *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração*. Ela não veio por meio da FEB e sim da U.S.S., uma loja de produtos importados sobre vídeo e cinema. Cerca

de 120 pessoas assistiram sua palestra no Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. A principal motivação da visita da atriz foi a gravação de um documentário sobre os vários fãs da série em todo o mundo.

Contudo, o grande e maior evento da história do movimento de fãs de Jornada nas Estrelas ocorre quatro meses depois, em 25 de outubro, em São Paulo. A vinda de Leonard Nimoy foi um acontecimento que extrapolou o ambiente dos fãs. Ganhou muito espaço na imprensa, jornais, revistas e reportagens de TV. Apesar da presença de Takey e Koenig ter sido festejada, o que os fãs sempre desejaram mesmo, era a vinda de um dos três principais atores, Nimoy, William Shatner ou DeForest Kelley. Como o Dr. McCoy infelizmente faleceu em 1999, o projeto passou a se concentrar no Capitão Kirk e no Sr. Spock.

Para se ter uma idéia da popularidade de Spock, ele é mais conhecido do público em geral do que a própria série. Mesmo quem não gosta ou não conhece Jornada nas Estrelas, sabe quem é Spock, “aquele alienígena de orelhas pontudas.” (13) Aproximadamente mil pessoas também comparecem – no mesmo local dos eventos anteriores – à convenção que marcou sua visita. Nimoy ficou três dias em São Paulo e além do evento, concedeu entrevistas e participou de uma exposição em uma galeria de arte com fotos de sua autoria.

Mesmo com muita euforia dos fãs e especialmente da FEB, responsável pela vinda de Nimoy e dos outros atores, este evento marcou, paradoxalmente, o fim da própria entidade. No momento em que ela atingiu o ápice, chegou também ao seu ocaso. Já há alguns anos havia discordâncias quanto à liderança de Luiz Ambrósio Navarro, outro presidente ad infinitum de clube de fãs de Jornada nas Estrelas. Alguns fãs, como Aldo Novak, saíram da entidade, e tentaram criar fãs-clubes de outras séries de TV – como Arquivo X –, mas sem êxito. Conforme Navarro se estabelecia no poder, procurava se cercar de novos aliados fiéis e que questionassem pouco sua liderança.

Contudo, o que realmente motivou o fim das Convenções Estelares foi a morte precoce e surpreendente do organizador destes eventos, o Christia-

no Nunes, com apenas 37 anos, em decorrência de uma cirurgia de redução de estômago mal sucedida. Inclusive, ele mesmo esteve intimamente envolvido nas negociações para trazer Nimoy ao país. O evento aconteceu três meses após o seu falecimento.

Um fãs-clubes dividido internamente e sem o seu manager, o homem que fazia as coisas acontecerem, na prática levou a FEB a diminuir drasticamente todo o conjunto de atividades que a mantinha. Oficialmente ela não acabou, mas nos dias que correm é uma pálida sombra do que já foi um dia.

DISPERSÃO DE FÃS

Já antes da desaceleração do principal fãs-clubes da história de Jornada nas Estrelas no Brasil, os fãs já se organizavam regionalmente pelo país. E esta tendência cresceu com a paralisação da FEB, basicamente de duas maneiras: 1) criando pequenos grupos de fãs, espalhados pelo interior do país; 2) mantendo comunicação por meio de sites e listas de discussão na internet.

No primeiro aspecto, existem alguns fãs-clubes espalhados pelo país, ou seja acabou a concentração e dependência de São Paulo. É difícil precisar quantos estão ativos, mas os principais são o Organia Star Trek Fãs-Club (de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais), Star Trek – Federação dos Planetas Unidos (de Curitiba, Paraná), Grupo Avançado (de Fortaleza, Ceará), Base Estelar Campinas (de Campinas, interior do estado de São Paulo), Solar 7 (de Santo André, também do interior do estado de São Paulo).

Durante a primeira metade dos anos 90 foram atuantes clubes como Star Trek Center (de Jundiaí, interior do estado de São Paulo), Kobayashi Maru (de Porto Alegre, Rio Grande do Sul) e Clube Estelar Star Trek (de Belo Horizonte, Minas Gerais). Em São Paulo também foi criado um fãs-clubes em fins dos anos 90, chamado Federação da Frota Estelar de São Paulo, provavelmente um grupo dissidente da Frota Estelar Brasil.

A maioria destes clubes possui endereço na internet e também mantém listas de discussão, no qual os fãs mantêm contato diário, como o do site Trek

Brasília, um dos mais frequentados (www.trekbrasilis.net). Existe aproximadamente 60 home-pages criados por fãs brasileiros, enfocando aspectos específicos da série, como raças alienígenas, klingons, borgs, romulanos, vulcanos, naves espaciais, listas de episódios, trilhas sonoras, personagens, versões específicas da franquia no cinema e na TV, como, por exemplo, da Nova Geração e Deep Space Nine, comercialização e troca de produtos etc.

E outro motivo de redução das atividades da FEB, além dos já apontados, é que a exibição das várias versões da franquia da série passou a ser regularmente exibida em TVs a cabo e por vezes mesmo em canais da TV aberta do país. Também foram lançados episódios das várias versões em VHS e em 2005 chegou ao país o tão esperado DVD da série clássica. Com tudo isso, o público que comparecia às reuniões da FEB – e de outros fã-clubes – já estava diminuindo nos últimos cinco anos, pelo menos. Pois as pessoas não precisavam ir a um evento público para rever um episódio da série clássica ou ver um inédito da sétima temporada de Jornada nas Estrelas: A Nova Geração ou ainda um de Voyager ou Enterprise. Viam os episódios em suas próprias casas.

Desta forma, se o movimento de fãs se dispersou em termos de clubes e eventos, ele, porém, não está desaparecido. Sem dúvida, que o momento atual é menor em termos de atividades concretas e influência dos fãs em torno dos seus interesses com relação às várias séries da franquia Jornada nas Estrelas. Mas eles mostraram sua força apaixonada e ávida de consumo em maio de 2005 quando quase esgotaram em apenas um mês, a primeira edição do DVD do primeiro ano da série clássica. (14)

É possível dizer que os trekkers estão vivos, mas vivendo um momento de maior facilidade de acesso à sua paixão e com um meio de comunicação mais individualista, como a internet. Talvez só mesmo se o Capitão Kirk viesse ao país, poderíamos reunir novamente milhares de fãs em um único local, mostrando publicamente – mais uma vez – o quanto o brasileiro gosta de Jornada nas Estrelas.

Do artigo original: **Marcello Simão Branco**, jornalista e trekker por muitos anos, é um dos editores do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica. E-mail do autor: marcellobranco@ig.com.br.

Notas:

- (1) Este, um dos fãs mais antigos e ativos. Frequentou todos os fãs-clubes da série criados em São Paulo, ao longo de mais de vinte anos. Ficou notabilizado por organizar várias listas de assinaturas de fãs com o intuito de pressionar emissoras de TV a exibir as várias versões da série, além do lançamento delas em vídeo VHS.
- (2) Já os primeiros fãs, aqueles do Star Trek Fã Club do Brasil, pareceram alheios às disputas políticas. Continuaram seus encontros semanais por mais alguns anos na mesma lanchonete e participaram de forma eventual de encontros de fãs de novas entidades criadas posteriormente.
- (3) Inclusive com alguns nomes que se tornariam destaque no cenário da ficção científica brasileira, como os escritores Jorge Luiz Calife e Roberto de Sousa Causo.
- (4) É curioso notar que este 'racha' na SAST foi noticiado até na grande imprensa de São Paulo, especificamente no Jornal da Tarde, incluindo fotos de fãs pró e contra as mudanças.
- (5) Depois de se afastar do Trekker's Club, ele cria uma nova associação na cidade em que morava, São Bernardo do Campo, próxima à São Paulo. Chamou-se Jornada nas Estrelas Brasil, em setembro de 1994. Consta que o fã-clubes durou alguns anos e congregou fãs residentes apenas na cidade.
- (6) Criado pelo fã e pesquisador R.C. Nascimento em dezembro de 1985, o Clube de Leitores de Ficção Científica é a principal organização da comunidade de fãs brasileiros de ficção científica.
- (7) Já os primeiros fãs, aqueles do Star Trek Fã Club do Brasil, pareceram alheios às disputas políticas. Continuaram seus encontros semanais por mais alguns anos na mesma lanchonete e participaram de forma eventual de encontros de fãs de novas entidades criadas posteriormente.
- (8) Os integrantes fundadores da Frota Estelar Brasil estiveram presentes – como espectadores – na fundação do Trekker's Club. E lá anunciaram que também iriam criar um novo fã-clubes. Ainda sobre os criadores da FEB, alguns deles chegaram a comparecer em algumas reuniões no fast-food Wells, no começo dos anos 80. Mas não se integraram com o grupo que já frequentava o local.
- (9) Vale registrar que também existiram fanzines sobre a série não ligados a fã-clubes, ou seja, editados por fãs de maneira independente. Entre os de maior destaque pode-se citar o Trekker Report – que chegou a ser vendido em bancas de jornais de São Paulo e o Starfleet. Tiveram pouca regularidade e não resistiram por muitos anos.
- (10) Por causa do êxito de seu trabalho de edição do Warp 9 e coordenação desta Divisão de Engenharia, Ivo e Paolo foram convidados pela editora Aleph a traduzirem o livro Manual da Enterprise do Engenheiro Montgomery Scott (Mr. Scott's Guide to the Enterprise), de Shane Johnson, em 1993. Esta editora também publicou várias novelizações da série, durante a primeira metade da década de 90.
- (11) Cristina Nastasi também foi a responsável pelas traduções dos pocket books escritos pelos americanos J.A. Alexander e James Blish – este um prestigiado autor de ficção científica –, que transformaram os roteiros em contos. Saíram cinco volumes, pela editora paulista Unicórnio Azul, entre os anos de 1995 e 1996.

Cada volume tinha entre cinco e seis episódios, além de artigos assinados por fãs, como a própria Cristina, Susana Lopes de Alexandria – a responsável pelo Trekker Cultura, da FEB –, Silvio Alexandre – o editor desta série de livros –, e Anna Creusa Zacharias, autora de um romance baseado na série, chamado A Abadia, de 1992.

(12) Antes da visita de Walter Koenig, esteve presente em São Paulo nas convenções da FEB, por pelo menos duas vezes, o produtor da Paramount Pictures americana, Richard Arnold.

(13) Uma curiosidade: em meados dos anos 80, o Brasil vivia um período político de retorno ao regime democrático depois de duas décadas de autoritarismo militar. Em uma das primeiras eleições da nova fase, chegou a ser confeccionado por alguns fãs, um pequeno cartaz com o rosto de Spock e o slogan: “Spock Para Presidente!”.

(14) Até o fim de 2005 ainda foram lançados o segundo e terceiro ano da série clássica. Ambos também com boas vendas. E em 2006 chegou ao mercado brasileiro temporadas da série Enterprise – a mais recente da franquia – e de Jornada nas Estrelas: A Nova Geração.

Referências bibliográficas:

ANÔNIMO (1968). “Lá em Cima Onde Mora a Aventura”, Intervalo. (É a primeira reportagem sobre Jornada nas Estrelas no Brasil, anunciando sua estréia na TV).

ASHERMAN, Allan (1999). Jornada nas Estrelas Compendium – A Série Clássica. Editora Sci-Fi Books.

BLISH, James e ALEXANDER, J.A. (1995-1996). Star Trek – Episódios da Série Clássica. Editora Unicórnio Azul.

BRANCO, Marcello Simão (1992). “Os Fãs de Star Trek no Brasil”, Somnium 58, CLFC, dezembro.

BRANCO, Marcello Simão, ed. (1996). Megalon 42, novembro.

BRANCO, Marcello Simão, ed. (2002). Megalon 65, junho.

BRANCO, Marcello Simão, ed. (2003). Megalon 70, dezembro.

FROTA ESTELAR BRASIL (1989-2003). Várias edições do fanzine Diário de Bordo.

HEINZ, Ivo Luiz e PUGNO, Paolo F. (1993-1994). Warp 9, nas 20 edições.

INTERNET (2005a). Google (www.google.com).

INTERNET (2005b). Yahoo Brasil – Diretório (www.yahoo.com.br).

JOHNSON, Shane (1993). Manual da Enterprise do Engenheiro-Chefe Montgomery Scott. Editora Aleph.

LIRA, Roberto de (1994). “Fãs Comemoram Volta de Seriado”, Folha de S. Paulo, 11 de setembro.

NIMOY, Leonard (1997). Eu Sou Spock. Editora Mercúrio.

SOCIEDADE ASTRONÔMICA STAR TREK (1983-1990). Várias edições do fanzine Star News.

SHATNER, William e KRESKI, Cris (1995). Jornada nas Estrelas – Memórias. Editora Nova Fronteira.

TREKKER'S CLUB (1989). Estatuto da associação, maio.

O autor agradece a Roberto de Sousa Causo, que fez o convite para um projeto editorial no qual este artigo foi inicialmente escrito. E a Ivo Luiz Heinz, que fez uma leitura atenta da primeira versão.

De 2006 à Atualidade

especialmente escrito para o Somnium 112



por

Carlos Alberto Machado (FPU, Loja Paraná do Conselho SteamPunk) com a co-autoria de **Lucas Laynes** (FPU); **Ruben Bender**, **Michelle Paese**, **Valter Cardoso** (CJPR); **Tarcisio Cavalcante** (Valey); **Adriano Penna** (Galáctica) e **Juliano Yamada** (Whovians-PR) e **Dioberto Souza** (Perry Rhodan e Trekker ABC)

No Brasil, na era nerd da década de 1960 e 1970, quando o estereótipo apontava pessoas estudiosas e um pouco anti-sociais, fãs clubes costumavam ser pequenos eram singelos e restritos a poucas pessoas, em sua maioria interessados em artistas norte americanos. Naquela época, a comunicação em comparação a de hoje, era precária e dependia da parca tecnologia do período. O correio ainda era o principal meio de troca de informações, não existia computador pessoal e muito menos internet. O mundo, evidentemente, era outro.

A partir da década de 1990, com o advento da informática e dos meios de comunicação, as coisas começaram a mudar. O conceito de nerd acompanhou essa mudança e atualmente o número de fãs-clubes não só aumentou, como os integrantes que deles participam. O nerdismo, quem diria, virou moda. Curiosamente a ficção científica através de séries e de filmes como Jornada nas Estrelas (Star Trek), trouxe à tona, grupos expressivos como a Frota Estelar Brasil em São Paulo, seguida pelo Jetcon no Rio de Janeiro e a Federação dos Planetas Unidos em Curitiba.

“Vida Longa e Próspera”

A “Federação dos Planetas Unidos”, fã-clube de ficção científica ciência e tecnologia, por exemplo, fundada em 1991 na cidade de Curitiba, capital do Paraná, pelo autor desse artigo, Carlos Alberto Machado, atualmente vem exercendo o cargo de conselheiro do clube. Na época, como hoje, a principal intenção do grupo era a de divulgar e expandir o espírito do criador da série Gene Rodenberry – conhecido entre os fãs como “O Grande Pássaro da

Galáxia”, que acreditava em uma sociedade mais justa, mais igualitária onde todos sem exceção tinham voz e vez. Sua utopia influenciou e ainda influencia várias vidas espalhadas pelo mundo, alguns até de forma exagerada, como pode ser evidenciado em alguns documentários como o famigerado *Trekkies*, produzido pela atriz que colaborou com uma das séries Denise Crosby. Dizem que na década de 1990 para cada dez norte-americanos, nove seriam *trekkers* (fãs da série). Hoje, o número deve ter diminuído, mas curiosamente no Brasil o número, apesar de mais baixo que o dos norte-americanos, tem se mantido. Em São Paulo, existem pelo menos mais dois clubes envolvidos com a temática ‘Grupo USS Venture’, ‘Frota Estelar Brasil’, ‘Federação da Frota Estelar São Paulo’ e ‘Trekker ABC’ e outro no Rio de Janeiro ‘AFERJ – Academia da Frota Estelar Rio de Janeiro’. Todos, trocam informações entre si. Esse espírito desbravador e o gosto pela ciência, que está embutida nessas séries levam esses grupos a insistirem em um sonho que não esmorecerá tão cedo.

Durante o primeiro ano, a FPU, como também é conhecida, organizou convenções mensais abertas ao público no auditório da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Paraná, em Curitiba onde realizava mostras de filmes em telões, realizavam também palestras e debates com os participantes. Nesta época, o fã-clubes desenvolveu uma bandeira com símbolo similar ao da Federação demonstrada nos filmes com quatro estrelas, mas em forma do Cruzeiro do Sul, com cinco (conjunto de estrelas que só podem ser vistos do hemisfério sul da Terra), acrescentado em seu bordado. Por tradição, esta bandeira confeccionada exclusivamente em cetim, é utilizada apenas em eventos que o clube organiza. Com o passar do tempo, o grupo cresceu cada vez mais, o que levou-os em 1995, a realizar uma mega convenção na cidade com o intuito de convidar outros clubes nacionais relacionadas ao tema. Assim, surgiu a 1ª Mega Convenção de Jornada nas Estrelas da Federação dos Planetas Unidos, realizada no extinto cinema da Prefeitura Municipal da cidade. Nesse mesmo mega evento também estava presente a atriz paranaense Sandra Grando (que atuou na época nas séries *Deep Space Nine* e *Next Generations* como atriz figurante). Isso ocor-

reu antes da vinda de George Takei ao Brasil, portanto a Federação foi o primeiro fã-clubes do Brasil a trazer do exterior um participante da série, mesmo que não tão conhecido. Também estavam presentes os dubladores Guilherme Brigs e Silvia Salustiano (ambos do Rio de Janeiro) que dublavam respectivamente Worf, Quark e Jadzia Dax. Na gestão atual, nas batutas de Lucas Laynes e Roberson Caldeira Nunes, vários eventos foram e continuam a ser realizados todos os anos no mês de agosto na capital paranaense, sempre com o apoio da Gibiteca e da Fundação Cultural de Curitiba, que sedem os espaços culturais Cinemateca e o Memorial da Cidade, para a realização dos eventos.

Com 23 anos de existência a Federação dos Planetas Unidos é hoje uma associação sem fins lucrativos devidamente registrada, com três mega convenções, dezoito convenções, duas exposições, lançamentos de filmes e livros e incontáveis reuniões já realizadas, tudo isso com forte presença de público e participantes de outros grupos brasileiros, uma referência de fã-clubes de Jornada nas Estrelas no Brasil. Atualmente, a Federação realiza eventos e mostras de cinema anuais, palestras em escolas e universidades, lançamentos de livros e filmes, reuniões e participa como parceiro de eventos da cultura nerd em geral, não apenas em Curitiba, mas também em outras cidades e estados do país.

Até um casamento nerd ao estilo jornada foi sacramentado em Curitiba, antes mesmo da moda vir ao Brasil. Em 1997, Carlos Alberto Machado e Eliana Gonçalves combinaram com seus padrinhos de casarem-se no civil, vestidos de forma diferenciada lembrando a utopia de Gene. Carlos encomendou uma roupa de gala da série *Nova Geração* e Eliana um vestido estilo princesa medieval. Assim o passado e o futuro se juntaram na esperança de um mundo melhor. A maioria dos padrinhos foram devidamente uniformizados e a cerimônia foi realizada em um bosque de um restaurante italiano da cidade. Três saxofones tocavam a trilha de *Star Trek* na entrada do noivo e a USS *Excalibur* encontrava-se estacionada no bolo de casamento do casal que salientava o símbolo da Frota Estelar confeitado com bolinhas prateadas. Foi registrado como o primeiro casamento nerd com temática ficcional da Améri-

ca Latina e o segundo a nível mundial. O primeiro, naturalmente teria ocorrido nos Estados Unidos da América um pouco antes. Na época o programa Fantástico da Rede Globo, interessou-se pelas imagens que foram feitas e até queriam entrevistar o casal, mas a noiva não permitiu que fosse publicado na mídia. Lembramos que em 1997 cerimônias desse tipo ainda não eram bem vistas pela sociedade como o são atualmente. Dessa forma é compreensível o receio pela divulgação. Alienígenas também não foram permitidos, mas uma versão do andróide Data esteve presente na cerimônia como um dos padrinhos. Aliás, vários padrinhos e alguns convidados fizeram questão de ir a caráter o que apenas abrilhantou a cerimônia.

“Que a força esteja com você”

No ano de 1999, o Episódio I de Guerra nas Estrelas (Star Wars) chegava aos cinemas, após vários anos de espera dos fãs da saga. Os três primeiros Conselhos Jedi do Brasil (CJRJ, CJSP e CJMG) já estavam em atividade e organizaram a primeira Jedicon do Brasil, em São Paulo. Com a internet mais consolidada no Brasil, informações sobre os CJs e sobre a Jedicon chegaram ao Paraná. Três fãs, que moravam em Curitiba, mas não se conheciam, tiveram a mesma ideia: procurar outros fãs para criar o CJPR. Larissa Redeker foi à Jedicon em São Paulo, Rafael ??? participava do Fórum do CJSP e Valter Cardoso participava de uma lista de discussão com participantes do CJSP.

Após contatos por e-mail e telefone no final do ano de 1999, resolveram oficializar o início do CJPR com a lista de discussão no início de 2000. Dia 16 de março de 2000 foi realizada a primeira reunião, e o grupo começou a crescer. Até junho do mesmo ano eram realizadas uma ou duas reuniões por semana, que contava com Darth Massacre, Marlon, Michelle, Mauricio, Alex, Thais e Daniel, além dos três fundadores. Em 2001 a lista de discussão estava com 40 participantes, permanecendo nesse número até o ano de 2005, quando o último episódio da saga chegava aos cinemas. Incentivados pelo CJSP e pelo CJRJ, foi realizada a primeira Jedicon PR, na Cine-

mateca de Curitiba. O local acolheu muito bem os 220 participantes do evento, incluindo fãs visitantes paulistas e cariocas. Com o patrocínio da revistaria Itiban, o apoio da FOX filmes e da Fundação Cultural de Curitiba e da parceria com o CJSP, CJRJ e o CIRCWB que apenas ajudaram a abrilhantar ainda mais o evento do CJPR. O auditório do cinema ficou o tempo todo lotado para exibição dos fãs filmes nacionais: Sombras do Império de Milton Sorares, Casa dos Jedi de Henrique Granado e Dupla Surpresa de Joel Caetano. No final da semana da Jedicon a lista de discussão aumentou consideravelmente o número de participantes. Com o sucesso da Jedicon e o aumento na participação empírica e virtual, foi criada a primeira ORG do CJPR representadas por: Presidente – Thais Mayumi Makuta, Vice – Ricardo C. Quisen Jr., Secretaria – Tatiane Saldanha, Tesoureiro – Anderson Tino Toledo, Relações Publicas Inter-Conselhos – Federico Ferreira Almada, Relações Publicas Local – Roberson Mauricio Caldeira Nunes, Diretor de Eventos – Luiz Antonio Gouvea, Webmaster – Alex Marik, Owner lista CJPR – Valter Cardoso.

Ainda em 2005, foi realizada a Pré-Estréia do Episódio III no Shopping Estação e uma apresentação especial no espaço cultural da Livraria Fnac. O grupo agora contava com mais pessoas ativas, como Elizabeth, Claudia, Rebecka, Alexandre, Leia, Murilo, entre outros. Em 2006 e 2007, apesar de não haverem Jedicon, foram realizadas duas exposições nas Livrarias Curitiba.

O ano de 2008 inaugurou uma nova fase no CJPR, com a participação de Ruben Bender, Daniel Welinky e o retorno de Alex Marik. A Jedicon na Cinemateca chegou aos 600 participantes, as Livrarias Curitiba sediaram um Quiz e uma Caça ao Tesouro, foram realizadas exposições no Sesc da Esquina e no Shopping Água Verde.

Em 2009 o CJPR já se tornava um dos fãs clubes mais ativos do país. A cinemateca ficou pequena para os mais de 800 participantes, incluindo os visitantes do CJSP de Santos (SP), durante o evento. O CJPR organizou a única exibição nacional fora do circuito de mostras do aguardado filme “FanBoys”, produção dedicada ao amor dos fãs pela saga. Participou de vários eventos, como a Expotrek no Sho-

pping Jardim das Américas, promovido pela FPU, do lançamento da Hasbro na Bumerangue do Shopping Estação, outras exposições na Fnac e Shopping Água Verde, palestra sobre o Mito do Herói nas Livrarias Curitiba e a participação no Mac Dia Feliz. Também marcou presença com a maior caravana de outro estado na Jedicon SP, com 28 de seus integrantes, incluindo a palestra “O japonismo lucasiano de Star Wars” de Carlos Alberto Machado.

2009 rendeu frutos em 2010, culminando na exuberante Jedicon realizada no Colégio Santa Maria, que acolheu mais de 3000 pessoas, incluindo os visitantes do CJMG, do CJSP (Santos) e de Joinville. Os eventos continuaram com o lançamento da coleção Adidas no Shopping Barigui, Páscoa solidária na APACN e na unidade CEDAE da APAE-Ctba, Mac Dia Feliz concomitantemente em Curitiba e São José dos Pinhais, Palestras e Caça ao Tesouro nas Livrarias Curitiba, exibição de filmes na Cinemateca denominado Esquenta Jedicon. Em comemoração ao 30º aniversário de “O Império Contra-Ataca” o CJPR adquiriu o direito de exibição do filme, e dentro do esquenta apresentou o Episódio V gratuitamente, foi a primeira vez que muitos fãs (mais novos) puderam assistir à obra na telona.

Os eventos em que participou como convidado foram: 15a Convenção Trekker no Memorial de Curitiba, Evento da APP de Londrina, Evento de Plastimodelismo no Museu Expedicionário e World RPG Fest. Em 2011 o “Esquenta JediCon” evoluiu para “Mostra de Fã Filmes de Star Wars”, presenteando os fãs com uma grande variedade de obras independentes pela primeira vez legendadas. Houve também uma nova edição da Caça ao Tesouro nas Livrarias Curitiba, sendo que nesta edição ocorreu participação recorde dos integrantes do grupo. A Jedicon mais uma vez “mudou de casa” e foi sediada no Shopping Omar, com grande variedade de estandes e atrações de entretenimento para o público. Durante o evento contou com o lançamento regional do livro “Space Ópera”, contando com alguns autores do mesmo. Foi o primeiro fã clube de Star Wars a premiar o concurso de cosplay com um console de vídeo game de última geração, cedido pela administração do shopping. A quinta edição do evento contou com quase 3800 pessoas,

incluindo os visitantes do CJSP e CJRS.

A JediCon ainda teve mais uma edição em 2013, quando com diversificada programação e atividades interativas atraiu mais de 5000 pessoas ao Shopping Omar, onde novamente foi realizada, no concurso de cosplay, o CJPR mais uma vez proporcionou um grande prêmio cedido pela administração do shopping, um XBOX One, vídeo game de última geração para o primeiro colocado.

Em 2014 representantes do CJPR participaram do “TV FCírculo, Ficção Científica em debate” ocorrido na Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro) em Guarapuava, quando realizaram exposição de memorabilias e divulgação da saga.

Atualmente em 2015, o CJPR através de parceria com a Livraria Cultura está realizando diversos mini eventos em preparação ao lançamento do novo filme da saga de Star Wars que acontecerá em dezembro e planos para mais uma edição da JediCon-PR também estão em andamento.

“Ruas? Pra onde vamos não precisamos de ruas.”

Em 10 de fevereiro de 2012 Tarcisio Cavalcante conversava com sua amiga Fernanda Região, sobre a promoção de um encontro para assistirem filmes e realizar palestras sobre a trilogia De Volta para o Futuro. A idéia era um encontro casual sem pretensões, apenas para um bate papo. No dia seguinte com a ajuda de Rubão Bender, um dos incentivadores do CJPR (Clube Jedi Paraná), entraram em contato com a administração do Shopping Omar que demonstrou interesse na temática da trilogia feita para o cinema.

Dessa forma, dia 24 de março de 2012 é exibido toda a trilogia no Cinema do Shopping Omar, com a presença do crítico de cinema Marden Machado, e dos professores universitários Carlos Alberto Machado e Bertoldo Scheneider Jr. em um bate papo acalorado ao final da exibição. Com a empolgação do sucesso do evento, cerca de dois dias depois, foi fundado oficialmente com o primeiro fã clube da série denominado Hill Valey Telegraph – De Volta para o Futuro. Em janeiro de 2014, Valter Cardo-

so (um dos criadores do CJPR), ingressa no grupo virtualmente trazendo um convite especial para a participação da Iª Megacon Brasil.

Em 05 de julho de 2014 finalmente ocorre a Iª MegaCon 2014. Mesmo sem stand, participaram na organização do evento levando também alguns itens para passear e ajudar na divulgação por lá.

Em julho do mesmo ano, a convite de Roberson Caldeira Nunes (atual presidente da FPU) e de Lucas Laynes, participaram da 18ª TrekCon, organizada pela FPU – Federação, com seu primeiro stand oficial!

Estava implantado ali a semente dos eventos... o grupo virou “oficialmente” um Fandom, ou um fã-clube. Daquele momento em diante, vários eventos se seguiram e o grupo só cresceu. Ainda em outubro do mesmo ano, o fã-clube descobriu o proprietário de um DeLorean DMC-12 em Curitiba, que estaria disposto a participar dos próximos eventos e de exposições especiais promovidas pelo clube. Em 2015 pela comemoração da trilogia que citava o mesmo ano nos filmes, o grupo Cinemark e o fã clube criou uma enorme campanha nas mídias de redes sociais que auxiliaram a lotar as salas dos cinemas em todo o Brasil, fazendo a rede de cinemas ampliar por mais duas semanas a exibição das obras cinematográficas.

Entre os dias 01 e 10 de maio de 2015 participaram da exposição De Volta para o Futuro, com a participação do DeLorean DMC-12 no ParkShopping Center Barigui. Sucesso absoluto!

“Sosayweall!”

Outro grupo que vem crescendo é o Battlestar Galactica Brasil localizado em São Paulo.

O Grupo USS Venture, já citado acima, costuma apoiar diversos grupos e fã-clubes pertencentes a outros Universos SCIFI. Entre outros, incentivaram a criação e divulgação do Grupo Battlestar Galactica Brasil. O enredo desta série da década de 1978, é recheada de aventuras e fantasias relatando a fuga dos últimos sobreviventes da humanidade ocasionada por um grande ataque realizado por vilões

intitulados “Cylons”, uma raça cibernética liderada por um alien réptil que, aparecia muito pouco nos episódios.

Em 2004, o canal Sci-Fi, com a genialidade do roteiro de Ronald. D Moore, Battlestar Galactica estreou como um remake da série homônima, mas com uma abordagem diferenciada, mais atual e apresentando diversas mudanças no enredo. Já não havia mais aliens, mas os Cilonions continuavam a ser vilões, só que agora, se voltam para aniquilar seus criadores, a própria humanidade. Esta humanidade sofre um grande ataque e, com mais ou menos 49 mil sobreviventes, começa sua fuga em busca de um novo mundo, perseguidos pelos seus algozes Cylons, os quais tem o objetivo de exterminá-la. O grande diferencial da nova série exibida em 2004, é que a frota colonial luta para sobreviver à sua extinção, e não mais contra os Cylons, mas de si próprios! Imaginem um aglomerado de seres humanos em diversas e gigantescas naves coloniais, onde se misturam vários níveis sociais, intolerância racial, religiosa e divergências políticas. Esse mesmo aglomerado protegido por uma única nave de combate que tenta protegê-los e ao mesmo tempo reestabelecer a ordem, onde as lideranças se perderam e os recursos são escassos e quase nulos. Justamente pelo fato que a capacidade de Battlestar Galactica tem dentro do tema ficção científica, em reunir várias vertentes como política, religião, sociologia, guerra, e demais tabus e pontos realistas que fazem menção a nossa atual sociedade, não há como evitar o surgimento de uma legião de fãs e a criação de fãs clubes pelo mundo.

O ‘Universo Scify’ é uma dimensão onde tudo é possível num vislumbre do futuro, na lembrança do passado e nas descobertas do presente. A ficção científica é muito mais que monstros surreais, pessoas de pele azul ou de orelhas pontudas, assim como muitos a enxergam e classificam como bobagem. Na verdade existem vários níveis de Ficção Científica – desde a mais infantil e ‘trash’ – até a mais rica em conteúdo subdividida em ‘soft’ e ‘hard’. O conteúdo varia trazendo visões utópicas ou distópicas bem elaboradas à nossa sociedade atual. Mas o fato é que as ficções científicas são as obras que mais abordam os problemas sociais e políticos. E o

melhor: São essas obras que fazem a melhor crítica, com uma visão mais avançada que qualquer filme dito “realista”, pois não se sentem presas a pessoas e/ou grupos conhecidos. Dessa forma está livre para realizar críticas comparativas. Uma franquia que representa bem essa abordagem é Battlestar Galactica! Criada pelo ‘saudoso’ Glean A. Larson em 1978, Galactica trazia a humanidade no princípio de sua criação com a seguinte afirmação: “A vida começou lá fora”. Até o momento também é considerada por muitos, como a melhor série de ficção científica deste século.

Torna-se muito fácil identificar um país, uma crise social, um conflito internacional, ou até mesmo a si próprio dentro do enredo e dos personagens da franquia. Assim esse estigma atraente acaba por unir muitos fãs em grupos e clubes pela face da Terra. Existem fã-clubes nos EUA, na Europa (Itália) e na América do Sul, mais precisamente no Brasil! Nas terras tupiniquins, o primeiro fã-club de Galactica – Battlestar Galactica Brasil – surgiu em 2011, possivelmente o único representante da franquia na América Latina. Segundo o vice-presidente do clube BSG Brasil, Samir Fabiano... “Nós iniciamos nossa viagem pelo universo da fantasia levando conosco poucos colonos que tem o mesmo objetivo... Curtir Battlestar Galactica! Logo no início desta viagem fomos encontrando pelo caminho, mais coloniais remanescentes e, conseqüentemente aumentando nosso comboio. Somos uma pequena frota de mais ou menos 670 tripulantes brasileiros, unida pelo bem comum, pela alegria de curtimos o que gostamos e também para divulgar aquilo que a franquia aborda e admiramos – ‘Os seres humanos’ – com todos seus defeitos – que são muitos, qualidades, diversidade cultural e religiosa, política e é claro, a ficção científica. Venham curtir conosco e vislumbrar a capacidade dos seres humanos em sobreviver, não aos cylons, mas a si próprios”, completou Samir. Em constante crescimento, o clube brasileiro tem chamado atenção pelas redes sociais e, recentemente ganhou a atenção e apoio de um dos principais protagonistas das duas séries, o ator e produtor Richard Hatch, o capitão Apolo da série de 1978 e o vice-presidente Tom Zarek, na série de 2004.

No aniversário do grupo, Richard, presenteou seus fãs brasileiros com um vídeo produzido de seu próprio celular, um gesto simples, mas muito peculiar, mandando um ‘olá’ e antecipando boas novas sobre algo dentro da franquia de Galactica. “Muito querido e carismático, o nosso capitão Apolo”, declarou Marcia Klimiuc, uma das principais responsáveis pelo sucesso do Fã-club de BSG Brasil em nosso país e fora dele, dentre fãs, produtoras e atores da série.

Acesse o site www.bsgbrasil.com e faça parte do fã-club de brasileiro de Battlestar Galactica!

“Always”

Em meados de 2010, Juliano Yamada, tinha 28 anos e havia se tornado fã de uma série britânica chamada Doctor Who, criada na década de 1960, o qual contava a história de um Timelord (Lord do Tempo) natural do planeta Gallifrey que viajava pelo tempo e espaço com o uso de sua nave TARDIS. Bom, como de costume Yamada sempre curti o tema ficção científica misturado com o fantástico e logo se apegou de forma impressionante a nova série britânica. No mesmo ano percebeu que no Facebook estavam surgindo vários grupos regionais de Doctor Who (Whovians-SP, Whovians-RJ, etc.) e dessa forma decidiu aguardar o surgimento de algum grupo similar no Paraná. 2011 havia chegado e nada do grupo surgir. Então, próximo de agosto resolveu fundar um grupo paranaense, quando reuniu cerca de 50 interessados na série inglesa. Fizaram seu primeiro encontro Whovian no Museu Oscar Niemeyer em 17 de setembro de 2011. De lá para cá, o grupo só cresceu de uma forma impressionante. De 50 integrantes paranaenses para 1000. Começaram a realizar eventos periódicos denominados Café Whovian (reunião informal com o intuito de interagir novos integrantes) e o Whovianic (piquenique que costuma ser realizado em locais públicos como parques ou bosques de Curitiba).

Em 2012 ocorreu o denominado BOOM Whovian, graças ao espaço cedido pela ExpoTrek da FPU (já mencionado anteriormente) para divulgação de outros grupos, mas o ano considerado crucial aca-

bou sendo 2013, ano do aniversário de 50 anos da série, em que o grupo realizou um evento especial no auditório da livraria Cultura no Shopping Curitiba, quando ocorreu um concurso cosplay e palestras focadas no assunto Viagem no Tempo, realizadas por professores universitários e fãs do gênero.

Atualmente, em 2015, o grupo Whovian PR conta com um corpo organizacional formado por Juliano Yamada como Coordenador Geral, sub-chefia de Luiza “Lulu” Gabriella, apoios de Mariana Bentioglio, Ricardo “Cyberman” Becker, Camila Pereira e muitos outros apoiadores. O clube ainda conta com um grupo-filho conhecido como Sherlock-PR, fã-clube da série Sherlock surgida de integrantes do grupo Whovians-PR. Seu principal foco, como a maioria dos grupos atuais é a rede social Facebook como facebook.com/groups/WHOVIANS.PR e também divulgam suas ações através do Twitter. [com/WHOVIANS_PR](https://twitter.com/WHOVIANS_PR)

“Fogo na Caldeira e Asas a Imaginação”

A imaginação literária tem sido a principal responsável pela criação de fãs clubes em todo o mundo. Mas em alguns casos o visual parece competir com a literatura. É o caso dos estilos que vem fazendo sucesso de maneira tímida, mas que costuma chamar a atenção dos mais desavisados. Trata-se do movimento underground SteamPunk, Dieselpunk e outros punks da vida. O Brasil não foi exceção e por aqui os estilos se misturam e participam da vida de um grupo de pessoas e em vários estados brasileiros. Os principais responsáveis por sua difusão no país tupiniquim, sem dúvida, foram e ainda são, Bruno Acioly do Rio de Janeiro e Cândido Ruiz de São Paulo. Verdadeiros incentivadores da criação brasileira do Conselho SteamPunk que espalhou-se para quase todo o território nacional. São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Pará, Ceará, Rondônia, Brasília, Campinas(SP) e Londrina(PR). As conhecidas “lojas”, verdadeiras associações sem fins lucrativos, com a titulação inspirada nos tradicionais e enigmáticos maçons. Outros grupos ainda surgiram dentro dessa temática como Steampunk AirShip Piratas e Airship Galleon, ambos de São

Paulo. Todos apreciam o mesmo gênero visual que já existia na literatura e televisão, mas que até a década de 1980 ainda não possuía um nome. Contos de Julio Verne, H. G. Wells e a série televisiva de James West já eram bons exemplos do estilo SteamPunk.

O termo SteamPunk surgiu em meados de 1980 em meio a romances ciberpunk que vinculavam naquele período. Histórias de universos paralelos narrando aventuras com personagens históricos que de alguma forma mudaram algum detalhe no passado. Dessa forma a tecnologia a vapor desenvolveu-se de maneira significativa enquanto a energia elétrica ficava estagnada ao seu princípio entre as primeiras lâmpadas e as requintadas válvulas. Juntas, singram os mares da imaginação de escritores e roteiristas que cada vez aumentam em número seus escritos, filmes e animações. O século XXI trouxe a tona um estilo novo trajado de antigo valorizando o passado sem esquecer o futuro, o retrofuturismo, um movimento cultural que veio para ficar, que foge as mais loucas previsões realizadas no passado por escritores futuristas que arriscavam tentar imaginar como seria nosso futuro.

Os grupos brasileiros especializaram-se cada um em algum tipo de arte como teatro steampunk, dança tribal, literatura específica do gênero, concursos de steampunk “fantasias” e criações de maquinários.

A Loja Paraná do Conselho SteamPunk fundada por Carlos Alberto Machado, Gislaine Pereira e Pierrot Raffael “Ciel” em 2009 com a participação em eventos do gênero ficção científica ou de animes. Com o auxílio da Gibiteca no Solar do Barão organizaram inúmeras oficinas práticas que incentivavam a criação de artifícios que beneficiaram a existência do movimento no Paraná. Oficinas de cartolas, pinturas de envelhecimento em plástico, couro, como adquirir roupas adequadas em brechós, faça você mesmo seu Goggle, como usar a madeira para defesa, como criar sua personagem steampunk, ou como eles gostam de dizer “oficinas mão na massa”.

Com o aumento dos integrantes sentiram a necessidade de criar seus próprios eventos sempre homenageando alguma personalidade histórica como Rainha Elizabeth, Julio Verne, Leonardo Da

Vince, Santos Dumont e outros, os conhecidos Café a Vapor. Iniciaram-se no centro cultural Arcádia, onde realizaram dois eventos e atualmente todos ocorrem no AOCABar na rua 13 de maio na cidade de Curitiba. Nesses eventos fechados realizam atividades culturais, exposições de museus, danças, apresentações artísticas e concursos de steampunks (fantasias steampunk). Também realizam convêncios (picnics) steampunk em parques da cidade uma vez ao ano, participam de eventos estaduais e interestaduais na divulgação do movimento. Ainda auxiliam e participam ativamente das STEAMCON nacionais promovidas pela Loja São Paulo do Conselho SteamPunk, ocorridas na capital steampunk brasileira, a bela cidadezinha de Paranapiacaba localizada no litoral de São Paulo (Cidade ferroviária construída por ingleses no século retrasado) e dos picnics e chás vitorianos, promovidos por um grupo de senhoras curitibanas que preservam alguns aspectos culturais da bela época. Visto suas afinidades vitorianas, atualmente as meninas do picnic vitoriano e a Loja Paraná do Conselho SteamPunk tem procurado trabalhar em conjunto, principalmente como apoio.

Atualmente conta em sua organização com os steamers: Carlos A. Machado, Renata C. Kamarowski, Paulo Willians, Anne Karoline, Daniel Doerner, Lincoln Schindler, Carolina Schindler, André Felipe Wielgosz Leite, Carla Popper, Guiro Luan e Evelin Iensem. Cada um com seu personagem além da divulgação, entre outros, já participaram também das divertidas vídeo fotonovelas steampunk que podem ser encontradas facilmente no youtube: “Carnivale SteamPunk”, “O Sequestro no Trem” (com a co-participação da Loja Campinas) e “A Maldição da Múmia”. A idéia foi resgatar tradições antigas atualmente abandonadas como os intertítulos do cinema mudo, as fotonovelas das décadas de 1960 e 1970, misturadas a ensaios fotográficos e técnicas como photoshop e stop motion.

O movimento SteamPunk apesar de underground vem crescendo a olhos vistos em nosso país. Recentemente, maio de 2015, vários programas televisivos nacionais descobriram o movimento e o mostram em suas programações como o “Hoje em Dia” da Rede Record de Televisão e o programa

“Como será?” da Rede Globo de Televisão.

Participações literárias de integrantes do grupo ainda se destacam como “Nefilin” na obra Deus Ex Machina da editora Estronho, “O Turista” no livro S.O.S. a Maldição do Titanic, da editora Literata e o atual Vapor Marginal a ser lançado pela editora AVEC, Selo Taberna, com o conto “O Tempo, Companheiro Eterno” a ser lançado em agosto de 2015 na STEAMCON 2015.

Contatos:

<http://pr.steampunk.com.br/> e face: <https://www.facebook.com/groups/146818038739904/?fref=ts>

Perry Rhodan e o grupo TrekkerABC

Outro grupo que se destaca entre os fãs desde a década de 1990, é o Perry Rhodan, mas agora apenas de forma virtual possuindo centenas de fãs pelo Brasil que participam de comunidades na internet com sites e blogs. Em São Paulo Dioberto Souza, Kleber Toledo e Luciano Marzocca são os principais responsáveis pela divulgação do herói da ficção científica alemã em nosso país. Eles costumam participar de eventos de ficção científica e fantasia nacionais montando meses de divulgação da série, levando itens pessoais que possuem e apresentando palestras especiais sobre a série. Através do Trekker ABC que costuma realizar eventos envolvendo profissionais de áreas (cientistas, escritores, jornalistas, professores e outros profissionais liberais) que tenham alguma afinidade com os gêneros ficção científica, fantasia, aventura e afins. Apesar da nomenclatura que carrega o Trekker ABC, o grupo não se restringe apenas a série de Jornada nas Estrelas, mas também a divulgação e exibição de séries, animações, tokusatus, animes e filmes que tratem especialmente de ficção científica, fantasia e aventura, tanto atuais como antigos, sem qualquer distinção. O grupo surgiu a partir das reuniões de amigos com interesses em comum, que exibiam vídeos e itens de coleção em casa ou em eventos específicos. As atividades públicas iniciaram-se oficialmente em julho de 2012, quando, junto com o Departamento de

Cultura da Prefeitura de São Bernardo do Campo, exibiu episódios de Jornada nas Estrelas em três sábados consecutivos. Hoje, os eventos ocorrem uma vez ao mês.

O que é exibido nos eventos faz parte do material pessoal dos membros, a maioria colecionadores de longa data, com amplo acervo. Quando não há algum material, como todo bom fã, os membros vão à caça até encontrar o que procuram. Também existe uma equipe que produz legendas para os vídeos que não estiverem disponíveis em português. É importante salientar que todos os eventos são gratuitos e o público presente concorre a sorteios de brindes de três formas: – Para todos os participantes do evento; – Para todos os que fizerem doações de livros, revistas e quadrinhos (além do prêmio espe-

cial para a maior doação do dia); – Para todos que comparecerem a caráter (cosplay) além do prêmio especial para a melhor caracterização (não precisa ser somente das séries exibidas).

Contatos principais do Trekker ABC:

E-mail: trekkerabc@gmail.com;

Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/264905533622202/>

<https://www.facebook.com/TrekkerAbc>

Luciano Marzocca lucianomarzocca@gmail.com
<https://www.facebook.com/lucmarzocca>

Kleber Toledo kleber.mulero@gmail.com <https://www.facebook.com/kleber.toledo.1>





Arte por Sid Castro

Arte por Sid Castro



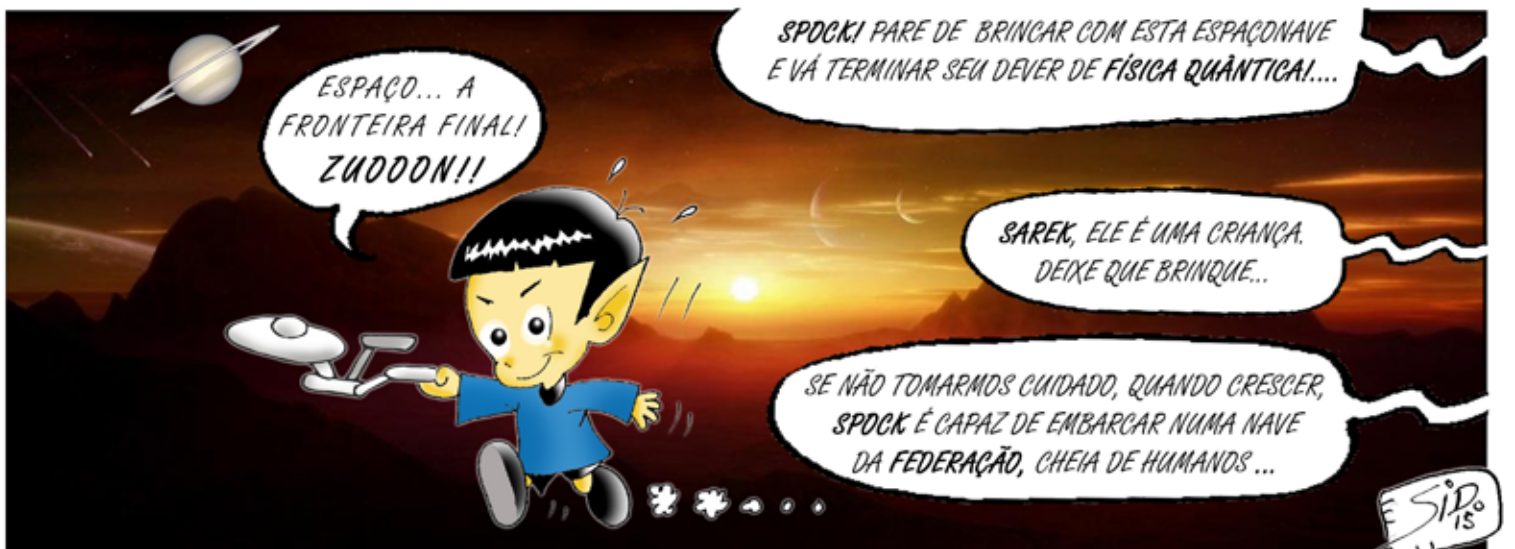
ONDE UM VULCANO JAMAIS ESTEVE...

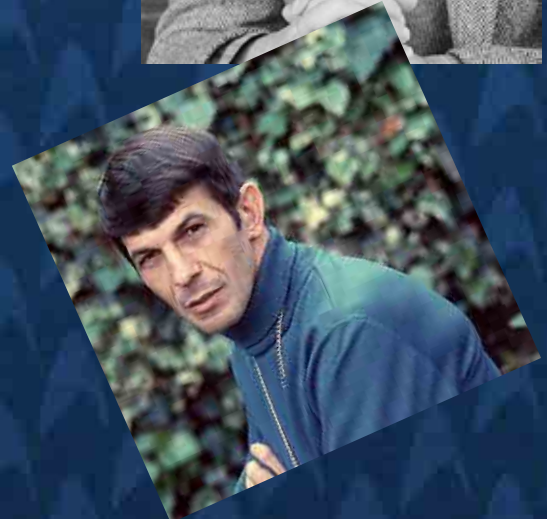
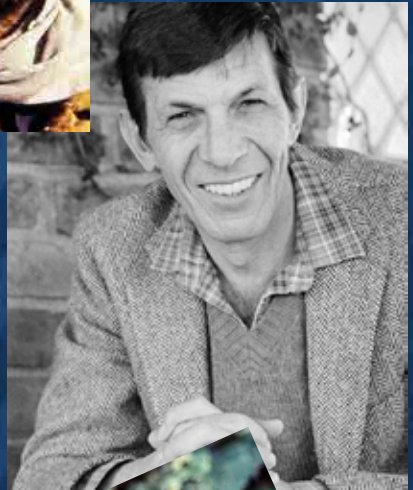
FASCINANTE!



LITTLE SPOCK

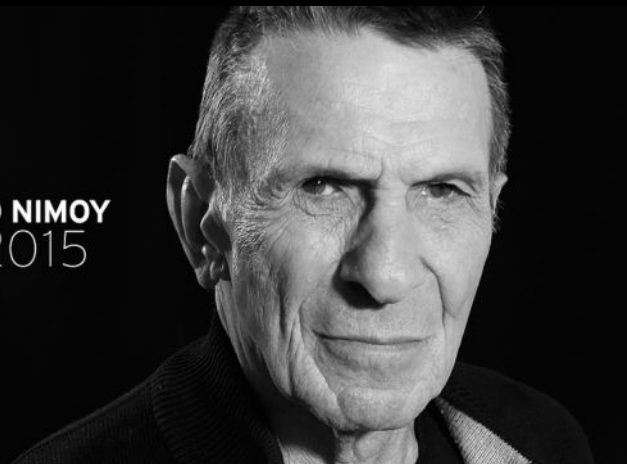
LITTLE SPOCK É UMA HOMENAGEM SEM FINS LUCRATIVOS A LEONARD NIMOY, RESPEITANDO OS DIREITOS PERTENCENTES AO ESPÓLIO DE GENE RODDEMBERRY E À PARAMOUNT PICTURES.

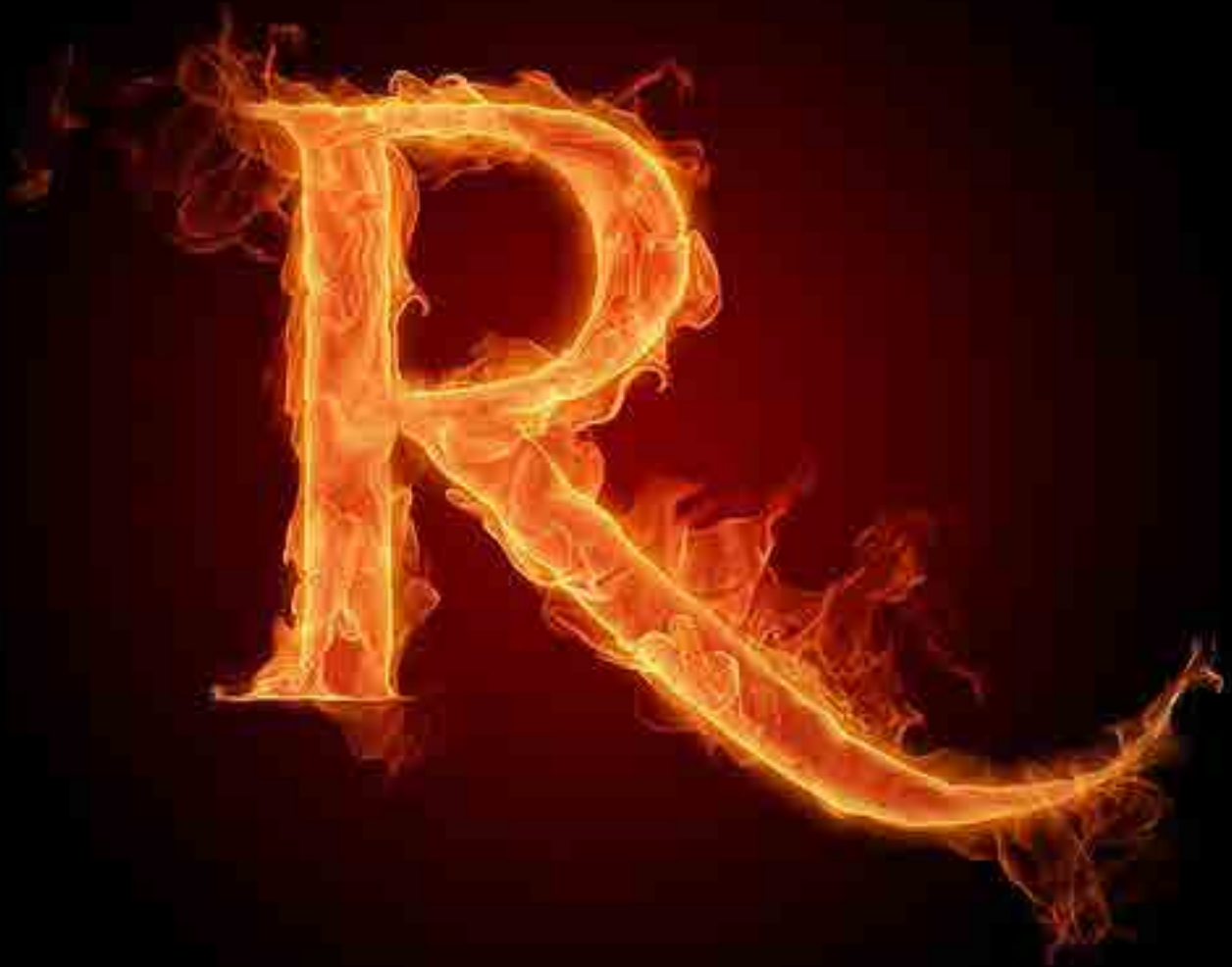






LEONARD NIMOY
1931-2015





RESENHAS



O Médico das Estrelas

RESENHA

O MÉDICO DAS ESTRELAS

por Caliel Alves

Muitos livros clássicos de ficção científica foram escritos por cientistas, professores e até inventores. Os exemplos são muitos, dentre eles, *Isaac Asimov*, *Carl Sagan*, *Jules Verne* e *B. B. Jenitez* (escritor da série de contos Projeto Mullah de Tróia).

Murray Leinster é o pseudônimo de W. F. Jenkins. Trata-se nada mais nada menos do que o inventor da *unidade de projeção frontal*, um dispositivo que permite suprimir cenários, substituindo-os por projeções de películas, mas diferenciando-se do sistema clássico de projeção num pano transparente de fundo, por permitir, que as personagens entrem e saiam por portas que não existem e movam objetos dos quais apenas se vê na imagem (assim descrito na introdução do livro *O médico das estrelas*).

Quando começou a escrever não era muito famoso, adotando assim, o pseudo de Murray Leinster. Na coleção argonauta publicou *A nave sideral* (nº4), *O planeta utopia* (nº113), *O planeta esquecido* (nº118), *O túnel do tempo* (nº128), e o livro que estou a resenhar *O médico das estrelas* (nº134).

Nesse último livro temos uma space opera. Num período em que a humanidade já colonizou muitos planetas fora do seu sistema solar.

Nós acompanhamos a história de Calhoun (intercalados com introduções em cada capítulo por textos do livro *Probabilidade e conduta humana* Fitzgerald.), um agente do Medserviço (Serviço Médico). A bordo da Mednave Aesclepius vinte, junto



de um tormal (uma raça alienígena domesticada, que tem um bom sistema de defesa, pelas poucas descrições, parece um gato), a serviço da Medsede, a organização responsável pela saúde de todas as colônias planetárias.

Sua missão é fazer uma inspeção de rotina no planeta Maris III, colônia de Dettra dois. Mas infelizmente a missão não parece ser assim tão fácil e tentam deter sua decida. Usando sua engenhosidade, Calhoun consegue aterrissar sua nave no plane-

ta. Agora mais do que fazer sua inspeção de saúde quer descobrir quem estava tentando impedir sua aterrissagem? E o mais misterioso, porque a cidade construída há pouco tempo, parece abandonada?

A apenas uma coisa que me incomodou durante a leitura, não sei se por a grande quantidade termos técnicos ou a diferença de linguagem lá de Portugal, a leitura se tornou arrastada, tive que voltar a ler mais algumas vezes o mesmo trecho.

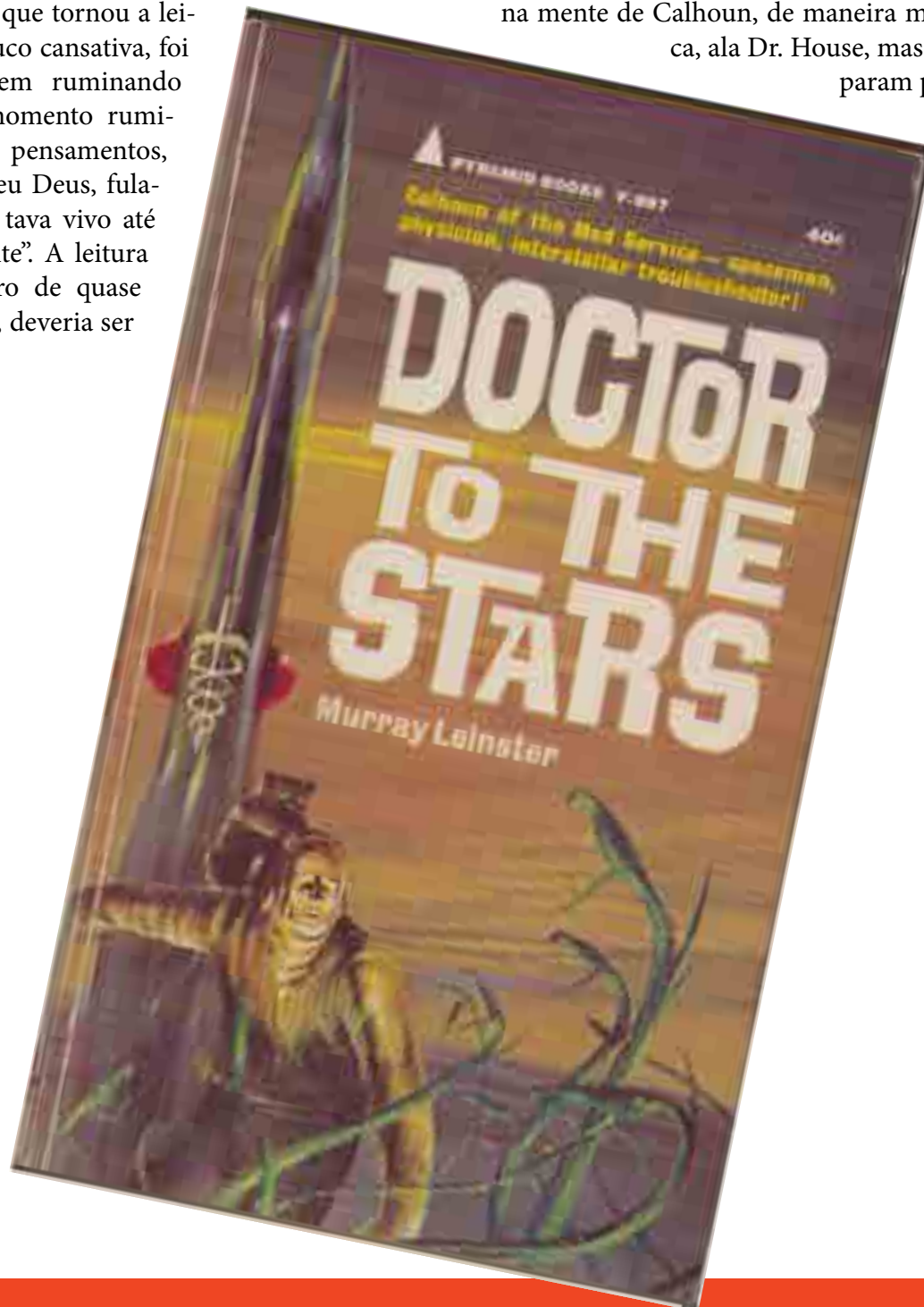
Outra coisa que tornou a leitura um pouco cansativa, foi o personagem ruminando a todo o momento ruminar seus pensamentos, tipo “Oh meu Deus, fulano morreu, tava vivo até nesse instante”. A leitura pra um livro de quase 150 páginas, deveria ser

mais fluida.

O ponto positivo é a noção de biologia do autor, que expõe termos muito curiosos, principalmente sobre a microbiologia e os tormalis. Outro conceito importante ressaltar foi o ultravoo, que permite uma nave ultrapassar a velocidade da luz e diminuir em até dias uma viagem interestelar. O clima de investigação da obra deixa você curioso tentando esclarecer o mistério que se desenrola de acordo a análise na mente de Calhoun, de maneira mais psicológica, ala Dr. House, mas as aparências

param por ai. O livro

merece ser lido pelo misterioso, e sua resolução surpreende o leitor.





O Outro Lado do Tempo

RESENHA

O OUTRO LADO DO TEMPO

por Caliel Alves

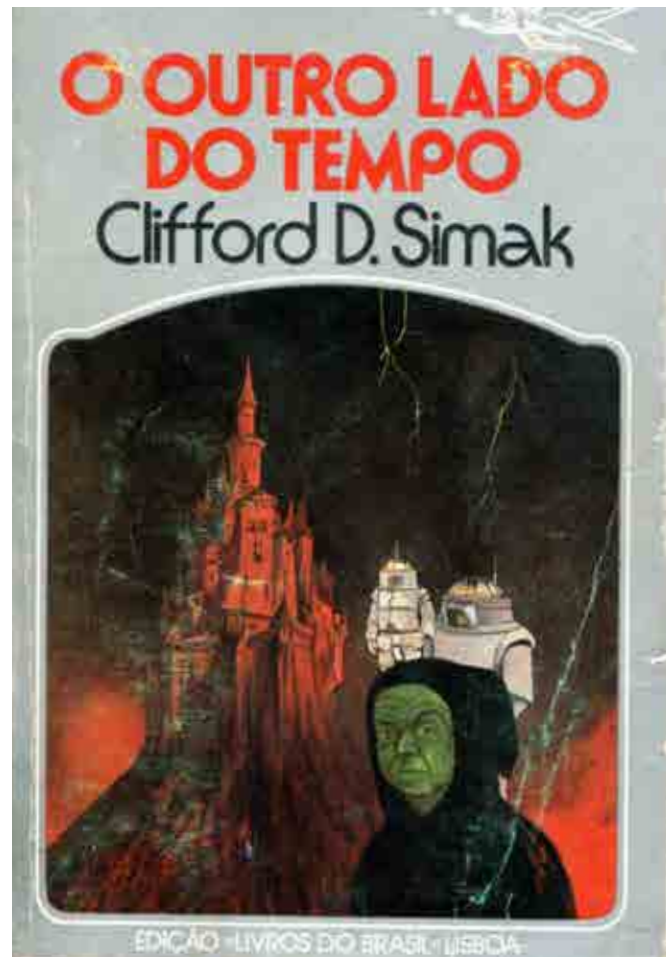
Clifford D. Simak é um dos mais clássicos da ficção científica. Ganhou o prêmio Internacional Fantasy Award em 1953, com a obra *City*, considerada sua melhor obra. Outro prêmio importante foi o Hugo com *way station*. Na coleção argonauta é um dos que mais teve livros publicados, 33 ao todo.

O chamado pai da ficção especulativa ao qual o senhor Richard Diegues sempre fala, publicou em 1975 a obra *Enchanted Pilgrimage* (no original em inglês), nos trouxe uma historia recheada de mistério e fantasia. Imagine um mundo medieval com Um grupo de aventureiros a lá Tolkien, um viajante do tempo, um robô e alienígenas.

Embora tais conceitos numa mesma obra de pouco mais de 225 páginas possam soar destoante, Clifford nos mostra que tudo é possível.

Acompanhamos o protagonista Mark Cornwall, um estudioso que deseja encontrar os antigos, um povo que habita as terras perdidas, lugar que nenhum humano ousa a ir. Junto a ele segue Gib um homem do pântano, que também precisa ir às terras perdidas, Hal da árvore oca e seu amigo quati Coon, o gnomo Snviley, O duende das trevas Oliver e Mary, uma empregada de taverna.

O livro apesar do clima de RPG me decepcionou do meio em diante. Esperava um final menos brusco e corrido. Talvez seja por que na ficção especulativa não se dá muitas explicações e sim perguntas. O gancho principal da história os antigos foram o que mais me decepcionou e nenhum personagem parece tido o seu enredo satisfatoriamente, a não



ser Cornwall.

Mas O outro lado do tempo vale à pena a curiosidade de conhecer um mundo sem desenvolvimento tecnológico e mágico, por mostrar como seria a civilização dominada por dogmas religiosos da Igreja católica.

A inserção da tecnologia na história, como é do feitio de Clifford não tem explicações lógicas. O viajante do tempo e o robô caem de pára-quedas.

Há história é muito divertida. Chega até ser non sense.

c

o

n

t

o

s

Da Astúcia dos Amigos Improváveis

um conto de

**Santiago
Santos**

Por muito tempo achamos que estávamos sozinhos no universo.

Isso nunca foi verdade. Descobrimos quando os guardiões vieram.

Uma convergência de fatores biológicos e geográficos e a vida inteligente se manifestou num dos muitos planetas sob sua supervisão. A humanidade, sujeira inofensiva no canto de um único sistema solar, foi estudada como tal por cientistas no que, do nosso ponto de vista, seriam teses de doutorado sobre a formiga de Mumbai. Um organismo catalogado pela obsessão ordeira de estudiosos, ignorado, irrelevante. Até os drokkars aparecerem.

Chamamos nossos guardiões assim pois é o que são, ou o que se tornaram. A disparidade evolutiva os torna divinos aos nossos olhos. Mas mesmo no alto de sua divindade foram ameaçados pelos drokkars, uma espécie expulsa do seu quadrante galáctico por uma abominação cósmica e lançada num êxodo incerto, na busca de novos planetas para acomodar sua população. A rota de fuga os trouxe ao nosso quadrante, e o próximo passo seria, caso não encontrassem resistência, tomá-lo.

Aquartelados além do escudo energético erguido pelos guardiões, nossa principal defesa, os drokkars furam o bloqueio com pequenas embarcações camufladas, um misto de tecido vivo e nanoengenharia avançada, trazendo guerra aos planetas fronteiriços. Os guardiões não são capazes de enfrentá-los devido a uma desvantagem biológica: os drokkars possuem organismos físicos adaptáveis, se moldando às expectativas dos inimigos. Como a capacidade mental dos guardiões é muito avançada, seus próprios feitos os impedem de combatê-los, pois se tornam translúcidos e bestiais quando não passam de seres bípedes semelhantes aos humanos em forma.

Diante das vantagens incomuns do inimigo, os guardiões recorreram aos próprios estudos periféricos em busca de alternativas. Voltaram os olhos para os humanos, que possuíam capacidade mental adequada para reduzir os drokkars a ameaças palpáveis. A Terra tornou-se um campo de treinamento, e há 274 anos concentra recursos na formação de combatentes especializados. Não há previsão para o fim do conflito, já que os drokkars parecem decididos a fincar aqui a nova bandeira da sua civilização. Não estão abertos a diálogo, a encontrar maneiras pacíficas de convivência. Não sabemos por que motivo não seguem para outro quadrante menos protegido ou desabitado, possuidores da tecnologia que os trouxe aqui, e tememos o que podem estar tramando nesses séculos de cerco.

Desde a revelação dos guardiões e dos drokkars, nós, humanos, somos massa de manobra. Mas somos também heróis respeitados e militares condecorados. Não mais os micro-organismos irrelevantes de outrora, e sim os únicos anticorpos efetivos contra um vírus esfomeado.

Quando me graduei na academia e fui despachado para a frente de batalha, lotado numa das bases avançadas de Carcará-2, um dos mais aguerridos planetas fronteiriços, achava que estava preparado pra qualquer coisa. Duas semanas mais tarde, soube que uma vida não seria preparação suficiente.

2

Desço da nave sentindo a adrenalina fisgar os olhos e secar a língua, ouvindo os inúteis incentivos da Inteligência Artificial da bioarmadura. Sensores indicam a vila dois quilômetros à frente, depois das colinas. Os mosquitos, nossos microsátélites móveis, sobrevoam a região, mas os drokkars só são visíveis a olho nu.

Dois deles nos surpreendem. Pulam de falsos bancos de areia brandindo lâminas adaptáveis, capazes de fatar qualquer coisa. Conseguimos neutralizá-los com os rifles sônicos, mas não antes que o tenente Rifissá tombe em duas metades.

Eles não utilizam naves; suas embarcações são bolhas autossuficientes que começam a se deteriorar ao entrar em contato com qualquer atmos-

fera, interfaces impulsionadas por um processo de combustão ainda não totalmente compreendido. Quando uma bolha fura o escudo energético ela viaja irrastrável até algum planeta próximo. Só são identificadas pelos nossos sensores quando o processo de deterioração está avançado, e a essa altura os tripulantes já desembarcaram e começaram a construir as vilas subterrâneas. Se entendem, os guardiões não nos explicam por que motivo os drokkars fazem isso. Planetas centrais, incluindo a Terra, continuam intocados pelas bolhas, e lutamos pra que continuem assim.

Dentro da vila encontramos mais sete drokkars, que nos eludem nas escavações, verdadeiros labirintos. A eficácia do treinamento se prova nos poucos minutos necessários para eliminá-los. O soldado Gorvik é o único ferido no segundo confronto, nada que dois dias no tanque não resolvam e até melhorem com um ciberimplante no lugar do braço arrancado. Retorno à nave ouvindo as congratulações da IA e recebo um aceno de cabeça da capitã Rokai. A equipe de cientistas desembarca para localizar a pedra uterina depositada pelos drokkars no coração de suas vilas, que nunca alcança o tempo necessário de maturação.

Pelo comunicador, no entanto, gritos revelam que há algo errado, e a cabeça da capitã Rokai rola pra dentro do compartimento. Paralisado, a bioarmadura zumbindo devido a algum defeito imprevisto, vejo um drokkar entrar calmamente na nave. Ele mata um a um meus companheiros imobilizados e me deixa por último. Me observa curioso através do painel frontal do capacete. Silva algo incompreensível, encostando a palma no meu peito. O traje religa mas não me obedece.

Minhas pernas me levam pra fora e pro meio do deserto, atrás do inimigo. Depois de algumas horas ele para, desenha algo no ar e puxa. Minha bioarmadura caminha pra dentro de uma plataforma invisível e elevada. Ele vem logo atrás. O deserto some e me vejo dentro de um emaranhado de tecido vermelho. Uma bolha drokkariana viva. Sinto o deslocamento quando nos afastamos da superfície. Sinto as mãos do inimigo tateando a bioarmadura. Sinto o impacto frio e nebuloso do ar quando o capacete é removido e perco a consciência.

Meu primeiro dia de campo em uma guerra que beira três séculos de existência e me torno seu primeiro prisioneiro.

3

A coceira na nuca me acorda, pontadas agudas nas laterais do crânio. A vista se ajusta, o drokkaar sentado na minha frente, escrevendo algo com o dedo numa tela etérea de plasma. A caligrafia é a de uma linha ininterrupta cheia de curvas suaves e abruptas. Ele me percebe levantar. Ignora.

O interior da bolha parece o interior de uma boca humana, esponjosa como gengiva. O drokkaar continua escrevendo. Não vejo lâmina adaptável ou qualquer outra possível arma perto dele. Os drokkars andam descobertos com sua pele quebradiça e opaca à mostra. Sua cabeça não se parece com nada que conhecemos na Terra, e é de uma cor indistinta que com certeza não lembra o azul e tampouco o amarelo, mas sua feição é estranhamente humana, com olhos maiores que os nossos e bocas menores. Não possuímos estudos aprofundados da sua biologia, tecnologia ou linguagem. Os guardiões as conhecem a fundo e nos provêm com o necessário, desencorajando qualquer contato além do essencial.

Não tenho como saber se ainda estamos em movimento. Encosto o dedo num ponto da parede. Ela responde ao toque como a superfície de um rio alvejado por uma pedra, ondulando de forma concêntrica e abrindo uma janela para o exterior. Percebo que não só estamos em movimento como vamos de encontro ao escudo energético. Embora as bolhas sejam capazes de ultrapassá-lo, não consigo evitar um medo súbito latejar debaixo da unha do dedão do pé. O anseio me agarra pelos ombros e me prostra de modo reverente diante do drokkaar concentrado na escrita.

Ele vira os olhos pra mim sem pausar o dedo, olha por sobre meu ombro, aponta com o queixo. Estamos no limiar do escudo, sua estrutura curvilínea e brilhante ocupando toda a abertura na parede da bolha. Há um tranco forte quando o atingimos e

pai, pai, quero ser soldado, quero ser soldado pra proteger você e a mamãe quando tiverem velhinhos e

a eduarda quando ela for mais velha e todo mundo na escola, até o marinho que é chato mas não merece morrer por causa que os drokkarios vão atirar em todo mundo e enterrar todo mundo pra construir as casas em cima da gente, isso não pode, né, pai? por que você nunca quis ser soldado, pai, mas por que você não acredita na violência como resposta, pai, se eles só deixaram essa resposta pra gente, foi a professora, ela disse isso, mas todo mundo diz isso, pai, todo mundo, e mãe, porque o pai tá no hospital, mãe, me fala, mãe, o carro bateu nele mas não foi nada de mais, né, por que a gente não pode entrar no quarto, mãe, tô com sede você quer água também? eu pego pra senhora, aqui, ó, por que você tá chorando tanto, mãe, o pai tá bem? brigado, mãe, eu mando mensagem assim que chegar lá, eles proibem contato na academia, só nos finais de semana mas eu mando sim, se cuida, eduarda, não vai exagerar nas festinhas da universidade, se mexerem contigo fala que teu irmão tá estudando e não demora logo vai tá galgando patente e sim senhora, sim senhora, não senhora, permissão pra falar, permissão pra

parece que há algo errado aqui do outro lado. Atravessamos mesmo o escudo, assim rápido? Onde está o cruzador drokkariano? As estações de combate com os canhões enfileirados, os cargueiros grávidos de explosivos, as minas seletivas de proximidade boiando no ar como lanterinhas da morte? Não há nada, nada exceto asteroides em sua melancólica órbita e planetas pouco ou muito longe.

Quando me viro o drokkaar está deitado, um líquido viscoso escorrendo dos olhos, a tela etérea ainda nas mãos. Pego o dispositivo com a luva da bioarmadura, funcional desde que acordei. Percorro a linha com o dedo mas não a compreendo. Toco o drokkaar e ele não se move. Sento no canto onde acordei, acoplo o capacete e espero, a cabeça latejando forte.

Sei que não fomos defletidos pelo escudo e lançados de volta pois eu saberia identificar a configuração fronteira de estrelas e asteroides com precisão. Estou do outro lado, mas um outro lado diferente do que estou habituado a ver nos holovídeos.

Entramos na atmosfera de algum planeta. O processo de deterioração começa, o tecido carnudo escurece e emite um cheiro forte. Aterrissamos.

Depois desse estágio as bolhas enrugam e se rompem, ficando esburacadas e marcadas nas dobras por algo parecido com ferrugem. Fico dentro do que restou dela, aguardando. Não demora mais que uma hora e eles aparecem, rifles sônicos em punho, e não lembram nem um pouco o cadáver ao meu lado. Se parecem comigo.

4

Bokart foi a palavra que mais falaram ao me encontrar. Ela significa, descobri depois, *parecido*. Não foi à toa.

Os bokartianos evoluíram em um planeta de condições favoráveis devido ao seu tamanho, composição e distância do sol no sistema solar. Possuem espécies correlatas de animais às que posuímos na Terra e reinam sobre elas. Passaram por eras glaciais e outras ocorrências climáticas que moldaram sua superfície habitável. Construíram cidades, evoluíram tecnologias variadas, desenvolveram sensibilidade artística, curaram e criaram doenças, dividiram-se em nações, travaram guerras, singraram os mares, cruzaram os céus e se integraram com o avanço dos sistemas de comunicação. Durante os primeiros estágios de exploração espacial foram abordados pelos guardiões, que explicaram a ameaça iminente dos drokkars. Acabaram convencidos, como nós.

Os militares são treinados em seu planeta natal, Rupakau-ri, e enviados aos planetas fronteiriços, na proximidade do escudo energético, para erradicar os drokkars que ali chegam dentro das bolhas, como eu mesmo cheguei aqui.

Por sorte os bokartianos são uma espécie mais desconfiada que a nossa. As suspeitas de que havia algo errado no conflito eram latentes na cúpula da inteligência militar. Por esse motivo a minha chegada foi ocultada, com direito a apagamento de memória do grupo que me encontrou, e não alcançou os ouvidos dos militares de alta patente que dialogam diretamente com os guardiões, para que não descubram minha existência do outro lado do escudo com suas habilidades telepáticas. Nos meses que os linguistas bokartianos levaram pra me ensinar sua língua e aprender a minha, iniciando as trocas

de informações que comporiam enfim um quadro mais apurado da situação, seus cientistas estudaram o drokkar morto e desvendaram a mensagem criptografada no aparelho, naquela única linha corrida.

A verdade é simples. Os guardiões simulam um conflito inexistente. O escudo, criado para proteger ambas as espécies, é um emaranhado de elementos estranhos tanto aos humanos quanto aos bokartianos, impedidos de estudá-lo. Os guardiões querem nos proteger, dizem, não adulterar nossa evolução científica e nos presentear com conhecimento que ainda não temos maturidade para possuir. Nossa suspeita é de que o escudo seja na verdade uma dobra, conectando pontos longínquos e similares do universo, os nossos, e também um funil energético. Sabemos que os guardiões mineram energia dos planetas mais distantes do quadrante para alimentá-lo, e que tal mineração exaure-os completamente, embora a técnica utilizada para tanto nos seja desconhecida. A sua constatação é de que muito antes que os recursos ao nosso redor acabem os drokkars desistirão e irão embora, ou encontraremos fontes alternativas de energia. Agora se tornou óbvio que os guardiões sugarão todos os planetas e por fim o nosso.

O mais penoso, contudo, não foi desvendar a manipulação que sofremos, mas reconhecer a real parte dos drokkars na história. A mensagem descriptografada é clara: eles são os sobreviventes de uma espécie que sofreu o mesmo destino que estamos fadados a sofrer. São prisioneiros, cuja única função é aguardar o momento de serem enviados nas bolhas para manter viva a ilusão do conflito. Programados com avançadas táticas neurolinguísticas, alcançam nossos planetas com o único intuito de nos atacar. As pedras uterinas depositadas no coração das vilas nada mais são que explosivos sofisticados, que pensamos ter inutilizado mas continuam ativos. Serão utilizados se nosso esforço colaborativo enfraquecer, para intensificar o clima de guerra.

O mártir drokkar foi um cientista, o primeiro a conseguir se blindar da programação neurolinguística dos guardiões e arquitetar um plano para embutir uma bolha de transporte em outra, fazendo com que a segunda resistisse à penetração atmosférica e permitisse uma nova travessia. Mediante sua

autópsia, descobrimos que o alto nível de radiação do escudo foi a causa da morte. Não suportou tamanha agressão duas vezes em tão pouco tempo. Pelo jeito, sua esperança era a de fazer a travessia com um humano, que sobreviveria e permitiria alcançar as respostas que aqui enumero.

É irônico, dado o que eu sabia quando desci da nave em Carcará-2 para exterminar os drokkars, que um deles se sacrificaria pra me dar a chance de salvar toda a minha espécie.

5

Minha dor de cabeça não diminui. Passo longos períodos, às vezes dias, isolado num cubículo médico, recebendo sedativos na veia. A suposição dos bokartianos é de que a exposição à radiação do escudo alterou algo em minha estrutura e meu corpo acusa a mudança. Mas os exames não revelam nada de diferente, nenhum carcinoma, nenhuma anomalia visível. Me asseguram que não há motivo para preocupação, mas sei que não há segurança de nada.

Quando me sinto bem auxilio na busca de alternativas para evitar acabar como os drokkars. Há um objetivo norteador: desativar o escudo. Mas não sabemos como é efetuada a transferência de energia dos longínquos aparatos de mineiração planetária. O que dificulta o andamento da pesquisa é a necessidade de sigilo. Minha existência ali é do conhecimento de apenas alguns militares e cientistas. Como os superiores não podem desconfiar do conluio de bokartianos tentando salvar sua própria espécie, é necessário não utilizar recursos ou executar operações que fujam do espectro aceitável da rotina do lugar. Não é possível, por exemplo, enviar uma sonda ou direcionar um satélite para a análise da grande nave guardiã que roda o quadrante sem que esse tanto nos revele.

Uma complexa rede de espionagem é arquitetada pelos líderes da nossa célula rebelde, por assim dizer. Devido à minha proibição de deixar a segurança das instalações, não posso contribuir nesse quesito, só acompanhar a lenta garimpagem de dados. Beirando a tênue linha da desconfiança, missões dúbias são colocadas em prática e informações

colaterais, à primeira vista inúteis, são aos poucos reunidas e trazidas até nós.

Nesses anos de espera, passo por um processo de imersão na cultura bokartiana, através de holo-documentários e de longas conversas com os homens e mulheres do nosso grupo. Tenho acesso a todos eles, cerca de trinta pessoas, que me tratam de maneira amável e curiosa. Da mesma forma que pergunto sobre sua história também me perguntam sobre a nossa, e respondo na medida do possível. Depois de meses experimentando o cheiro e os sons artificiais de suas praias, cidades e campos, com sua flora e fauna diferenciadas, minha maior vontade é deixar a base subterrânea e me misturar à população local, comer em seus restaurantes, assistir seus holofilmes nos cinemas, beber suas bebidas alcoólicas e dançar ao som de suas músicas. Mas não posso.

Quando enfim descobrimos a natureza da transferência energética passamos a apostar em algo concreto. Os cientistas desenham um aparato que pode interromper a corrente da grande nave guardiã, que atua como condúite da energia via transmissão quântica; uma espécie de pulso eletromagnético que suspenderá, pelo menos por alguns momentos, o funcionamento do escudo. É necessário calcular a trajetória da nave guardiã, equipar uma das naves bokartianas com o canhão e aproximá-la para o disparo, tudo em total segredo. E não só isso. Para ser realmente efetivo, o ataque deve ser cronometrado com uma descarga semelhante do outro lado do escudo, realizada pelos humanos.

Fico feliz quando confirmam que parte do plano é me devolver ao meu quadrante. Será o mais difícil. A ação do drokkar que me capturou e fez a travessia foi um episódio isolado. As bolhas continuam chegando, continuam se deteriorando, os drokkars continuam lutando. É necessário capturar um deles, trazê-lo para a base e quebrar sua programação neurolinguística. A captura e o transporte até nossas dependências por si só constitui um grande risco. Já foi difícil comigo, que não ofereci resistência e podia me passar por um bokartiano se chegasse a tanto. Não será o caso com um drokkar letal e nada cooperativo. Os bokartianos, como os humanos, não conhecem a fundo a constituição drokkariana

e não sabem que sedativo e que dosagem são necessários para dopá-los. Matá-los foi a única coisa para a qual fomos treinados.

Mesmo que a operação com o drokkar seja um sucesso, há o problema do transporte. Precisamos de uma bolha. A que me trouxe aqui foi um extraordinário presente contrabandeado de um lugar que sequer conhecemos. Como conseguiremos uma em perfeito estado para a nova travessia? Como conseguiremos fazê-la sem despertar a atenção dos guardiões? Como, nos perguntamos sempre, os guardiões não notaram a primeira?

As dúvidas são muitas e a incerteza é latente. Meu aprisionamento forçado desperta algum transtorno psicológico, ligeiras alucinações que preocupam os médicos. Os surtos de dor se tornam mais frequentes. O que me mantém focado é a saudade que sinto da família e dos amigos. Preciso voltar. Preciso salvá-los. Preciso salvar a Terra.

6

Em uma das reuniões, quando analisamos nas telas o drokkar se debater e arrebentar as amarras na sala de contenção, começo a chorar. Só sinto porque as lágrimas caem no dorso da mão. Depois disso não param. Quando acordo me dão sedativos, minha cabeça dói, falam comigo em tom sereno, falta pouco, falta pouco.

Peço pra ver uma criança. Mais de cinco anos sem ver uma criança, sinto falta da ingenuidade delas, das risadas sem motivo. Lembro de Eduarda ainda pequena, correndo atrás de mim sem conseguir me alcançar. Uma das cientistas traz a sua filha de seis anos. Jogamos um jogo de tabuleiro, um correspondente bokartiano às damas. Ela ri bastante, me acha curioso. A mãe diz que sou um amigo do trabalho, não um alienígena, e acompanha tudo sentada num canto da sala. Pergunto coisas do seu dia a dia, a rotina da escola, os amigos, o que gosta de comer, de assistir. Abraço ela, agradeço, a mãe preocupada que eu possa esmagá-la ou lhe fazer mal. Será que depois de todo esse tempo desconfiam assim de mim? No dia seguinte peço pra vê-la novamente, ao menos jogar mais daquele jogo com alguém. Dizem que o jogo não existe, que a cientista

em questão não tem filha e minha tristeza desagua numa dor lancinante que me faz vomitar, bater a cabeça no chão e ficar três dias de cama. Mas melhor, sempre melhor, e volto aos desdobramentos da nossa missão desesperança.

Meses de tentativas físicas, mentais e espirituais e a programação neurolinguística dos guardiões não é ao menos arranhada. Esse tempo foi efetivo apenas para usar o drokkar como cobaia viva e testar a dosagem de drogas necessárias para torná-lo dócil ou sonolento. Ele se nega a reconhecer a caligrafia do outro drokkar, se nega a ajudar, utiliza seu aparato vocal apenas para grunhir, nunca para iniciar um diálogo ou dar uma resposta elaborada que seja. Esperávamos mais depois das complicações de sua captura, de quase sermos revelados, das mortes acidentais durante o traslado. Mas não. É possível notar a resignação na cara de qualquer um com quem cruzo nos corredores.

Talvez incentivados pela minha condição, talvez pelo receio de que não há forma mais segura de proceder, os líderes da nossa célula decidem agir de maneira impetuosa. Serei infiltrado em uma expedição bokartiana escalada para serviço nas proximidades do escudo. Permaneceremos na área fronteira até o aparecimento de uma bolha. Na sequência faremos algo até então inédito: rastreá-la enquanto ainda está camuflada. Isso se tornou possível depois de anos estudando os dados fornecidos pelo mártir drokkar. A bolha será abordada antes de entrar em contato com atmosferas planetárias e portanto antes que comece o processo de deterioração. Uma vez eliminados os drokkars no interior, os cientistas a reprogramarão para fazer a rota contrária na direção do escudo, comigo dentro.

Decidido o novo curso de ação, são mais meses de preparativos, dessa vez aliviados, ao menos pra mim, pelo horizonte visível de mudança, seja ela qual for. Qualquer coisa é melhor que continuar trancafiado. A expectativa parece diminuir os surtos de dor. Um pacote de dados sobre os bokartianos, os guardiões, os drokkars, minha primeira travessia, o canhão de pulso eletromagnético e outros detalhes importantes é inserido na forma de um bio-nanochip sob minha última costela esquerda, e um backup é realizado via compressão neural, em-

bora o estado do meu cérebro depois da segunda travessia seja motivo de elocubrações.

A esperança é de que eu sobreviva e consiga criar, do lado de lá, uma célula semelhante à que temos aqui. Como fazer isso sem alcançar os ouvidos dos superiores, atentos a tudo, não tenho ideia. Tudo é muito improvável, mas seguimos porque não parece haver outra alternativa, não uma no futuro próximo, pelo menos. Temem que eu morra ou sofra algum mal irreversível e a chance se perca.

Ao cabo do tempo de preparação e da confluência de desencontros remediados por pura sorte, capturamos uma das bolhas. Os drokkars no interior são exterminados e os cientistas interagem com sua interface viva. São horas de tensão rastejante enquanto a reprogramam. Aguardo fechando os olhos e massageando a cabeça pra aliviar a dor. O drokkaar ao meu lado tem os olhos enevoados e perdidos, mero rato de laboratório. Recebemos a autorização e somos levados pra dentro da bolha, que se fecha e se lança na trajetória oposta. O drokkaar me acompanha pra repetir a configuração da primeira travessia, pois suspeitamos que assim as chances dos guardiões não notarem nada são maiores.

A despedida é tão rápida e convoluta, há uma apreensão nítida no rosto de todos quando os vejo pela última vez. O drokkaar ao meu lado continua inerte, sem saber que se encaminha pra morte por radiação. Vejo novamente o escudo se aproximar e sinto uma ânsia enorme e há um tranco forte e

aqui, filha, aqui. sobe aqui em cima, segura no meu braço, olha lá, tá vendo? lá longe? o papai nasceu em cima daquele morro, tinha uma casa lá, vivia correndo por tudo aqui em volta, tomava banho naquele riacho, vinha descansar embaixo dessa árvore, é, na árvore onde a gente construiu a casinha pra você, isso mesmo, é, eu sempre quis voltar, não sei, filha, parece que depois que a gente passa muito tempo longe a saudade é tanta que a gente quer voltar pro lugar que tem as lembranças mais fortes, e eu adorava isso aqui, e queria que você nascesse aqui, filha, mas sem aquela paranoia da guerra e sem medo do dia que seu irmão fosse pra academia porque não tem mais academia, filha, você não sabe como eu sonhei com isso, sim, amor, claro, aqui, rúcula, espinafre, tomate, ano que vem quero plantar almeirão também, esse

ano não conseguimos, adoro a sua torta, as crianças também, vem, deita aqui, me abraça e deixa que depois eu coloco a ração do fred, vem, deita, mãe, tá me ouvindo? sou eu, a eduarda tá aqui também, tá me ouvindo, mãe? a fabí tá ali fora com as crianças, a gente veio correndo assim que soube, mãe, tá me ouvindo, mãe? sou eu, tô aqui, não, eduarda, não quero nada deles, tô feliz, tô feliz só de continuar vivo, vem você e a maria, lá em casa domingo, vamos fazer um almoço em família, a gente tem que se ver mais e olha, fabí, como eles cresceram, quase não acredito, você acredita, o tempo passa tão

entre um lampejo e outro de dor vejo o drokkaar com um líquido viscoso escorrendo dos olhos e a parede esburacada da bolha. Dentro da minha antiga bioarmadura, saio à deriva. Não é possível, será que caí justamente em Carcará-2, é tão parecido, outro lampejo forte, tropeço. Abro os olhos e eles aparecem, rifles sônicos em punho.

7

Passo a maior parte do tempo num estado sonolento, patches sedativos por todo o corpo. Quando preciso ficar atento engulo um estimulante pra conseguir um bom período de raciocínio pleno. Sedado, no entanto, me sinto mais confortável. A maior parte das alucinações envolve caminhar pelos campos onde cresci, no interior de Mato Grosso, castigado pelo sol. Transpiro mesmo no frio, a mente pregando peças no corpo.

Como fui encontrado no mesmo planeta onde desapareci, presumem que não cheguei ali na bolha, mas que sobrevivi exilado todos esses anos. Considerando o quanto a humanidade sabe a essa altura, é uma presunção muito mais aceitável. Passado o período de readaptação e reconhecimento, abordo um oficial de médio escalão e descortino o plano bokartiano. Meus relatos, aliados aos dados do bio-nanochip, acabam por convencê-lo. Mais difícil é fazê-lo manter segredo dos superiores, mas a grandeza da nossa finalidade se mostra mais uma vez suficiente. Aos poucos começamos a aliciar integrantes.

Sou testado e diagnosticado, dessa vez com carcinomas por todo o corpo. A segunda travessia me

foi quase tão mortífera quanto é para os drokkars. Dispensado do exército e aposentado compulsoriamente pra tratar da saúde, permaneço nas instalações militares sob o pretexto de consultoria em assuntos estratégicos em Carcará-2. Felizmente nossa medicina já evoluiu o suficiente pra me manter vivo pelos anos necessários e levar o plano a cabo.

Dentro do pacote de dados há todas as instruções necessárias para a construção do canhão de pulso eletromagnético. Os bokartianos se empenharam para apreender em que ponto de evolução tecnológica estávamos e providenciar os atalhos pra que tudo pudesse ser realizado. Definiram uma data, calculada com minúcia, para a efetuação do disparo conjunto. Trabalhamos com esse prazo em mente, mais alguns anos de dedicação e sigilo. Com a diferença de que em meu próprio quadrante estou livre pra ir e vir.

As coisas que não pude fazer em Rupakau-ri faço na Terra, quando o tempo livre das ocupações da célula e os raros períodos sem sucumbir às dores permitem. Revejo a família, assisto holofilmes no cinema, vou à praia, como tudo aquilo de que sinto falta e até conheço alguém por acaso, sem relação com os militares, uma engenheira chamada Fabí. Não poder lhe revelar nada do que faço tem um efeito devastador. Me pergunto se não devo simplesmente abandonar tudo. É óbvio que não serei afetado pelas consequências do plano dos guardiões em meu tempo de vida, e tampouco meus filhos, caso os tenha. Mas penso no que reserva o futuro para nossos descendentes, e lembrar dos drokkars mortos nas bolhas depois das travessias é suficiente pra me fazer seguir firme com o plano.

Ainda assim as dúvidas são constantes e presentes em todas as reuniões da célula. Seguimos movidos por um ódio velado e um propósito concreto. Mas e se de fato conseguirmos desligar o escudo e revelar o plano dos guardiões, o que virá em seguida? Eles são tão superiores que podem nos exterminar ou nos programar neurolinguisticamente, como fazem com os drokkars, e evitar qualquer problema. Na verdade a questão primordial é por que se dão ao trabalho de nos iludir se podem nos forçar a fazer o que querem? Talvez seja simplesmente menos custoso fazer com que colaboremos de boa vontade.

O melhor manipulado é aquele que não sabe.

Realizado nosso intento, a humanidade será confrontada com a verdade, ou a mentira: além do escudo não há ameaça alguma, apenas o vazio do espaço. O que farão nossos superiores diante dessa revelação? Abrirão fogo contra a nave guardiã? Tentarão o diálogo e serão novamente ludibriados? Se curvarão perante seu poderio e assumirão a covardia segura da servitude? Não sabemos, não é possível prever. Mas isso não nos impede de lutar para oferecer uma oportunidade que seja de mudar nosso destino.

Quando o prazo definido para o disparo chega, eu e Fabí fazemos planos de voltar pra Terra com as crianças. Construir uma casa na mesma região onde cresci, visitar minha mãe e minha irmã depois de tanto tempo. Me despeço, incapaz de esconder o sorriso fácil, e tomo um tubo até a base.

O canhão, acoplado numa nave abandonada, agora reformada e reintegrada à frota, cruza o quadrante em alguma missão planejada com meses de antecedência. Quando passa ao lado da grande nave guardiã, todos os integrantes da célula estão reunidos diante das telas, apertando os próprios dedos. O disparo é efetuado.

O escudo dos guardiões vibra, pisca e desaparece. No lugar do negrume encharcado de estrelas e asteroides, figura em destaque o monstruoso cruzador drokkariano, visto tantas vezes nos holovídeos, rodeado pelas estações de combate com os canhões enfileirados, os cargueiros grávidos de explosivos, as minas seletivas de proximidade boiando no ar como lantejoulas da morte.

Todos na sala se entreolham enquanto massagem a cabeça. Percebo que as pontadas de dor se devem aos implantes neurais e que os carcinomas no meu corpo se devem não à exposição radioativa do escudo, mas ao período de intensa exposição às toxinas drokkarianas em algum ponto da base subterrânea onde fui mantido cativo. Tento explicar mas alguém, mais de uma pessoa, tenho certeza, fecha os dedos na minha garganta, e não consigo gravar a mensagem pra Fabí e as crianças dizendo que as amo.

A Ópera da Space Opera

um conto de

**Amaral de
Vasconcellos
Rogério**

ABERTURA

Toda ópera é um saco.
Tá. Tem alguns sacos maiores que outros.

Ópera é um desses.

Mas “nossa ópera”, este libreto, vem mais do italiano e do latim, que entrelaçam trabalho e obra, para construir o presente saco que, assim espero, fique em pé.

O drama, cenário, figurino, personagens, música, mítica, mágica e roteiro – e o cremezinho para não dar assadura no saco – são de minha autoria e assumo a tragédia como fato inerente a história.

Melhor eu calar a porra dos meus dedos e deixar que a obra constitua seu próprio naufrágio.

Arrivederci.

O PALCO

A ponte de comando da Poincaré, uma nave sem pátria, criada para provar o improvável, para solver o insolucionável, seguia a seguinte verdade provisória: era possível romper com o tédio da física geral no âmbito da navegação espacial.

OS CANTORES

Membros dos comitês científicos e uma amálgama de livres-pensadores, boêmios e filhos da puta em todos os escalões da humanidade, vários abduzidos em Congressos e feirinhas de artesanato mundo afora.

A única coisa que ouviram, quando foram jogados na caçamba do ovni, depois da abdução, além da musiquinha irritante de elevador, foi o mantra:

Vocês vão revolucionar a física.

Mesmo que esta viagem seja sem volta.

Morte às idéias. Morte aos ideais.

Se quiserem vomitar, só não façam sujeira no carpe-

te, por favor.

RECITATIVO

– Se existe uma boca e uma garganta, será que chegamos ao estômago? – baixo-barítono trovejou.

– Sou mais radical que você, BB. Os buracos de verme que povoam nossa especulação científica apresentam duas bocas e um duto, unindo as pontas – tentou desarticular a mezzo-soprano: – E se uma dessas “bocas” fosse o órgão excretor, hem? E se esse duto, a “garganta”, na realidade é o intestino grosso?

– Que merda de teoria, MS. Falácia do caralho! – atçou o contrateno, esbravejando, como se quisesse mudar de posição com o regente, que a tudo ouvia (ouvido absoluto, naturalmente) e deixava a inércia dar vazão do resto. – Então o que você projeta é que os *wormholes* são a boca e o cu do universo!

– Nem tanto, Contra. Mas o escopo você captou. Acredito na hipótese que este universo, que se mostrou finito, embora imenso, existe DENTRO de um desses buracos negros. Nossa existência é o horizonte de eventos...

– *Continue! Continue!! Continue!!!* – veio o Coro, providenciando água para a solista MS, a fim de que continuasse sua ária.

– Tá. Não me apressem. Onde estava mesma?

– *Horizonte! Eventos!* – fez o Coro, solícito.

– *Perfecto*. Dizia eu, quanto mais nos aproximamos da entrada ou saída daqui, mais próximo estamos de achar as portas e alçapões de OUTROS universos...

– Seguindo sua linha de raciocínio... – Do4, Tenor, o *bicho*, amigo do próprio Hawking, quando ambos cursavam Oxford, foi atraído para a cantata como físico ao $E = MC^2$.

– Hipérbole.

– Que seja, MS. Conclua.

– Só quero acrescentar que essa hipérbole não é só minha.

– Certo – cansado da arenga daquela prima-do-

na, *belo canto porra nenhuma*, T desfechou: – Que não é só sua, pois é compartilhada por um manicômio inteiro de simpatizantes. Se achamos a boca em vez do rabo, a saída daqui é...

– Vou completar os seus pontinhos, doutor T: a saída deste universo pode vir também por meio da regurgitação.

– *Oh!!!!* – fez o Coro, trazendo mais água para a aflita.

– Bravo! – ripostou a contralto, amiga de cama da prima-dona. – Prefiro isso à diarreia!

– Essa cantoria é muito escatológica para o meu gosto – irrompeu no círculo, atravessando o coro, um dos contraltinos, menino-prodígio de uma saga (cover) de Guerra nas Estrelas: – Minha visão dos universos – e quando digo MINHA é porque eu a estou construindo, desde o primário – é que todos estão ligados como uma linguça, formando um toróide infinito e perfeito.

– Revolucionário, Tintim – entrou o buffo no diálogo musical – Só falta dizer que cada círculo ou elipse dessa linguça calabresa corresponde a uma órbita...

– Captou a mensagem! – aduziu o contraltino, subindo em cima de um robô que tinha quebrado justamente naquele lugar. – Analogamente, e é isso que a física teórica estimula, pode existir um átomo lá fora e nós somos os spins. Havendo oportunidade para, inclusive, mudanças de níveis de energia.

– *Oh!!!!* – o Coro fez o óbvio.

CORO

– Discutindo sobre a bolha de Alcubierre, buracos de verme, o tubo de Krasnikov e outros atalhos no tempo e no espaço... – primeira voz.

– Os cantantes se revezavam no drama: cantar demais para sofrer de menos... – segunda voz.

– Pois nesta nave maldita, não importava a besteira e a ordem em que fosse entoada... – quarta voz.

– O que pontuava estava justamente no absurdo e na cara-de-pau daquele que a declamasse – terceira voz, retornando à primeira.

O Ricardão do Futuro

um conto de Clinton Davisson

Meu nome é Ricardo de Melo e meu trabalho é viajar no tempo nessas máquinas que vocês chamam de discos voadores. Não sou um extra-terrestre, moro em Copacabana, na Rua Siqueira Campos, próximo ao metrô. Minhas atividades se resumem a recolher material genético de seres humanos mais puros do passado, como você que está lendo esse texto. Vivo há 700 mil anos no futuro e o tempo infringiu mutações genéticas aos seres humanos. Passamos a viver nas estrelas em ambientes de microgravidade e, com o tempo, perdemos os dentes, atrofiamos os músculos, ficamos cabeçudos e com pernas e braços finos e alongados. Um grupo de desocupados do governo resolveu que, se continuássemos assim, seríamos assimilados pelas nossas próprias máquinas. Acho que estavam certos, mas não vejo qual seria o problema nisso. Foi preciso voltar no tempo para entender como eram os humanos, recolher material genético e refazer o que a natureza estava estragando. Não era uma questão de saúde – nunca foi – pois as máquinas que nós vestimos nos mantêm vivos eternamente agora. Trata-se de uma questão de preservação da nossa cultura, nossa identidade. O que nos define como humanos?

Não entendeu, né? Vou citar um exemplo. Já vi um filme com a Angelina Jolie? É uma atriz da década de 90 e início do século XXI. Bom, hoje, eu acho essa atriz linda, principalmente na idade entre 25 e 35 anos. Mas há 100 mil anos, no ano 600.000, ela era considerada um monstro. Já tentou ter uma ereção pensando em um tiranossauro? Era assim antes de resolvermos resgatar a essência do ser humano. Após décadas de seminários, elegemos que nossa identidade estava localizada exatamente no tempo anterior aos humanos serem contatados por

outras culturas.

Você que está lendo isso, fique feliz, pois seu corpo foi considerado o corpo de um ser humano ideal. Tiramos os dentes sisos mas, mesmo após muita discussão e protestos, mantemos o quinto pododáctilo, aquele dedo mindinho do pé que só tem como utilidade acertar quinas de mesas e poltronas. Mas assim é a democracia.

Bom, hoje era para ser um dia de trabalho normal. Vesti minha derma, que é a vestimenta que todo ser humano usa, uma mistura de computador com armadura. Sabe o Homem de Ferro? Pense na derma como uma versão muito mais avançada. Com a derma, você não precisa ir ao banheiro, não fica doente, não morre, não envelhece, voa em qualquer tipo de atmosfera, enfim, pode fazer qualquer coisa. E não é aquele trambolho do Tony Stark, é um tecido que mais lembra uma roupa de mergulho. E é biologicamente correta, ou seja, não irrita a pele, se transforma em nossa pele. O capacete da armadura não se parece com os de seus motoboys, lembra mais um ovo com olhos grandes. Por isso, vocês pensam que somos alienígenas cabeçudos de olhos grandes.

Acho que me perdi de novo... eu falava de vestir a derma e ir para o trabalho. Mas através da derma, nós recebemos informações toda hora em nosso cérebro. Notícias em geral, piadas, às vezes até informações importantes. Mas a grande maioria é propaganda, sempre oferecendo produtos milagrosos. Eu comprei um software que deixava a derma com a forma que quisesse. Poderia me parecer com quem quer que fosse. Poderia ser o Mestre Yoda, o Jack Nicolson, o Pé Grande, uma lula com cinco olhos e três orelhas... ou simplesmente ficar invisível.

Comprei e fui trabalhar. Eu e meu robô-sonda, que consiste em um ovo dourado com uma tela no

lugar do rosto. Não tem braços, nem pernas. Apenas flutua e faz todo o serviço por mim. Eu só preciso supervisionar a máquina para que ela não faça merda. Claro, sempre sou eu quem faz a merda e a máquina me salva.

Enfim, entrei no meu disco voador, ou melhor, minha máquina do tempo, e fui para a Terra do ano 2014. Não é uma viagem fácil, a Terra hoje está há bilhões de quilômetros distante de onde estava em 2014. É um erro comum nesses filmes de viagem no tempo, nunca levam em conta que a Terra e o sol se movem e que a galáxia toda viaja a velocidades absurdas. Quando eu abro o portal, é uma viagem pelo tecido do espaço-tempo, um rocambole quântico que demanda energia suficiente equivalente à produzida por um sol em dez anos. O tempo se curva, o espaço se rasga e os caminhos se abrem na direção de um infinito túrgido.

Quando saio, está tudo diferente. A Terra não tem mais seus anéis. A Lua está mais próxima. E não há naves cingindo o espaço. Os polos estão menores. E muitos satélites artificiais...

O serviço e é na Tijuca, no Rio de Janeiro. O alvo era um casal, ele policial, ela, bom... Era uma daquelas gostosas de subúrbio, cabelos escuros, pele morena clara, um metro e setenta e... Bom, basta dizer que ela era destaque na escola de samba, Unidos da Tijuca todo ano.

Entre na casa e colhi logo o material do marido. Usei o robô-sonda para tirar o esperma de dentro do saco escrotal. A operação não durou mais que três minutos. Talvez fosse o estresse do trabalho, mas o fato é que quando fui procurar a esposa, ela estava na sala, acordada, e fiquei paralisado. Demoraram uns dez segundos para ela me ver, mas eu estava hipnotizado por aquele corpo que parecia ter sido saído da cabeça de algum desenhista de história em quadrinhos. O abdome era sarado sem parecer masculino, os seios, naturais, mas grandes e empinados. Mas as coxas é que eram o suprassumo do exagero, grandes e roliças, com um desenho suave. Ela estava com um baby-doll transparente, sem sutiã e só de calcinha branca por baixo, deitada de bruços com aquele bumbum empinado apontando para o teto. Havia colocado um edredom para forrar o sofá grande de camurça.

Estava ali, assistindo Lendas da Paixão, suspirando excitada com aquele dramalhão. Mentalizei invisibilidade na mesma hora mas, quando ela se virou, me viu imediatamente e gritou. Sorte o marido não ter acordado.

– Quem é você? – perguntou, se protegendo com o travesseiro.

Sem saber o que dizer, me virei para a direção oposta para sair correndo e dei de cara com um grande espelho na parede. Foi aí que vi que realmente não estava invisível.

– Desculpe, eu... Entrei na porta errada – foi o que consegui dizer. – Já estou saindo, peço mil desculpas pelo incômodo.

– Não se vá! – disse a mulher inesperadamente.

– Desculpe, isso é muito embaraçoso.

– Você fala português?

Olhei novamente para o espelho e depois para o filme. A ficha custou a cair, mas caiu.

– Eu não sou o Brad Pitt, senhora, eu me pareço com ele, as pessoas confundem, mesmo, mas meu nome é Ricardo. Desculpa, eu já estou de saída, vou deixá-la com seu filme...

– Fica só um pouquinho, Ricardo.

Ela se levantou, os seios aparecendo por sob o baby doll.

– Você não quer uma água, um vinho?

– Não, senhora, obrigado.

– Não tem nada aqui que você não queira? – insistiu deixando a roupa cair no chão e ficando apenas de calcinha.

Eu não pensei duas vezes. Senti sua boca com gosto de vinho, queijo e cereja envoltos no hálito quente. Suas mãos se emaranharam nos meus cabelos louros cumpridos que eu nunca tive, mas que a derma tornou reais. Ela gemia e acariciava meus músculos com um fogo uterino incontrolável, se esfregando em mim, me beijando com todas as fibras de sua existência. Começamos a fazer amor ali no sofá espaçoso de camurça. Mas a mulher gemia e gritava como se o mundo fosse acabar ali mesmo. Parecia ensaio de alguma banda de heavy metal me-

lódico. Ela atingia notas agudas com rara afinação, em perfeita sintonia com meus movimentos peristálticos. A essa altura do campeonato, envolvido com aquela potranca desgovernada eu também esqueci onde estava, quem eu era e o que estava fazendo. Gritei com toda vitalidade que o corpo do Brad Pitt permitia, e a casa virou um dueto sinfônico de fazer inveja a Freddie Mercury e Montserrat Caballé. De repente, tudo explodia em orgasmos sinfônicos de prazer, parecia que toda a minha vida levava àquele momento profano. Era como despertar para uma nova existência. Aliás, não foi só a minha existência que despertou. O marido dela também, para ver que diabos era aquela barulhada.

– Michelle! – gritou o corno lá de dentro. A derma me avisando que, além do chifre, o cidadão ostentava um belo par de pistolas Magnum 44. – O que está acontecendo?

Quando o homem chegou, nos escondemos, eu e Michelle sob o edredom branco. Claro que percebi que isso não era uma boa ideia. Pedi à derma uma solução, e ela simplesmente desativou a pele do Brad Pitt e me deixou à mostra com a aparência de um alienígena cinzento, com cabeça grande, olhos escuros enormes.

– Puta merda, que porra é essa! – gritou o desonrado policial.

Michelle olhou para mim e desmaiou ao ver que seu astro hollywoodiano se transformara em um monstro de filme B. O policial atirou três vezes. Seriam dois tiros na vidraça e um na própria esposa, se a derma não tivesse incinerado os projéteis antes.

A coisa toda já estava saindo do controle não fosse o robô-sonda entrar na briga e atingir o policial com raio que o deixou desmaiado no chão. A essa altura, o som dos tiros já havia acordado o prédio todo e sons de sirenes já brotavam longínquos. Tive que usar a derma para apagar a memória deles e, sem muito tempo para pensar, implementei memórias de uma noite de sexo selvagem entre os dois que teria gerado intensidade tamanha que levou o marido a dar tiros para o alto. Espero que os colegas policiais peguem leve com ele.

Quando terminamos de colher os óvulos da mulher, nos viramos para o disco voador que esperava

flutuando na janela. Foi só aí que percebemos um terceiro elemento humano naquela sala. Era uma menina de no máximo cinco anos de cabelos escuros lisos. Me olhava com olhos verdes brilhantes, que provavelmente havia presenciado todo aquele show.

– Não se preocupe, Papai Noel, seu segredo está guardado comigo – disse a menina.

Eu olhei para o robô-sonda e ele me olhou de volta com uma interrogação na tela no lugar dos olhos.

– Se... – prosseguiu a menina – Você me dar um ursinho de pelúcia nesta linda noite de Natal.

O robô sonda materializou um ursinho estilo Ted, grande e felpudo antes que eu pudesse pensar no que deveria fazer.

– Obrigado, Papai Noel! – agradeceu a menina.

– Por nada – respondi, voltando para o disco voador.

Assim que me ajeitei no assento, ligamos a invisibilidade, porque a polícia já estava se aproximando e cabeças de vizinhos pipocavam para fora das janelas.

– Será que viram o nosso veículo? – indaguei ao robô sonda.

– Claro que viram – rosou o aparelho. – Essa foi pior do que quando tentou agarrar aquelas meninas em Varginha. Vou fazer um relatório pedindo um colega menos tarado.

– Ah, vai dizer que você não se diverte com minhas aventuras?

– Você quer dizer suas trapalhadas – corrigiu.

– É, pode ser!

– Tudo bem, me divirto sim. Pode deixar que não reclamarei de você – tranquilizou o robô com seu senso de humor sintético. – O que vamos fazer amanhã?

– É uma atriz famosa. Vai ser uma noite longa...

– Concentre-se em terminar esta noite, vai ser uma longa viagem de volta para o futuro.

Tempos de Compaixão e Decisão

um conto de Ricardo França

*T*ínhamos tão pouco tempo...

Agora que as previsões finalmente assumiram certo foro de certeza não havia mais tempo mesmo. A tentativa de reciclar as velhas naves-colônia foi louvável, mas todos temiam pelas suas vidas já na decolagem só pelo fato de terem de estar dentro delas. O pedido de ajuda foi levado por todos os canais disponíveis, a todos os sistemas próximos. Eles não puderam fazer muita coisa, pois também estavam dentro do âmbito de efeitos possíveis da supernova e, obviamente, tinham que lidar com seus próprios problemas. Dois dos sistemas-parceiros surpreendentemente mandaram uma meganave cada. Mas ao chegarem às fímbrias do nosso sistema rapidamente se constatou que elas não deveriam comportar nem um milésimo dos colonos. Quero crer que a evacuação deles mesmos também não seria nada simples. Já a nossa nos parecia cada vez mais impossível.

Quase impossível foi realizar a triagem no auge da pressa determinada pelas circunstâncias. Mesmo com os séculos de racionalidade imperando em todas as nossas decisões de cunho mais amplo junto à representadoria planetária, não se esperava outra coisa senão o caos.

A seleção primeira obviamente cabia aos mais aptos para exercerem o papel de batedores e passarem pelos duros percalços do pioneirismo. Os melhores oficiais de ligação com os sistemas parceiros embarcaram nas naves mais rápidas (coincidentalmente as menores e mais bem equipadas) para eventualmente “recrutarem” mais ajuda, e algumas naves de propriedade particular de membros de outros sistemas, estacionados nos espaçopostos, foram “gentilmente” convidadas a abarrotar seus porões com pessoas e equipamento mínimo para

começar uma nova colônia. Os que se recusaram foram simplesmente apreendidos. Nossas tradições liberais já começavam a entrar em decomposição rapidamente.

O arbítrio continuou seu canto dissonante, quando toda a população do planeta foi simplesmente “comunicada” do plano de evacuação. Nossa tradição de floreios e debates cuidadosa e artisticamente elaborados rapidamente caiu como a mera casca civilizatória que era. As forças de repressão tiveram que se avir com toda a grita que se sucedeu. Porém, bastaram algumas palavras candentes do conselho disseminadas em rede global e on-line, junto com a prova apresentada dos spins entrelaçados do cosmo-centro com os da sonda do sistema em colapso, para colocar a oposição em tal turbilhão de dúvidas que seu movimento de resistência logo cessou com a constatação inequívoca de que os avisos tão negligenciados agora pareciam partilhar de uma realidade tão brônzea quanto a dos marcos dos primeiros dias da colonização que acháramos dois séculos e meio atrás.

As decisões tomadas então nunca nos pareceram tão difíceis. A primeira onda de fuga se encarregou de levar nossas mais importantes conquistas locais para alhures. Os últimos drones de pesquisa planetológica apontaram uma estreita panóplia de sistemas aptos a serem indicados como metas para colonização, todos relativamente inóspitos comparados com os que foram regularmente alvo da última expansão das inúmeras famílias de sencientes humanos. A vida nos era tão importante a ponto de eliminarmos tantos outros candidatos por causa até de meras suspeitas de desbalanceamento ecológico. E, mesmo então, escolhemos pulverizar nossas fileiras para reduzir o peso de nossa presença sobre mundos excessivamente vibrantes de vida não-humana.

Conclusão lógica: Uma era dura se iniciava com a perda de contato, o que rapidamente poderia levar a uma decadência certa na nossa cultura de primatas coletivistas. Os maiores (e mais velhos) dirigentes rapidamente entraram em acordo. Só estariam nas últimas naves a decolar, e sabiam que só o risco da não-sobrevivência poderia compensar o fato de sobreviver e “sofreviver” para ver todo o trabalho de suas vidas (e dos seus predecessores) esfacelado.

Para quem ficara alocado no grosso do processo de fuga logo se viu que o espaço de carga das naves disponíveis, mesmo usando os ferros-velhos que sobraram das primeiras descidas humanas neste mundo, não seria o suficiente para acomodar nem as pessoas quanto mais os mínimos insumos necessários para a sobrevivência no espaço e depois, aonde quer que elas conseguissem pousar. Aos doentes terminais ou aos que só poderiam ter esperanças de sobreviver com um tratamento prolongado e/ou usando um aporte de recursos tecnológicos que não mais existiriam pelos próximos anos foi apresentado o dilema. Quase todos optaram por ficar e “ver os tremendos fogos de artifício que só seriam uma vez contemplados”. Alguns se dispuseram até a assumir a função designada de algo semelhante a “cronistas do juízo-final”, mandando e disseminando mensagens e imagens até o último instante. Muitas pessoas saudáveis ficaram por razões estritamente pessoais, e muitos técnicos valiosos ficaram com o único objetivo de aprontarem o máximo de naves no pouco tempo que nos restava. A saudável e comum competição pela prioridade no recebimento de recursos agora se tornava uma questão de vida e de morte, mas não para esses abnegados.

Todos os implementos tecnológicos que fossem suficientemente portáteis tinham seu lugar garantido nos porões das naves... em teoria. Na prática os supérfluos geradores de cultura materializados ficariam todos para trás, e seriam vaporizados na superfície do planeta. Sobrevivência do máximo de sencientes era a meta. Uma meta sabidamente inalcançável em sua plenitude. E, quanto mais se discutisse sobre os detalhes, maior era a probabilidade de que toda a nossa sociedade organizada perecesse de um só golpe. Por isso abandonamos por fim os infundáveis questionamentos mais rápido do que uma

ave pernalta decola de seu ninho.

“Car-Lex, a única nave classe Kosmos que conseguimos “re-montar” canibalizando as peças das outras similares não está conseguindo passar do nível troposférico...” A expressão envelhecida de cinco anos do meu ajudante principal da Ordem Vacacional representava todo o estado de prostração a que estávamos submetidos nestas últimas semanas.

Eu sabia que isso mais cedo ou mais tarde aconteceria. Os motores da Korolev não estavam em condições de dar tudo que podiam para superar a gravidade planetária. Não poderíamos nos dar ao luxo de perder mais essa nave, que dispunha de grandes espaços internos. Chamei de volta as três naves classe “Relativität”, que tinham motores potentes o suficiente para chegar até os sistemas mais próximos em pouquíssimo tempo, para tentar uma última forma de serem utilizadas como rebocadores. Obviamente os comandantes protestaram, mas logo reconheceram o estado desesperador dos ocupantes da outra sobrecarregada nave, já em sua segunda órbita e perdendo combustível e energias preciosos. Felizmente as naves salvadoras não estavam muito longe. Elas não pousaram temendo ser inundadas de mais refugiados do que poderiam conter, mas fizeram bem seu trabalho numa órbita alta ao conseguir levar o colosso de sua prisão inexorável do poço gravitacional planetário para até depois da órbita do segundo planeta. Ninguém os culpou por desconectarem ali os cabos de tração conforme o combinado e partir à máxima velocidade, cada uma para seu destino pré-traçado.

Esse não foi de longe o único caso nem o mais complicado que tive que resolver neste dia. Apenas para mim era de importância especial estar naquele centro de controle, pois na Korolev estava o pequeno núcleo familiar de minha única filha. A teimosa não queria se desfazer do escrínio da nossa herança familiar. Como foi difícil convencê-la a se contentar com um fac-símile informatizado. Ela ainda não sabe que não irei nem mesmo na última nave disponível, e que já está pronta para a decolagem.

Torço para que os incansáveis técnicos de naviônica consigam salvar quatro das naves de carga classe Vishnu que estavam reduzidas a frangalhos pela idade e pelo canibalismo de peças. Estas são uma

das últimas esperanças para o pessoal mais especializado conseguir achar uma rota de fuga do cataclisma. Aos próprios técnicos foi dada a autorização de embarcar nas próprias naves que terminassem de “salvar”, mas eles, numa abnegação sem precedentes na nossa tumultuosa história humana, decidiram trabalhar em equipe e em todas ao mesmo tempo para que as últimas não ficassem com desfalque de pessoal para terminar o serviço de adaptação. Com essas últimas naves não teremos praticamente quase nenhum cidadão apto deixado para trás. Me recuso a pensar na sentença de morte que oferecemos aos tantos outros que, por viverem uma vida dedicada a valores mais imateriais, foram simplesmente considerados como “dispensáveis”. Como me lembro dos conselhos que meu irmão recebia de vários amigos para aplicar melhor seu tempo de vida no nosso orbe. A ele se juntaram vários desenganados e religiosos desgarrados que transcenderam ou só escaparam mesmo do período de confusão e entrega aos instintos livres, típico dos que perdem a esperança.

Então, no terceiro dia da evacuação, meus especialistas me comunicaram uma novidade estarrecedora, a qual finalmente quebrantara o ânimo do último grupo que decidira chefiar: Para minha tristeza não existia em todo o planeta combustível suficiente para que a última das quatro naves conseguisse atingir a velocidade de escape. Superando uma quase tentativa de motim e os insistentes apelos dos meus superiores decidi ficar com os colonos ainda não servidos. Uma noite mal-dormida logo após a notícia à base de estimulantes e simulações ferozes no único mega-processador que não pode ser evacuado, e então fui acordado do meu sono de exaustão pelos tons de coda do término de processamento, que eu aprendera a amar (pois foi com a ajuda dele que sempre conseguira nos tirar dos vários gargalos tecnológicos para uma evacuação mais completa nos últimos dias).

– Amigo humano (a IA implantada na rede sempre começava suas alocações desta forma mais sim-

pática, mas que já não me causava espécie pelo habitual que se tornara), acho que se interessará pelas hipóteses que eu investiguei. Cheque os gráficos a seguir...

Vários fios desgrenhados de minha outrora orgulhosa cabeleira de cometa, índice dos favorecidos pelos supremos regentes, caíam profusamente na frente dos meus olhos injetados, mas não eram obstáculos suficientes para que eu conseguisse interpretar as conclusões do meu atual e único amigo. Subitamente fios de esperança começaram a se entrelaçar no cenário de meu subconsciente, à medida em que eu deduzia e interpretava os dados e misturas de fontes das linhas de tendência projetadas à minha frente. Os resíduos de movimentação econômica de vários domínios do planeta pareciam poder ser concentrados a tempo, bastando por em concerto todos os robôs de transporte junto a certos centros específicos de produção.

– Cara, se eu tivesse tempo para um cyber-reacionamento acho que tiraria um fim de semana num resort virtual com uma de suas avatares femininas. De tanta felicidade acho que deveria estar parecendo um extático-químico da seita dos conscio-expansores, e a IA parecia ainda dispor de uma certa “sensibilidade” para perceber o quanto eu estava satisfeito. Acho que se juntarmos nossos remanescentes pares no templo central conseguiremos coordenar o que nos falta. Você consegue cuidar das formas “automáticas” do processo?

– Sem dúvida, grande amigo, e isto já está sendo providenciado. Quanto à hipotética libação comemorativa seria um grande prazer de minha parte. Mas acho que dificilmente seria substituto para a presença de um senciente neste caso.

Essas IA, como sempre literais... Mas neste átimo de tempo ela eficientemente colocara sob suas “asas” coordenantes todas as IA dos centros de distribuição e processamento de matéria-prima do planeta. Mas isso ainda não era o suficiente. O galpão improvisado em que se aboletava a última nave aprontada não dispunha de acesso às vias expressas que levavam os insumos necessários para a decolagem. Até que se obtivesse o que nos faltava os técnicos decidiram consertar uma série de probleminhas que tinham passado por alto por questões de ur-

gência e, fora implementar algumas simulações de trajetória auxiliares e a re-chamada dos indiciados para o transporte, eles estavam sem mãos a medir. Mesmo que seus colegas ainda queiram compartilhar de seu destino não pude deixar simplesmente todos eles correrem risco tão alto. Todo este “tour-de-force” estava consumindo nossas últimas reservas de força. Mas não podíamos nos dar sequer um minuto de descanso. A IA planetária me avisara na última hora de que os “forerunners” ou precursores da detonação da supernova já se faziam presentes. A onda de choque poderia chegar a qualquer momento.

Meu professor de galactologia uma vez me explicava numa pausa para o coffee-break de sua última palestra, quando lhe perguntei por acaso sobre a fenomenologia de eventos tão catastróficos como uma explosão estelar ou galáctica: “O clarão virá primeiro e será cegante, prenhe de radiações eletromagnéticas duras. Logo depois virão as partículas materiais aceleradas a velocidades relativísticas que serão tão ou mais perigosas que a radiação em si. Quando elas interagirem com a micromatéria em seu caminho qualquer estrutura existente será “plasmizada” e como a velocidade destes “raios cósmicos” será quase sempre maior que a da luz nestes meios, mesmo que na difusa densidade da micromatéria, teríamos uma bela mostra de radiações Cerenkov de espectro amplo, caminhando “pari-passu” com o meio interestelar. Aí já podemos dispor de uma bonita onda de choque material que virá como uma parede de fogo, engolindo tudo no seu caminho...”

Os laivos poéticos de meus professores sempre me exasperavam, ainda mais quando aplicados a questões de conhecimento puro, mas ali, nesta virada do tempo dos moços, eu me sentava embevecido em frente ao copo de suco filtrado de Gaffa como se nada mais importasse a não ser a pirotecnia projetada na tela interior de minha mente impressionável. Sua filha acompanhava os ditos de seu pai com expressão quase devota. Partilhamos a devoção por tanto tempo que acabei partilhando minha herança familiar com ela. Ela foi fundamental para estabilizar minha carreira e minha vida interior por décadas. Agora mesmo não conseguia me ver sem

ela, mesmo tanto tempo depois dos campos morfogênicos da vida a terem levado para seu mundo de potenciais.

A Korolev passara a ser o fiel depositário de minhas promessas genéticas, transportando meus descendentes e correlatos pelo mar encapelado das forças desencadeadas. Para mim só sobrou o desapego e a própria expressão epigenética de meus cromossomos.

Batizei nossa última nau remendada de “Siddhartha”, em homenagem a uma lendária figura de compaixão, com a ajuda de uma agora inútil garrafa de ambrosia. A IA embarcada riu gostosamente...

Pedra Filosofal

um conto de Flávio Medeiros Jr.

Com tanto espaço vazio aí fora, como foi acontecer uma merda dessas? – resmungou o capitão Geraldo “Gelo” Lourenço, estreitando os olhos na direção da tela.

A luz dos holofotes de longo alcance do cruzador espacial *Baía da Guanabara* convergiam para a estrutura caótica que se assemelhava, grosso modo, a uma letra épsilon distorcida. O braço mais longo, esguio e prateado, era interceptado em sua porção média por um braço menor, mais robusto, de formato quase ovoide. A perceptível curvatura do corpo mais longo no local onde, num grumo caótico de metal distorcido, o veículo menor o interceptava, sugeria um choque violento, em altíssima velocidade. A nave atingida era o explorador civil *Novo Mundo*, que, ao ter sua comunicação com a Terra inexplicavelmente interrompida, motivou o envio da *Guanabara* em missão de resgate. A outra nave era totalmente desconhecida, pelo menos para Gelo Lourenço.

Como se ouvisse seus pensamentos, o tenente Cristóbal, xenopsicólogo chileno, ergueu os olhos do pad. Cristóbal parecia muito jovem, mas era um dos mais destacados elementos de sua especialidade em toda a frota do Bloco Latinoamericano. Formara-se na famosa Universidade de Mar Del Plata, através de um programa de cooperação mútua entre Argentina e Chile para, em tempos de expansão interplanetária, tentar diluir rancores ancestrais “dentro de casa”.

– Creio que não haja dúvida, capitão. É mesmo uma nave k’loon.

Gelo apertou os lábios antes de dizer:

– Suponha que eu não soubesse que diabo dos infernos é um “k’loon”. Explique-me por que devo crer que essas criaturas não foram capazes de antecipar essa colisão, e desviar seu curso milhas e milhas antes do abalroamento. Convença-me de que essa mixórdia aí fora foi um acidente, e não um ataque premeditado.

– A humanidade ainda não teve contato direto com os k’loon – começou Cristóbal, dando de ombros como se pedisse desculpas. – Assim, as poucas informações que temos sobre essa espécie foram obtidas nos intercâmbios comerciais que já pudemos firmar com outras espécies alienígenas, que também não são muitas. Segundo esses dossiês, os k’loon são seres medusoides nativos de um planeta de atmosfera densa. Desenvolveram uma civilização tecnológica mas, tradicionalmente, ainda que tenham conquistado a capacidade de viajar entre as estrelas, são conhecidos como “reclusos”. Dificilmente abandonam seu planeta natal...

– O que, imagino, torna o que está diante dos meus olhos ainda mais improvável.

– Não exatamente, capitão. A característica mais marcante da cultura k’loon, que parece alcançar o status de religiosidade, é uma profunda veneração por toda e qualquer forma de vida. Com base nesse princípio cultural, os k’loon encheram a galáxia com um enxame de espaçonaves robotizadas, que viajam ininterruptamente para setores do espaço onde haja guerras, ou para planetas onde ocorram grandes hecatombes naturais, levando tecnologia médica, medicamentos ou suprimentos para o auxílio incondicional dos atingidos pela desgraça, que

estejam sob risco de morte. Pelo design, acredito que foi uma dessas naves robotizadas que abalroou a *Novo Mundo*.

– Uma nave socorrista se choca contra uma nave missionária. Bem, se alguém achava que Deus não tem senso de humor... – acrescentou a subcomandante Sandra Torelli, com um sorriso amarelo.

– Então são padres, a bordo da *Novo Mundo*? – indagou o sargento Marcondes, escolhido para comandar o primeiro grupo de abordagem.

– Nada disso – esclareceu Torelli. – O grupo, chefiado pelo professor Tanure e família, faz parte de uma dessas neosseitas que explodiram na Terra com a nova fase da Era Espacial. Pregam a volta da humanidade ao culto de valores e costumes ancestrais; gentileza, solidariedade, cooperativismo. Defendem um cultivo mais profundo, em oposição à hipocrisia do chamado “politicamente correto” que assolou o mundo no começo do século XXI. Isso se estende aos hábitos de vida, o que inclui um curioso apego a tecnologias antigas, a partir do século XX. A *Novo Mundo* é uma lata velha reformada, dos primeiros anos da aventura espacial da humanidade, com tecnologia de animação suspensa para longas viagens; uma dessas cujo preço desabou após o advento da tecnologia CAMP, que abriu acesso ao subespaço. O grupo de Tanure dirigia-se a uma das “novas Terras” catalogadas, no sistema estelar diante de nós, para estabelecer uma colônia civil.

– Tudo indica que a nave k’loon atingiu a *Novo Mundo* a grande velocidade, à altura das câmaras criogênicas da tripulação – disse o tenente Soares, da Engenharia, analisando uma imagem ampliada da área de impacto em seu próprio pad. – São quase duzentas pessoas a bordo. Isso não pode ser bom.

– Minha pergunta permanece sem resposta – retomou o capitão, sentindo o resto de seu diluído bom humor se esvaír. – Como um acidente desses é possível, em anos-luz de espaço vazio? A probabilidade tem de ser muito próxima a zero...

– Mas é justamente essa uma característica dos acidentes mais espetaculares, creio eu – rebateu Torelli, franzindo a testa. Por acaso, era uma estudiosa apaixonada da história da aviação. – Lembro-me dos eventos que levaram ao acidente que marcou

o último voo do avião Concorde, na Terra. Ou do choque de um avião de passageiros com um jato menor, sobre a floresta amazônica, no começo do século XXI. Geralmente é uma combinação improvável de eventos que, isoladamente, poderiam ser inócuos, mas que acontecem numa sincronicidade que extrapolaria a imaginação de qualquer engenheiro aeronáutico. No caso presente, talvez uma falha nos sistemas de navegação de uma das duas naves a tenha impedido de detectar a outra a tempo. Como são dois corpos de movimento programável, um choque seria sempre uma possibilidade aleatória, de baixa probabilidade dada a amplitude do espaço cósmico, mas lembre-se de que as espaçonaves, deliberadamente ou não, acabam criando “corredores espaciais” que as desviam de corpos sólidos, cinturões de asteroides ou campos gravitacionais fortes. Estamos entrando num sistema planetário complexo, com uma estrela e doze planetas. É natural que, nesta região, as rotas se afunilem. Assim, uma falha mecânica em uma das naves seria suficiente para...

– Certo, certo, entendi. Pois vamos acabar logo com isso. Marcondes, seu grupo deve penetrar pela fenda que observamos no bojo da *Novo Mundo* e se concentrar na busca de sobreviventes. Ultrapassada a barreira do casco externo, as leituras dos scanners biológicos devem ficar mais fáceis. Mas mantenham as armas prontas; ainda que o tenente Cristóbal acredite em medusas pacifistas, todo cuidado é pouco.

– É pior do que imaginávamos, capitão – soou a voz taciturna do sargento Marcondes no autofalante da ponte de comando. A tela central, que atraía todos os olhares, exibia, entre tremulações e chuviscos, a imagem de um amplo salão cheio de cilindros espalhados desordenadamente. A única luz vinha das lanternas dos capacetes do grupo de abordagem, acopladas às câmeras. – O impacto atingiu o compartimento criogênico em cheio. A descompressão sugou para o espaço uma boa parte dos esquifes de animação suspensa, arrancados dos suportes. O choque parece ter danificado também o sistema de

controle central da criogênese. Os tripulantes que não foram ejetados morreram asfixiados dentro dos esquipas. Não é uma coisa bonita isso aqui, senhor.

Gelo suspirou. Seus dedos crispavam-se em torno das bordas do console de comando até perderem a cor.

– Marcondes, provavelmente havia alguém pilotando a nave. Podem chegar à ponte de comando?

A luz do capacete do sargento girou ao longo de um amplo círculo, antes de responder:

– Creio que sim. Infelizmente, ainda não captamos sinais vitais com os scanners. O terço central desta espaçonave é ocupado quase inteiramente por este salão. Deve ser o ponto mais frágil, realmente foi muito azar que a fratura do casco tenha ocorrido justamente aqui. A eclusa que leva à proa também foi arrancada dos encaixes. O resultado parece ter sido uma descompressão maciça, capitão. Se os demais conveses não estavam isolados...

– Precisamos ter certeza. Caso seja possível, isole o setor danificado e tente repressurizar o restante. Peça ao tenente Igushi que tente acionar os sistemas elétricos e verificar os motores. Talvez possamos, pelo menos, fazer voar esse destroço, para darmos um enterro decente a essa gente.

– Roger, capitão. É possível que experimentemos falhas na comunicação, na medida em que nos afastarmos da fenda, pelo menos até que sejamos capazes de acionar os sistemas da nave. Estou enviando Igushi e Tomaz na direção da popa para verificarem os motores, e seguindo com o resto do grupo para a ponte.

– Roger. Tomem cuidado.

Os minutos se arrastaram. Com efeito, as lacunas na comunicação eram cada vez mais longas, mas ficou claro que o grupo de abordagem conseguiu repressurizar tanto o segmento anterior como o posterior, isolando o compartimento danificado. Após algum tempo, a tripulação da *Guanabara* conseguiu perceber luzes se acendendo na outra nave. Mais alguns minutos e um sinal de chamada veio através do rádio. A tela se iluminou e surgiu o rosto suado de Marcondes, já sem o capacete.

– Infelizmente aconteceu como imaginei, capi-

tão. Encontramos dois corpos aqui na ponte de comando. As fotografias os identificam como o professor Tanure e sua esposa. Após a eclusa danificada do salão de criogênese, todas as demais estavam abertas. O casal morreu asfixiado quase instantaneamente. A posição dos corpos também indica que foram deslocados violentamente pela colisão. Não devem ter sequer percebido a outra nave chegando. Fraturas e traumatismos internos podem ter contribuído para o óbito. Acredito que...

A fala foi interrompida por uma confusa combinação de gritos, que vinham dos comunicadores embutidos nos uniformes do grupo de abordagem. Gelo sobressaltou-se ao reconhecer o som dos disparos das armas portáteis.

– Marcondes, o que está acontecendo?

O sargento, por sua vez, já gritava com a boca colada ao microfone do traje:

– Tenente Igushi! Informe! Igushi!

Depois de uma pausa terrível, soou a voz ofegante do jovem tenente:

– Não estamos sozinhos aqui, sargento! Fomos atacados! Repito: atacados!

– Recuar, grupo dois! Voltem à proa imediatamente!

A equipe, tendo Gelo Lourenço ao centro, ocupava toda a ponte de comando da *Novo Mundo*. Os corpos do casal Tanure haviam sido acondicionados em sacos de tecido sintético prateado e depositados numa das salas contíguas. De braços cruzados, apoiado num console, o capitão fixava atentamente os olhos em Igushi, como se quisesse dissecar seus pensamentos. O tenente, visivelmente abalado, tentava complementar seu relato com gestos.

– Fomos diretamente aos motores, na popa, e constatamos que não sofreram maiores danos. Devem ter apenas se desligado depois do choque, graças aos relés de segurança. Estávamos retornando para a proa e, para ganhar tempo, viemos inspecionando, no caminho, os decks por que passávamos.

Vimos os grandes compartimentos de carga, que estão cheios com a mudança do grupo de colonos. Vimos áreas de convivência comum, como refeitórios e salas de lazer. Até que chegamos ao corredor lateral que conduz aos aposentos do comandante...

Gelo olhou automaticamente para a maquete holográfica translúcida, mostrando cada compartimento e corredor da nave, que cintilava, suspensa no ar, diante de si. Um ponto luminoso marcava o local descrito pelo tenente.

– Foi quando meu scanner deu o alerta – prosseguiu Igushi, em tom sombrio. – Detectou sinais vitais naquela direção, capitão. Havia alguém vivo no setor da espaçonave reservado ao comandante. Eu e Tomaz destravamos os rifles de impulsos e entramos no corredor principal, que descrevia uma curva de noventa graus adiante. Foi quando o alien apareceu...

– Um alien. Era um k'loon?

– Se essas criaturas são, como disseram, medusas gigantes, não era um deles, não senhor – interveio, excitado, o cabo Tomaz. – Era humanoide. Devia ter cerca de um metro e meio de altura, mas um corpo maciço e peludo.

O murmúrio de espanto ao redor o estimulou a continuar:

– Estava vestido, e eram trajes semelhantes aos nossos. Na cabeça um chapéu de abas largas, e só o rosto denunciava que não era humano. Um nariz e olhos enormes, desproporcionais, emergindo entre tufos grossos de cabelos vermelhos que cobriam a cabeça e todo o rosto, terminando em bigodes enormes. O alien empunhava suas armas, e, antes que disséssemos algo, disparou dois tiros em nossa direção.

– Que tipo de armas eram? Impulsos? Raios?

Igushi e Tomaz se enteolharam por um momento, antes que o primeiro respondesse:

– Na verdade pareciam ser armas de fogo baseadas em pólvora, com projéteis sólidos, senhor. Como as usadas na Terra, nos séculos XIX e XX. Um dos disparos ricocheteou na parede, bem ao lado da minha cabeça.

A estupefação silenciosa na sala de comando poderia ser cortada com uma faca. O rosto de Gelo era uma máscara quando, finalmente, concluiu:

– Vocês estão me dizendo que foram atacados por uma espécie de caubói alienígena.

Igushi deu de ombros.

– Só posso relatar o que vimos, capitão. E foi exatamente o que Tomaz disse. Imediatamente respondemos ao fogo inimigo, mas a criatura desapareceu na curva do corredor, e então recebemos sua ordem para recuar.

Um silvo no comunicador indicou que alguém chamava da *Guanabara*. Era Torelli.

– Recebi um boletim da Engenharia, capitão. Parece que algo aconteceu no interior da nave k'loon, pouco antes do ataque sofrido por nosso grupo.

– Como assim? A nave alien não está desativada, como a Novo Mundo?

– Foi nossa suposição precipitada, quando verificamos as baixas leituras energéticas. Nós não pensamos que, tratando-se de uma nave robotizada, não tem gasto energético com sistemas de suporte de vida, aquecimento, iluminação, etcétera. Parece que, ao ver-se enclachada no bojo da *Novo Mundo*, ela reduziu seu consumo energético a um status de espera. Mas o que Soares detectou foi que, pouco antes do ataque ao grupo, houve um pico energético num ponto específico da nave k'loon, próximo ao setor onde fica o que estamos deduzindo como sendo os principais sistemas de comando e navegação. O “cérebro” da nave, digamos assim.

– O que vocês acreditam que seja? Uma espécie de teletransporte?

– Impossível saber, no caso dessa tecnologia totalmente desconhecida. Mas é um palpite válido. Mesmo porque, milésimos de segundos depois, aconteceu um pico semelhante de energia num local próximo àquele, de acordo com Igushi, onde travou contato com seu atacante.

– Envie um esquema da nave alienígena para meu pad, Torelli. Marque o local onde observaram o pico energético.

– Roger. Qual é a ideia, capitão?

– Vou comandar um grupo através da fenda que conduz ao interior da nave k'loon. Enquanto isso, aqui, Marcondes comandará um grupo armado na direção dos sinais vitais detectados por Igushi. Cerquem o inimigo e, se possível, peguem-no vivo. Torelli, acesse os computadores da *Novo Mundo*. Veja tudo: diários de bordo, caixas-pretas, registros de comunicação e atividades da tripulação. Não estou gostando do rumo das coisas e, se possível, quero evitar mais surpresas.

Os grupos dividiram-se rapidamente. Gelo levou consigo, para o território desconhecido, os soldados mais experientes, deixando o grupo mais jovem aos cuidados do sargento Marcondes. Este estudou os esquemas técnicos da *Novo Mundo* e identificou dois acessos às dependências privativas do comandante. Dividiu seu próprio grupo em dois, e seguiram imediatamente.

O primeiro contingente, comandado pelo tenente Higushi, seguiu pelo corredor principal até o local onde acontecera o confronto. Ali permaneceram à espera de Marcondes, que seguia com seus homens pelo caminho lateral mais longo. As dependências do comandante incluíam uma sala de estar e uma cozinha privativas, uma pequena sala de vídeo, sanitários, dois quartos e um compartimento menor, onde a família mantinha seus próprios esquifes de animação suspensa. Marcondes seguia cuidadosamente de um a outro, em completo silêncio de rádio. Com o ambiente pressurizado, usavam os capacetes abertos. Nos scanners, os sinais vitais mencionados por Igushi eram perfeitamente detectáveis, e os gráficos se pareciam, curiosamente, com sinais humanos, o que condizia com o aspecto humanoide do agressor. Quem quer que fosse estava completamente imóvel, e a cada passo do grupo os sinais iam ficando mais fortes.

Haviam ultrapassado a sala de estar quando aconteceu. Todos sentiram ao mesmo tempo a lufada de vento que, vinda da direção da cozinha, fez voar papeis e outros objetos que se encontravam soltos ao redor. Sem precisarem de ordens, os soldados postaram-se estrategicamente em leque, protegidos por mesas, colunas e outros escudos, e empunharam as armas. O som de panelas e outros objetos metálicos batendo contra as paredes dava

conta da surpreendente força do vento, que, diante de seus olhos, formou um redemoinho que ocupava toda a entrada do recinto. O som de tempestade não impediu que ouvissem a voz assustada do cabo Martin:

– Veja, sargento! Dentro do vendaval!

O alerta nem era necessário. Todos já eram capazes de ver, por trás da nuvem de objetos metálicos, plásticos e papeis que giravam loucamente em forma de ciclone, o vulto maciço e escuro de uma criatura. Era muito peluda, mas não eram pelos vermelhos como os descritos por Igushi; eram grossos e negros, e cobriam todo o corpo, que não parecia usar roupas. Por um momento a cabeça adiantou-se, e os soldados viram mais claramente os enormes olhos, o focinho proeminente, e um par de orelhas pontiagudas. A boca, também avantajada, abriu-se, deixando ver duas fileiras de terríveis presas amareladas. A criatura ergueu um par de braços finos que terminavam em garras, emitindo um rosado ameaçador.

– Isso é um animal, sargento? – gemeu Martin. Marcondes reagiu:

– Tiros de advertência!

Os tiros pipocaram ao redor da porta que emoldurava o estranho alienígena. Ele emitiu um uivo e recuou, sumindo de vista. Talheres e utensílios de cozinha continuavam batendo contra as paredes e sendo projetados na direção do grupo.

– Ele não tem outra saída! – gritou Marcondes, acima do som do vendaval. – Está cercado!

Como em resposta, um estrondo de metal retorcido os fez encolher em seus esconderijos, e o vento cessou instantaneamente. Marcondes e outro soldado deslocaram-se até as laterais da passagem e olharam cautelosamente para o interior. O sargento baixou o rifle e, com um sinal, chamou o restante do grupo. Ao fundo da cozinha, um enorme rombo na parede metálica denunciava a rota de fuga da criatura.

A soldado Nassim apontou um sensor para as bordas do rombo.

– É impressionante – murmurou. – É como se a parede tivesse simplesmente se desintegrado! Ve-

jam, não há fragmentos ou debris ao redor. O metal apenas...

Interrompeu a fala e apontou seu sensor num arco mais amplo, na direção das paredes e móveis ainda íntegros da cozinha.

– Interessante...

O comunicador silvou. Era Soares, o engenheiro, falando da *Guanabara*:

– Marcondes, o que aconteceu?

– Difícil dizer. Outro alien, semelhante ao que Igushi descreveu, apenas mais... selvagem. Não sei se era inteligente ou um animal, mas escapou dissolvendo uma parede de metal maciço.

– Detectamos o mesmo pico energético na nave K'loon, e o eco a poucos metros de vocês. Tudo indica que seja, mesmo, um tipo de teletransporte. Fiquem atentos.

– Há um pequeno detalhe que preciso mencionar, *Guanabara*: estávamos todos focados nos sinais vitais, e fomos surpreendidos por mais essa aparição. Na verdade, os sinais que captamos estão mais adiante, provavelmente no convés onde guardam os esquifes de animação suspensa do comandante.

– Você está dizendo...

– Que não registramos sinais vitais do bicho que nos atacou. Ou ele não está vivo, ou é alienígena demais para nossos sensores.

– Então, de quem são os sinais vitais?

– Tenho um bom palpite – era Torelli, entrando na conversa. – Os registros indicam que o comandante tinha um filho, Hamilton Tanure, de sete anos de idade. Um dos últimos registros do diário da senhora Tanure revela que a criança estava ficando irritadiça, entediada, saturada de seus quadrinhos e desenhos animados, cujo estoque parece ter sido insuficiente para a longa viagem. A mãe começou a prolongar seus períodos de sono através da animação suspensa. Suspeito que o que vocês encontrarão mais adiante, na câmara criogênica, será o pequeno Hamilton, o último sobrevivente da Novo Mundo, em sono artificial profundo.

– Então precisamos chegar a ele antes dessas

criaturas, seja lá o que forem.

Não havia qualquer atmosfera dentro da nave K'loon. Os corredores eram estreitos, cada espaço aproveitado ao máximo, formando um confuso quebra-cabeças de máquinas de propósito desconhecido. A única luz vinha dos holofotes nos capacetes do grupo de abordagem, que iluminavam painéis opacos cobertos de ranhuras finíssimas e furos, espalhados por todas as partes.

– Que pesadelo é esse, capitão? Onde estão os botões, telas de controle e alavancas?

– Você está olhando para elas, cabo. Esses furos e ranhuras são controles adequados a seres dotados de finos tentáculos. Quanto a telas, quem você espera que as observe numa nave robotizada?

– Pretendo perguntar isso ao nosso caubói espacial, senhor, assim que o encontrarmos.

O silvo do comunicador assinalou uma chamada da *Guanabara*, informando o grupo sobre o pico energético que precedera o aparecimento da nova criatura a bordo da *Novo Mundo*. O grupo de Gelo Lourenço devia estar, agora, a poucos metros do maquinário que gerava os pulsos.

– Capitão!

O grito de alerta fez com que todas as lanternas voltassem seus focos para o tortuoso corredor adiante, na direção apontada pelo soldado.

A criatura não devia ter mais que sessenta centímetros de altura. O corpo de aparência frágil, de membros incrivelmente finos, não parecia apropriado para sustentar a cabeça grande, uma esfera perfeita que, na escuridão da nave, parecia ser tão negra que se fundia às trevas, mas que era bem delimitada, superiormente, por um capacete que parecia feito de metal brilhante. Do centro da face dois olhos enormes, zangados, malignos, fitavam o grupo.

Antes que Gelo dissesse algo, o pequeno ser ergueu um braço e, da pistola em sua mão, um raio de luz cegante disparou por cima dos soldados, dei-

xando uma área ovoide desintegrada no teto sobre suas cabeças. Segundos depois, gritos furiosos e disparos de armas de impulsos davam uma vida inédita à nave fantasmagórica.

Os grupos de Marcondes e de Igushi, a bordo da *Novo Mundo*, encontraram-se na intersecção em “T” onde, horas atrás, surgira o primeiro agressor alienígena. Ninguém vira mais sinais do monstro dos ventos. Só havia um caminho a seguir agora: em direção aos dormitórios e à sala da animação suspensa, onde jazia a criança adormecida. Era um beco sem saída para quem quer que estivesse adiante.

– Antes de seguirmos, *Guanabara*, quero registrar algo – declarou a soldado Nassim, apontando um sensor para as paredes no local exato onde, de acordo com Igushi, avistara o alien armado com pistolas.

– Prossiga, Nassim – confirmou a subcomandante Torelli, do outro lado.

– Foi algo que observei, inicialmente, no local onde a criatura do tornado atravessou a parede: a análise dos materiais indica que ela simplesmente consumiu o metal. Não havia sinais de calor ou radiação. O metal simplesmente deixou de existir no local. Acontece que, casualmente, detectei um desgaste semelhante, mas em menor proporção, num raio de cerca de dez metros em torno da abertura.

– Explique melhor, Nassim.

– As paredes, os consoles, alguns objetos da cozinha; o material de que são feitos encontrava-se desgastado, as paredes mais delgadas, utensílios mais finos, quebradiços. Curiosamente, estou agora analisando o local onde o tenente Higushi viu o “caubói espacial”, e existe uma bolha semelhante, de dez metros de raio, de material consumido em torno do local onde a criatura surgiu.

– Poderia ser um efeito secundário do teletransporte?

– Não vejo como – respondeu a jovem, torcendo

os lábios para baixo. – Afinal, aqui seria o ponto de materialização. Não faz sentido que a matéria desapareça.

O silêncio persistiu no rádio por alguns segundos. A voz de Torelli retornou, e parecia hesitante:

– Prossigam com cuidado.

Após interromper o contato, a subcomandante pediu a presença de Cristóbal, com o dossiê contendo as informações que tinham a respeito dos k’loon. Tinha uma suspeita tênue, mas até o momento era o melhor de que dispunham em meio àquela situação bizarra.

– Para onde ele foi, capitão? – a voz dentro do capacete era quase um sopro ofegante.

– Não sei. Os tiros nesse breu me ofuscaram completamente. Vamos avançar devagar. Grupo dois, nos dê cobertura.

Seguiram cautelosos, mas não houve mais resistência. Finalmente o corredor se abriu numa abóbada semicircular. No centro, um punhado de cubos escuros era percorrido, ocasionalmente, por raios luminosos de diferentes cores.

– *Guanabara*, acredito que alcançamos o alvo.

– Positivo, capitão. É daí que partiram os pulsos de energia. O último deles aconteceu pouco antes do senhor reportar o ataque ao seu grupo.

De repente, um breve zumbido fez cintilar um dos cubos centrais. A voz no rádio soou, alarmada:

– Outro pico agora, capitão! Vocês estão aí, o que está...

Um estrondo. Um clarão. O metal explodindo na parede acima da cabeça de Gelo.

Soldados gritando, atirando. Alguém segurou o braço do capitão, ajudando-o a levantar-se do piso onde se jogara após o disparo. Outro soldado aproximou-se, excitado.

– Eu o vi, capitão! Estava escondido atrás dos cubos luminosos.

– Era o mesmo alien do corredor?

– Não, senhor. Era um humanoide de baixa estatura. De cabeça, olhos e nariz grandes, como o que atirou no tenente Higushi. Mas este não parecia ter nenhum pelo no corpo. Ele... ele...

– Desembuche, soldado. Isso não tem como ficar mais estranho.

– A penumbra pode ter me confundido, mas ele estava usando um traje de caçador. E atirou no senhor com uma enorme espingarda de cano duplo.

Gelo engoliu em seco. Arrependeu-se imediatamente de sua última frase.

Os dedos da subcomandante Torelli corriam freneticamente pelo teclado. Relendo trechos do dossiê sobre os k'loon, acreditava ter sido capaz de decifrar o mistério do inimigo oculto que os espreitava no local do acidente. Mas faltava a peça final do quebra-cabeça: a identidade dos agressores. Cristóbal lhe sugeriu algo que, não fosse a estranheza absoluta da situação, teria feito com que o chamasse de maluco. Agora ela vasculhava, ansiosa, o segundo volume dos arquivos pessoais de Hamilton Tanure. A imagem saltou da tela e atingiu seus olhos como um soco. Ela expeliu o ar dos pulmões, e depois cobriu a boca com as costas da mão. Não conseguiu reprimir uma risada.

– Ah, meu Deus... ah, meu Deus...

– Comandante, o que houve?

– Eu sei quem são eles, Cristóbal. Ponham-me em contato com o grupo avançado na *Novo Mundo*, rápido!

– Bem, aqui estamos – disse Marcondes, respirando fundo. – Atrás daquela porta encontra-se a criança. Não há outros sinais vitais detectáveis nas proximidades. Precisaremos de alguns minutos para desconectar o esquife criogênico, conectá-lo

ao suporte portátil e transportá-lo em segurança para o ponto de resgate, junto à fissura no casco. Assim que nosso pessoal, que está se distribuindo ao longo do caminho de volta, estiver a postos...

Gritos no corredor. Tiros. Três soldados surgiram atropeladamente à porta e se jogaram para dentro do dormitório.

– Eles voltaram, sargento! O monstro do tornado, e agora também o tal caubói espacial. Tem outra criatura com eles, semelhante a um lobo, mas que caminha como homem...

– Onde está o resto do grupo?

– Do outro lado. As criaturas surgiram inesperadamente, no meio de nós. Não vimos de onde vieram...

– Vamos montar uma barricada aqui mesmo.

Atrás deles, o chiado de uma porta se abrindo. No centro da sala seguinte, sob uma luz tênue e homogênea que preenchia o ambiente, viram o brilho do esquife criogênico. Mas à frente dele, bem diante da porta aberta, uma silhueta se impunha de forma assustadora. Era esguia e alta, como um ser humano. A cabeça alongada emoldurava dois olhos enormes. Muito grandes, como parecia ser a característica em comum entre todas aquelas aberrações. Abaixo deles, um focinho proeminente voltado na direção dos soldados. E em sua mão direita, pendendo ao lado do corpo, via-se uma enorme, desproporcional marreta. A criatura moveu-se lentamente, adotando uma postura defensiva, erguendo a marreta sem dificuldade, como se fosse um taco de baseball.

– Eles estão chegando, sargento! – disse o homem que observava o corredor. Estamos cercados!

– Preparem as armas – disse Marcondes, entre dentes. – Ao meu sinal atirem à vontade, e não parem antes de...

– Grupo avançado, cessar fogo! – gritou a voz em todos os autofalantes.

– Comandante Torelli?...

– É uma ordem, Marcondes! Quero que todos larguem as armas imediatamente.

– Comandante, estamos cercados pelo inimigo

e prestes a...

– Confie em mim, sargento. Eles não vão lhes fazer mal. Larguem as armas e ergam os braços, em sinal de rendição.

Os soldados se enteolharam. Não era uma ordem fácil de cumprir. Mas, com os diabos, Torelli era a comandante em exercício. Marcondes suspirou, ciente de que todos o observavam e o seguiriam até o fim, qualquer que fosse ele. Lentamente, travou o rifle e depositou no piso aos seus pés. Relutantes, os demais seguiram seu exemplo. Quando voltaram a se erguer, tudo havia mudado. Nenhuma criatura era mais visível. O ser com a marreta desaparecera, assim como a turba que vinha pelo corredor. Não havia mais vento, nem rosnados. Só havia o grupo avançado, a criança adormecida e uma espaçonave morta.

– Tudo prossegue dentro dos eixos, capitão – disse Torelli, entrando na sala e tomando seu lugar à direita do oficial de maior patente. – A equipe médica informa que a criança está bem. Pretendem mantê-la em sono criogênico até encontrarmos a *Diamantina*, que a levará para casa. Os técnicos estão terminando de lacrar o rombo no casco da *Novo Mundo*, e em breve chegará o rebocador CAMP que a conduzirá à Terra. A nave k'loon, após o desengate, permanece à deriva. Um pequeno aumento no fluxo energético sugere que deve estar fazendo um back-up automatizado de sua própria situação após o acidente.

Gelo sorriu brevemente. Para quem o conhecia, aquilo era um dos maiores prêmios a que se podia aspirar.

– Confesso que não foi fácil seguir sua ordem de depor as armas e recuar em meio a um tiroteio numa câmara alienígena, Torelli. Mas você era a comandante em exercício na *Guanabara*, e o capitão deve ser o primeiro a dar seu exemplo de disciplina, correto? E vejam só: funcionou! No entanto, todos aqui acreditamos que você nos deve uma boa explicação sobre o que, de fato, aconteceu lá fora.

Torelli devolveu o sorriso, saboreando o momento. Ajeitou-se na cadeira antes de prosseguir, em tom professoral:

– O gatilho que me levou à solução do mistério foi o relato da soldado Nassim, que detectou um estranho desgaste em todos os materiais ao redor dos locais onde apareceram as criaturas a bordo da *Novo Mundo*. Se não era um teletransporte, o que mais poderia ser? Então me lembrei de algo que li enquanto estudava o dossiê a respeito dos k'loon. Eles enviam suas naves robotizadas a todo tipo de planeta, onde vive todo tipo de criatura. Um dos segredos que permitem o alto índice de sucesso de suas missões de socorro é uma tecnologia baseada em reorganização molecular. Seja qual for o tipo de matéria disponível nos locais de chegada, as naves k'loon fazem um diagnóstico das necessidades dos seres vivos ameaçados e simplesmente reduzem parte da matéria sólida ao redor a componentes moleculares básicos, sintetizando a partir deles qualquer tipo de recurso, seja alimento, remédio ou material de construção, para concluírem sua missão de resgate. Isso me chamou a atenção porque me fez pensar no mito terrestre da “pedra filosofal”: transformar chumbo em ouro. Para os k'loon, isso seria brincadeira de criança.

– Você está dizendo que cada um daqueles seres era uma espécie de construto? Que foram sintetizados a bordo da *Novo Mundo* a partir do metal extraído das paredes?

– Metal e todo tipo de matéria disponível. Eis porque não tinham sinais vitais: não estavam vivos. Eram um tipo sofisticado de andróides, se quiser assim. Uma vez cumprida sua função, eram desintegrados com a mesma facilidade.

– Função! – não resistiu Marcondes – Muito bem, comandante, mas que função seria essa, além de nos assustar como o diabo?

– Foi o que também me perguntei, sargento. O que me levou de volta ao dever de casa, o dossiê sobre os k'loon. Como deve se recordar, essa espécie tem uma atitude quase dogmática no que se refere à proteção da vida. Ora, o único ser vivo a ser protegido a bordo da *Novo Mundo*, após o acidente, era a criança em sono criogênico. Eis que chega outra

espaçonave, e homens armados se aproximam do local de repouso da criança indefesa...

– De fato, ambas as criaturas se materializaram em nosso caminho rumo ao local do esquife criogênico da criança. No entanto, apesar dessa tal “veneração pela vida”, as coisas atiraram em nós.

– Pense bem, sargento: eles tinham a vantagem da surpresa. Entretanto, não tivemos nenhuma baixa em nossas fileiras. Todos os tiros foram com o objetivo de assustar, de deter seu avanço. Nenhuma ação dos construtos visava, efetivamente, ameaçar nossa existência.

– Como aconteceu a bordo da nave k’loon – reforçou Gelo, concordando. – Eles tentavam apenas nos afugentar, impedir que interferíssemos nos sistemas vitais da espaçonave. Muito bom, Torelli. Conseguiu formar alguma teoria sobre que diabo de criaturas eram aquelas? Em que matriz a máquina se baseou para sintetizar aquelas coisas?

O sorriso da subcomandante ampliou-se, e ela buscou os olhos de Cristóbal, procurando apoio. Mas o jovem chileno parecia, de repente, interessadíssimo em alguma coisa invisível na direção do teto da sala. Covardão. Ela pigarreou, e começou lentamente:

– Lembrem-se de que a nave robotizada se deparou com uma espaçonave cheia de seres mortos, com a exceção de um. Seres de uma espécie, para eles, inteiramente desconhecida. No momento em que o autômato viu-se na necessidade de elaborar construtos que nos intimidassem, precisava de informações a respeito de que tipo de oponente consideraríamos ameaçador. Que tipo de ser poderia ser visto, a nossos olhos, como uma potencial fonte de violência, de ameaça a nossa integridade física e à própria vida? É provável que, até nossa chegada, o autômato já estivesse escaneando e tentando analisar os arquivos gravados na *Novo Mundo*. No instante em que interpretou que Hamilton Tanure estava sob ameaça, deve ter se concentrado nos registros do menino, buscando qualquer coisa que, para ele, consistisse em ameaça, em fonte de violência. Algo que a criança pudesse usar como defesa.

Fez uma pausa, fitando as fisionomias ao redor. Como não encontrasse sinais de compreensão, con-

tinuu:

– Que tipo de “violência” faz parte do mundo de uma criança de sete anos de idade, senhores? Uma criança que vinha numa longa viagem, a partir da Terra, assistindo repetidamente a infindáveis horas de desenhos animados do século XX...

– Oh, não...

Torelli ignorou, dessa vez, a intervenção de Marcondes. Prosseguiu, com mais ênfase:

– Antes da febre do “politicamente correto”, a violência nos desenhos animados era mostrada de forma muito mais crua, despreocupada, mesmo porque nunca terminava em morte ou lesão verdadeira. Um personagem era alvejado por uma escopeta, ou esmagado por uma pedra, e sofria no máximo alguma distorção corporal momentânea. Aparecia na cena seguinte, totalmente recomposto. Em alguns desenhos antigos isso era uma ocorrência muito comum. Por exemplo, encontrei nos arquivos de Hamilton Tanure temporadas inteiras da “Turma do Pernalonga”...

– Desculpe... quem?

Torelli, com um sorriso tímido, acionou seu pad e projetou imagens na tela grande da sala de reuniões. Um coelho cinzento, esguio e sorridente, provocou uma careta de desgosto em Gelo Lourenço. Depois dele, vários personagens surgiram um após outro, e não havia dúvidas de quais haviam servido de “inspiração” para os construtos k’loon, por mais que as versões em matéria não parecessem tão amigáveis e infantis quanto as dos desenhos animados.

– Lembrem-se – interveio Cristóbal, finalmente animando-se a participar da explicação, – para a raça alienígena esses personagens não têm, nem de longe, a conotação que têm para nós, humanos. A interpretação que os k’loon fizeram deles foi absolutamente circunstancial.

– É meio mórbido, eu sei – disse Torelli, dando de ombros. – Mas não deixa de ser... digamos, engraçado. Alguns de vocês hão de conhecer um ou mais destes personagens...

– Era o Patolino, não era?

Todas as atenções se voltaram para Marcondes,

que encarava o tampo da mesa com uma expressão vidrada.

– Eu achei que era um focinho comprido, mas na verdade era um bico de pato. Na câmara do esquite criogênico, foi o Patolino quem me ameaçou com uma marreta gigante.

Torelli entrou nos aposentos privativos de Gelo e permaneceu em posição de sentido. Sentado em sua poltrona predileta, fitando a escotilha que deixava ver as estrelas, o capitão bebericou o uísque em seu copo, parecendo não ter se dado conta de sua presença. No entanto, um minuto depois, ele disse em voz baixa, ainda sem olhar diretamente para sua primeira auxiliar:

– À vontade, Torelli. Sente-se. Sirva-se de uma dose, se quiser, pode ser que esteja precisando. Eu estou.

– Vou precisar de ajuda no preenchimento do meu relatório sobre esta missão, disso não tenha dúvidas – respondeu ela, sentando-se do outro lado da pequena mesa no centro do quarto.

– “O universo é um lugar estranho e perigoso.”

– Conheço a citação, capitão. Quem não conhece?

– Almirante Barbosa. Frase dita ainda nos seus tempos de capitão. Em todas as vezes nas quais procurei traduzir em exemplos a palavra “estranho”, algo vagamente próximo do que vimos jamais me passou pela mente.

– Um mal-entendido dos mais bizarros. Mas bem apropriado para o primeiro contato entre duas culturas absolutamente estranhas entre si.

– Como estão as coisas lá fora?

– O rebocador CAMP chega a qualquer momento. A nave k’loon, como já reporte, acionou seus motores e se afasta de nós em baixa velocidade. Parece estar retornando pelo seu curso de origem.

– Devem ter muito a contar em casa, assim como nós.

Gelo girou a cadeira e fitou Torelli diretamente.

– Você disse que já estavam escaneando os registros da *Novo Mundo* quando chegamos. O quanto terão aprendido sobre nós? Você acredita que, no final de tudo, eles conseguiram chegar ao mesmo entendimento que nós a respeito de tudo que aconteceu?

Ela voltou a dar de ombros.

– Quem sabe tenhamos essa resposta em algum próximo contato? Ou, quem sabe, talvez nunca saberemos...

A conversa foi interrompida pelo chamado do intercomunicador.

– Capitão, estamos recebendo uma mensagem de áudio e vídeo da nave k’loon. Ela a transmitiu segundos antes de mergulhar no subespaço.

– Projete na minha tela – respondeu Gelo, após breve hesitação.

A tela acendeu, e uma série de círculos concêntricos surgiu, acompanhada pelo ensurdecido barulho de uma fanfarra animada. No centro da tela, em letra cursiva, uma frase desenhava-se lentamente.

– “*That’s all, folks!*” – leu Torelli em voz alta, mal contendo o riso.

Carga Solta

um conto de Simone Saueressig

Ei, cuidado aí!

O grito varou o ar na esteira do eco, quando a caixa 32-A soltou-se do guindaste e por pouco não desequilibrou a pilha que ainda estava gravitalmente desalinhada dentro do hangar da “Eulália”. Lars espiou por cima do ombro e mastigou um palavrão. Papi, que estava no comando do guindaste deu de ombros e continuou mascarando o palito que levava na boca desde a hora do almoço, como se nada tivesse acontecido. Empurrou a pilha com o braço da máquina recalitrante e berrou uma ordem em antariano. O piloto ouviu quando o campo gravitacional localizado foi acionado e as caixas estremeceram enquanto se acomodavam contra a parede.

– São quarenta e três embalagens “A-superL”. Assine aqui – pediu, estendendo o micro e a caneta digital para o homem nervoso a sua frente.

– Vou viajar junto. Por que diabos tenho de assinar? – indagou ele secando a fronte com um lenço.

– Formalidade. Somos contrabandistas, mas somos organizados. Não quer que seu carregamento vá parar em Beta-Carenæ por engano, não?

– Mas eu vou viajar junto...

Lars suspirou e baixou a tela.

– Em uma viagem entre duas colônias pode acontecer de tudo. Desde um enfarte até o choque com um cometa errante. Uma vez tivemos um sujeito que passou todo tempo enfiado no banheiro pressurizado. O que ele comia por cima, saía por embaixo cinco minutos depois...

Papi aproximou-se mascarando o palito de dentes e sorrindo. O homem nervoso passou um lenço nos lábios e olhou para as caixas com temor.

– Me dá isso aqui, – murmurou. Agarrou o micro e a caneta e assinou de má vontade.

Vinte minutos depois a “Eulália” recebia autorização para sair da base Lua-7 e realizar o vôo orbital que usava parte do impulso gravitacional da Terra como estilingue rumo a Marte.

– O que você acha que ele tem lá trás?

Lars olhou para Papi por cima do prato de feijão e arroz hidratados que devorava com apetite. Depois lançou uma espiadela para o beliche onde Roberto Cunha havia se refugiado desde o início da viagem queixando-se de enjôo. Haviam lhe dado uma pílula e agora o homem dormia profundamente.

Encolheu os ombros.

– Sei lá. Drogas. Talvez aquelas roupas antipoeira. Em todo o caso, algo que vale uma boa grana.

– É...

Auron mastigava de olho nos instrumentos de bordo.

– O monitor não está legal. E o alarme sonoro dos detetores laterais não está funcionando – resmungou entre uma garfada e outra.

– Eu falei que a oficina do Teco cheirava à pica-retagem... – reclamou o capitão remexendo o arroz.

– Talvez seja cerveja. Hem? Já pensou se for uma carga de cerveja? Ouvi dizer que a cerveja, em Mar-

te, custa uma nota – continuou o imediato, sem preocupar-se em engolir o que tinha na boca.

– Ninguém usaria “A-superL” para carregar cerveja. São caras demais.

– Eu não gosto de viajar sem o sistema de alarme cem por cento em ordem – murmurou Auron coçando a barba mal-feita.

– Nem eu, – retrucou Lars. – Da próxima vez, leve a nave para uma mecânica decente.

– O que eu não gosto é de viajar sem saber o que estou levando, – protestou Papi empurrando o prato vazio. O plástico deslizou com um ruído sobre a mesa. – Detesto. É como se a Ruiva viesse me dizer que está grávida. Quem pode me garantir que o que está ali dentro é filho meu?

– Ninguém. Nem ela! – riu Auron. Lars acompanhou-o na gargalhada e Papi o encarou com os lábios retorcidos.

– Não sei qual é a graça.

Lars continuou rindo e Auron voltou ao seu prato e ao painel de controle. Um curto silêncio. Depois, Papi insistiu:

– Talvez você devesse ir lá trás, só para conferir, Lars. O gajo está dormindo.

O capitão olhou o imediato mastigando com força.

– Você está me deixando nervoso, Papi. E eu estou comendo. E além do mais, não corre na nossa conta. Fazemos o transbordo, cobramos a nossa parte e fim de conversa.

O imediato fez um gesto com a boca que queria dizer “dane-se você também”, em Antares, e Lars apontou o garfo para Auron:

– Da próxima vez, vê se leva a nave numa mecânica decente.

Às três horas da manhã, hora de Greenwich, Auron foi substituído pelo capitão. Havia um pouco de cisco plástico rolando sobre o painel de controle do sistema de alarme lateral da nave, o que indicava que o jovem havia tentado consertar o problema do alarme sonoro. Mas, como Lars comprovou ao dar

um clique no ícone que testava o som, os detetores laterais continuavam tão mudos quanto antes. Coçou com impaciência a cabeça que já ia ficando careca. Detestava viajar no silêncio, tendo de vigiar o painel dos sensores da nave. Observar as linhas de informação escrita dava-lhe sono. Para dizer a verdade, detestava naves cargueiras. Em toda a estrutura havia, quando muito, uma única escotilha na porta de acesso da nave. Nada daqueles painéis enormes desde onde se podia admirar as estrelas e os planetas, e que faziam o maior sucesso nos cruzeiros turísticos. Fora para isso que se tornara piloto. Para ver o espaço, as estrelas e sonhar que estavam ao alcance de sua mão. Mas o único emprego que conseguira era o de piloto de cargueiro e, depois de um acidente na órbita de Júpiter, nem isso. Havia caçado a sua inscrição. E como definir rotas e comandar naves era tudo o que sabia fazer na vida, entrara para o negócio do carregamento ilegal sob a proteção de Hobber, que durante algum tempo havia sido seu sogro. Uma droga. Passava o tempo todo analisando gráficos e tentando descobrir porque um aparelho apitava demais e, outro, de menos.

– Que horas são?

Lars virou-se de súbito. Roberto estava escorado na porta da cabine, esfregando os olhos.

– Muito cedo. Vá dormir – replicou o capitão, aborrecido. O passageiro não pareceu ouvi-lo.

– Não uma janela para olhar para fora? – indagou sonolento.

– Há uma escotilha na sala de pressurização externa.

O outro titubeou.

– Eu achei que havia janelas nas naves.

Não houve resposta. Lars estava limpando uma unha com a ponta de uma pequena chave de fenda que tirara do bolso do macacão. O passageiro torceu o nariz.

– Vou tomar um café.

– Faça um para mim também. Quase puro e com pouco açúcar.

Então ouviu um apito. Olhou de imediato para

a tela do sensor traseiro e sentiu um vazio dentro de si.

– Agarre-se! – gritou, mas então a nave inteira foi sacudida por um tremor violento e guinchou ferro e ferro raspando com força, parte da estrutura dos motores rasgando como papel, amassando, partindo, afastando-se da nave com uma velocidade vertiginosa, arrancada pelo meteorito que descrevera uma trajetória aguda pela lateral da “Eulália” e fora detectada no último momento antes do impacto, pelo sistema sensorial traseiro do cargueiro. Lars foi atirado de cima da poltrona contra um painel e sentiu as costelas doerem com o impacto. Não conseguiu ver se Roberto tivera tempo de se agarrar a algo e esperava com fervor que seus dois companheiros tivessem passado o cinto de segurança nos beliches como era recomendado pela normas de segurança espacial.

Quando tudo parou de sacudir, os alarmes que funcionavam começaram a soar. Lars arrastou-se com dificuldade até a cadeira do piloto e observou os danos com apreensão. Encontrou a chave que desligava os apitos e bateu nela com força para controlar um pouco o caos.

– Que diabos...

– Se você tivesse consertado o maldito painel, isso não teria acontecido! – gritou ele para o imediato que surgira na porta como que saído do nada. Auron aproximou-se e começou a ler as informações das telas enquanto amassava a boca com a mão esquerda.

– O meteorito arrancou parte da fuselagem externa, as saídas das turbinas e as antenas de comunicação. Parte do painel solar. Um probleminha nos direcionais da lateral bombordo, mas ainda estamos navegando e operando. O computador deverá corrigir a rota em alguns segundos – resmungou com um ar sombrio. – Não é para tanto.

– Não é para tanto?! Seu estúpido...

– Êh, Lars? Acho melhor você vir aqui, – murmurou Papi parado junto à porta, olhando para o chão. Um corte profundo na testa enchia sua cara de sangue.

– O que foi agora?

– É o tal do passageiro – sussurrou o homem no mesmo tom de voz assombrado. – Eu acho que ele está morto.

Os três homens olhavam o cadáver com um ar estarrecido. A sacudida o derrubara e soltara a cafeteira enorme e antiquada da parede, derrubando-a sobre ele. A quina estava enterrada na tempore esquerda do homem que fitava a eternidade com um ar de espanto

– O que vamos fazer agora? – ganiu Papi a ponto de chorar.

Houve um curto silêncio e depois Lars praguejou irritado.

– Que porcaria de situação. O que a gente vai fazer?

O capitão abaixou-se e revistou o cadáver. Encontrou alguns papéis no bolso, um computador de mão.

– Vamos nos livrar dele. Tudo o que nos faltava era um presunto à bordo. – decidiu o capitão. Terminou de revistar o cadáver e levantou-se, puxando-o contra si.

– Não viajo mais com gente que não sabe o que é o espaço! – xingou e dirigiu-se para o compartimento de pressurização externa.

– Eu não ouvi você fazer o questionário seis para ele... – resmungou Papi com um ar de acusação.

– “Pergunta 1: é a primeira vez que você sai da órbita terrestre?” – resmungou o outro imitando a voz modulada dos computadores. – Vê senão me enche o saco e me ajuda com o sujeito!

O processo não levou dois minutos. Lars e Papi deixaram o corpo no pequeno compartimento e fecharam a porta interna. O equipamento resgatou o precioso oxigênio que havia no minúsculo espaço e abriu a porta externa da nave. Um segundo depois a porta se fechou de novo e a interna se abriu. O cadáver havia desaparecido.

– E agora? – indagou Papi à meia voz.

– E agora, e agora! Você não sabe perguntar outra coisa? – explodiu Lars. O homem se encolheu

assustado e Auron deu as costas para ambos. Voltou a vigiar os painéis dos sensores laterais.

– Se você tivesse feito o seu trabalho direito, não estaríamos nessa situação – disse, secamente. Lars avançou como um trem e tirou o outro da cadeira, segurando-o pelo colarinho. As costelas protestaram, embora Auron fosse um homem baixo e magro. Por pouco não tirou-lhe os pés do chão, mas o rapaz não pareceu intimidado.

– O cara veio aqui falar comigo e me distraiu, entendeu?

Auron deu de ombros, os olhos negros gelados como pedras.

– Você é o capitão.

Lars atirou-o de volta à cadeira.

– E você devia ter levado a nave a um mecânico decente.

O imediato deu de ombros e se voltou para os monitores com uma careta de raiva.

– E agora? O que vai ser?

O capitão suspirou fundo e olhou para Lars com um ar de aborrecimento profundo.

– Vamos ver o que o cara tinha dentro daquelas caixas. Se for um material fácil de vender, a gente vai até o mercado em Fobos e tira o prejuízo do combustível. Senão, jogamos tudo fora, ficamos mais leves e gastamos menos.

– Ok! – animou-se Papi. – Isso parece razoável!

Piscou um olho para Auron, enquanto Lars se afastava em busca dos capacetes:

– Talvez seja um bom carregamento de cervejas.

A porta se abriu em silêncio e Lars sentiu o traje inflar levemente ao seu redor, resultado da ausência de atmosfera e pressão no compartimento de carga. Ele olhou para as sombras das pilhas alinhadas contra a fuselagem crua da nave, três filas de onze caixas que quase davam a volta no perímetro da sessão e uma de dez. As luzes internas do espaço se negavam a acender. Auron imaginava que o choque com o meteorito danificara a fiação elétrica. Mes-

mo assim, podiam localizar as caixas mais afastadas pelas luzinhas dos painéis de controle que piscavam suavemente, todas verdes. O carregamento estavam em ordem.

– Auron, pode soltar a linha D – disse o capitão no interfone do traje. Logo em seguida viu a linha de dez cargas mover-se quase imperceptivelmente.

Os dois veteranos aproximaram-se das A-superL com cuidado. Lars observou o rosto pálido e suado de Papi, mal iluminado pelas lâmpadas internas do traje. O homem hesitou bastante em entrar no compartimento.

– Tudo bem? – indagou o capitão já no meio do caminho. O outro respondeu com um aceno de cabeça e o seguiu à contragosto.

A carga estava à frente. Uma linha de caixas cúbicas do tamanho de um homem, pesando duzentos quilos cada uma, flutuando no espaço a centenas de quilômetros por hora. Lars afastou de si a lembrança do meteorito enquanto ouvia a respiração pesada de Papi através dos fones abertos. A sua não era menos audível no silêncio dos trajes.

– Estamos nos aproximando das caixas – disse, através do interfone.

– Aqui está tudo limpo – respondeu Auron depois de um estalo de estática.

– Fique de olho nos sensores de bombordo. Foi de lá que veio o meteorito e eles nunca andam sozinhos – ordenou o capitão. Mais estática e depois um curto:

– Tá.

– “Tá”? Que profissional! – irritou-se Papi aproximando-se das A-superL. Lars passou debaixo do arco de carga solta com o coração aos pulos e viu como elas se entrecrocavam levemente. O movimento tornava-se cada vez mais pronunciado e a caixa da ponta do semi-círculo estava se afastando em direção à parede oposta. Fez um sinal para o companheiro e ambos flutuaram na direção da embalagem. Havia alças em três laterais, duas delas opostas e Papi teve de esforçar-se por alcançar a caixa ao mesmo tempo que Lars. Não conseguiu e sentiu quando a A-superL começou a empurrá-lo contra a pilha que continuava presa ao casco pelo

campo gravitacional.

– Saia daí, Papi! – a voz de Lars soou dura e apreensiva em seus ouvidos. Papi não disse nada mas empurrou a caixa de volta na tentativa inútil de pará-la. Era pouca força, entretanto, e o movimento inerte só perdeu velocidade. A trajetória da embalagem continuou a mesma.

– Saia daí! – gritou Lars mais assustado. Segurou a alça de seu lado, mas não tinha onde se apoiar e foi arrastado pelo peso morto. Seu corpo se chocou contra o cubo e concedeu-lhe mais força do que tinha antes. A velocidade da caixa aumentou.

– Papi!

Não conseguia vê-lo, porque a A-superL se interpunha entre eles. O único que conseguiu foi ouvi-lo aspirar com força e então a caixa se chocou contra algo. Ouvia um grito pelo interfone dos trajes.

– Papi!

Sentiu o suor escorrendo frio pela coluna, empapando a superfície interna de algodão sintético. Tentou não perder o senso de direção e deslizou ao longo da caixa até a esquina desde onde pode ver o corpo do companheiro. O homem se contorcia de dor, mas o capitão não conseguia ver quase nada porque não se afastava da embalagem. Parecia estar livre!

– Minha mão! – ouviu Papi gritar. A caixa começou a trajetória no sentido inverso, ameaçando empurrar Lars. O capitão empurrou-a para o lado sabendo que ia se arrepender do movimento e avançou para o companheiro. O foco que tinha sobre o capacete iluminou a luva de Papi que agora despejava uma torrente de palavras pelo interfone, tentando segurar a mão ferida. Lars aproximou-se dele e o prensou contra a parede, agarrando-se com força às alças para movimentação no compartimento.

– Pare de gritar, seu idiota!

– Minha mão!

– Cale-se, senão não consigo ouvir Auron! Quer nos matar por causa de um apertãozinho à toa?

– Cristo!

– Cale-se!

Focou a luz outra vez na mão do antariano e então estremeceu. No ponto onde havia a junção do traje, se formou uma gota de sangue. O material que compunha o traje estava grudado no corpo de Papi, acusando uma queda de pressão. Ele olhou para o capacete do outro e respirou fundo. Felizmente, o sistema de oxigenação capacete era independente do restante, porque aqueles eram trajes de trabalho, onde cada grama de oxigênio era minuciosamente economizado. Havia um filtro no pescoço e dali para baixo, o que havia, basicamente, era o CO2 resultante da respiração. Papi, portanto, não teria problemas para respirar, mas a descompressão do traje do pescoço para baixo era um problema. O tecido interno do equipamento garantiria que o corpo dele não inchasse e as veias não explodissem, mas o problema era o ferimento. Agora que o sistema sanguíneo dele apresentava um ferimento em contato com a descompressão, a situação do homem poderia se complicar rapidamente e levá-lo ao choque em minutos. Precisava tirá-lo dali o quanto antes.

– Atenção, Auron. Temos uma emergência de primeiro grau aqui atrás. Ouvia? Prenda a carga outra vez e prepare-se para inundar a área de pressurização interna. Papi tem um furo no traje. Repito: Papi tem um furo no traje.

A gota de sangue separou-se do macacão e formou-se outra logo em seguida, carregada de uma massa branca. Os berros de dor do companheiro calaram-se um momento, diante do terror da situação, mas em seguida voltaram com força redobrada. O homem contorceu-se de dor e medo e por pouco não empurrou Lars de volta ao centro do salão escuro. O capitão segurou o fôlego e agarrou a mão ferida do outro com força, pressionando o ferimento com toda a força que tinha. Sentiu a mão ceder como se houvesse apenas um material amorfo dentro dele e sentiu o corpo de Papi relaxar contra o seu e um súbito silêncio invadir o interfone.

Respirou por um momento, depois ouviu a estática de novo.

– Temos duas cargas soltas aí dentro. Estavam longe demais do campo de fixação – ouviu a voz do imediato. – Lars? Me recebe? Câmbio!

– Alto e claro – olhou para o filete de sangue que

começava a escorrer dentre as duas luvas, descrevendo um fio em direção ao centro do compartimento de carga e praguejou baixinho. Deu um pequeno impulso com o pé esquerdo e os dois corpos se afastaram da parede, descrevendo uma meia-lua em torno da mão que ele mantinha firmemente presa na alça fixa. O filete de sangue e gordura desenhou o arco perfeito da trajetória no espaço restrito.

– Agüenta firme, Papi.

Varreu o centro do aposento em busca das duas caixas soltas e localizou uma delas se afastando em direção ao fundo do compartimento. Só viu a outra quando era quase tarde demais. Conseguiu forçar o corpo de Papi a dar outra meia volta e o protegeu na esquina interna que a carga presa e a parede da nave formaram. Colocou o corpo sobre o dele e formou uma barreira frágil entre a carga solta que avançava e o companheiro. Sentiu o impacto da superfície lisa e por um momento sentiu-se grato por ser um dos lados sem alça e por não ser uma quina. Depois o cubo começou a pressioná-lo contra Papi e empurrou ambos contra a parede fria do compartimento. Ele sentiu o capacete como algo orgânico ao redor de sua cabeça, agüentando, segurando a atmosfera e a pressão com um esforço quase de ser vivo. Papi gemeu e ele viu a cara do companheiro acinzentada dentro de seu traje, a cor ainda mais doentia por causa da luz do capacete.

– Agüenta, seu estúpido, – ele gemeu, temendo ouvir o estalo da estrutura de carbono do capacete. Então a pressão desapareceu como por encanto e ele pode ir virando a cabeça e ver como a caixa se afastava numa trajetória errática por dentro do compartimento.

– Vamos, Papi.

Conseguiu interpor entre eles e as caixas soltas o arco de carga estável e avançou com certa segurança ao longo da parede. Venceu o arco seguinte e então resolveu arriscar um caminho em linha reta entre o ponto logo atrás de uma das caixas e o retângulo branco da porta da sala de pressurização, cortando o centro do compartimento numa diagonal.

Súbito, saída das sombras, uma das A-superL apareceu avançando para eles numa linha reta. Ele empurrou Papi para um lado e seu corpo deslizou

para o outro. A caixa passou entre eles, levando consigo uma parte da linha de sangue do homem ferido. Lars esperou que seu corpo batesse contra a parede e, com um gemido de dor por causa das costelas doloridas, avançou de novo para o centro do espaço, tentando calcular quanto tempo a caixa ia levar para bater na parede do fundo e mudar de direção.

Quando seu corpo se chocou com o de Papi, quase se assustou. Relaxou a tempo e deixou que o peso inerte do outro o arrastasse contra a parede de onde viera e então agarrou-se à primeira coisa que viu, um cabo de energia elétrica. Sustentou o companheiro e então avançou de novo para o retângulo branco. A respiração do antariano era fraca, cortada por sacudidas estranhas e um gargarejo que ele nunca tinha ouvido. Procurou a mão ferida e quando a apertou, sentiu como a luva era amassada por seu punho. O homem havia perdido massa muscular, os ossos e provavelmente mais sangue do que ele calculara. Soluçou em seco.

– Firme, Papi, estamos quase lá.

A porta estava quase ao alcance da mão quando viu o cubo aproximando-se outra vez com uma velocidade estável mas bastante alta. Ia prensá-los contra a porta com toda a força, ele compreendeu, e agarrou-se numa alça ao lado da porta.

– Auron! Toda a força à estibordo!

– Você ficou louco?

– Já! – gritou Lars sem conseguir evitar o guincho de pânico.

De repente a linha reta da caixa se transformou numa curva contra a parede. Ele sentiu-se arrastado pelo corpo da nave e observou fascinado como a caixa ia desviando-se pouco à pouco. Bateu com toda força contra a fuselagem, à apenas dois centímetros da porta e então entrou em um movimento circular errático. Lars conseguiu abrir a porta e empurrar o corpo do companheiro para dentro, e içou-se logo atrás. Uma das caixas apareceu outra vez, empurrou a quina para dentro do espaço estreito e espetou com força a perna do capitão. Ele gritou de dor, mas conseguiu puxar a perna antes que fosse tarde demais. Então ela bateu contra os batentes, es-

tremeceu e começou a se afastar. Lars empurrou-a com força e, finalmente, conseguiu fechar a porta.

Sentiu com prazer a pressão do ar ao seu redor outra vez e o chão firmou em seus pés. Arrastou-se para junto do corpo do companheiro ferido. Abriu o macacão do antariano aos trancos, arrancando os velcros e forçando o sistema de pressurização. Quando conseguiu arrancar o capacete de Papi, já estava aos prantos. Os olhos vidrados olhavam-no vazios e um filete de sangue escorria dos lábios entreabertos. Auron surgiu ao seu lado e abaixou-se com rapidez. Tomou-lhe o pulso junto da jugular.

– Está vivo!

– Meu Deus!

As mãos ágeis do imediato puxaram o homem para dentro da cabine de sobrevivência e tiraram-lhe o traje. A mão ferida havia desaparecido. Só havia um pedaço da palma e o osso que dava início ao polegar, branco e trágico. O sangue escorria em abundância.

– Pegue uma atadura de compactação. Ele está perdendo muito sangue.

Lars obedeceu sem tirar o seu próprio traje. Teve de arrancar as luvas para poder pegar o material médico mas em seguida viu como Auron empurrava a atadura contra o ferimento e apertava o torniquete até o sangue parar de fluir. Depois borrifou com anti-séptico e fechou a ferida com gaze limpa.

– Vamos pô-lo no casulo de hibernação – disse sem perder a calma. Lars observou-o. Estava pálido mas parecia muito seguro de si. – Deve dar para chegar até o próximo posto de socorro.

Finalmente o corpo nu foi depositado na urna de vidro e o computador se encarregou de fornecer dados sobre batimento cardíaco e a pressão sanguínea. Auron não gostou nada do que leu no monitor.

– Ele está muito fraco. Em choque. Não temos medicação a bordo para fazer nada mais por ele. Teremos de rezar para que chegue vivo.

– Certo.

Ouviram um baque surdo e a nave estremeceu levemente. Os dois homens se entreolharam.

– Elas estão soltas, – murmurou Auron. – Cada golpe que elas dão contra a estrutura compromete nossa rota. O computador leva algum tempo para recalcular tudo, e às vezes elas não lhe dão o tempo suficiente.

– Quer dizer...?

– Que mais ou menos à cada cinco ou seis minutos estamos perdidos, capitão. E que cada correção na rota nos custa um combustível que não temos.

– Vamos abrir o compartimento e largar as caixas no espaço – ordenou Lars soltando o capacete.

– Não vai dar.

Lars encarou o outro com um ar de pavor.

– O meteorito danificou o mecanismo da fechadura. Talvez não dê para abrir nem manualmente – suspirou Auron olhando para o corpo nu de frágil de Papi dentro do casulo. Observou a mancha de sangue da atadura, mas comprovou com o computador que a pressão era estável.

A nave estremeceu de novo, o baque surdo acompanhado por outro, logo em seguida.

– Se elas ficarem soltas, estamos mortos, – completou Auron. Lars praguejou, passou a mão nos cabelos. Depois olhou o capacete e voltou a encaixá-lo no traje, lentamente.

– Então alguém tem de prendê-las.

– Vou com você.

– Alguém tem de ficar nos controles. Você sabe.

– Lars... são duas caixas de duzentos quilos.

– Não diga!

Enfiou as luvas e fechou os punhos pressurizados.

– Procure manter a rota, – disse, e meteu-se de volta à cabine de pressurização interna. Passou a mão em um cinturão de trabalhos braçais, com alicates, ganchos e cabos de fibra de carbono, pensando se aguentariam a tensão. Quando a porta do compartimento de carga se abriu, hesitou um instante, o coração batendo com força, a respiração pesada. Acendeu a luz externa do capacete.

Estava morto de medo.

Deu um leve impulso e avançou lentamente em direção ao primeiro arco de cargas. Manteve a mão esquerda em contato com a fuselagem interna da nave, esperando o próximo choque dos cubos contra o fundo do compartimento. Preferia não pensar muito no estado em que se encontrava a parede do fundo e os pontos onde os blocos haviam se chocado.

Pensou ver um volume passando à sua direita, mas quando virou o fecho de luz naquela direção, não viu nada. Prosseguiu o trajeto que pensava ser o da caixa mas o compartimento estava vazio.

Ao seu lado, um dos micro computadores que mantinham as condições internas da A-superL piscava esverdeado. Ficou tentado a parar um momento para ver o que elas levavam. Sabia que deveria ser algo orgânico, porque aquele tipo de embalagens sempre eram utilizadas para levar carga viva. Eram os menores artefatos produzidos capacitados para manter uma atmosfera interna no espaço. Se tivessem motores e painel de navegação, poderiam ser minúsculas naves espaciais.

Percebeu o volume à sua esquerda, rodando levemente em torno de um eixo vertical quando era quase tarde demais. Uma das arestas engatou no micro-computador, arrancou-o e seguiu girando. Lars deslizou para à direita, e refugiou-se contra a parede, enquanto o monstro quadrado prosseguia seu caminho levemente desviado, por causa do choque com o micro, que agora também esvoaçava, perdido pela cabine. O capitão olhou ao redor, procurando as luzes verdes dos demais. Havia umas quantas caixas escurecidas. Não saberia dizer se os computadores tinham sido arrancados ou simplesmente estavam fora de funcionamento.

– Localizei uma das caixas, – anunciou no interfone. Soltou com dificuldade um dos ganchos do cinturão, um Tensor 9 Teflite, mais conhecido como TNT, e prendeu-o no cabo de fibra de carbono. Depois partiu atrás da caixa com determinação.

A encontrou um pouco adiante. Rodava como num bailado pesada e inexorável, suficientemente lenta, para que pudesse agarrar uma das alças, mas não o bastante para que conseguisse prender

o TNT e afastar-se. Deixou-se arrastar pelo volume quadrado, rodando como um espermatozóide em torno do óvulo, lutando para fixar o gancho na alça. Viu a parede aproximar-se e rezou para ter tempo de, pelo menos, dar outra meia-volta e por-se a salvo. Seu peso já havia modificado o percurso da caixa e diminuído sua rotação, e ele esperou o baque do seu corpo contra a parede. No último instante, entretanto, algo golpeou a caixa e ela deu uma guinada, empurrando-o para o lado. Bateu com uma alça contra a parede e começou a avançar contra Lars. Ele prendeu o gancho e esperou ela chocar-se nele. Então aproveitou o impulso e se empurrou para outro lado.

Agora estava ligado à caixa através de um cordão de fibra de carbono. Sentiu como ela o puxava para a lateral da nave e deixou-se levar, enquanto cortava o fio com um dos alicates. Não perdeu tempo varrendo o espaço ao seu redor em busca da outra caixa, aquela que devia ter empurrado a que tinha presa à cintura. Se ela aparecesse do nada e se chocasse contra o fio, ou contra ele, não poderia fazer nada.

Prendeu outro TNT a ponta do cabo recém cortado e com um suspiro de alívio seguiu a trajetória que ela fazia. Viu quando a parede lateral apareceu de repente ao seu lado e localizou em seguida uma das alças fixas de deslocamento interno, pintada de amarelo fosforescente. Teria que ter paciência e um pouco de sorte. Viu como o cabo em suas mãos afrouxava e soube que a caixa batera na parede. Seu corpo, entretanto, seguiu avançando. “Um pouco mais”, ele pensou, imaginando se não teria cortado o cabo um pouco curto. Conseguiu pegar a alça e encostar o TNT nela. E também viu com o cabo ia se esticando, lentamente, até desenhar uma linha fina e reta sob a luz do capacete.

– Merda!

O gancho escapou de suas mãos, levado pelo volume morto. Teve de partir rumo ao monstro quadrado, caçando o gancho, enquanto ele descrevia uma órbita mansa em torno da caixa. Súbito, viu as arestas da A-superL que vinha rodando ensandecida dentro do compartimento. Esticou os braços para cima e conseguiu agarrar um cabo elétrico e puxar-se a tempo de sair do caminho do cubo. Sor-

riu. Estava no chão do compartimento de carga, o que lhe dava uma certa segurança, porque os cabos de força que o cortavam numa grade regular, podiam servir de guia para impulsionar-se na direção que precisasse. Encontrou um deles partido, as faíscas elétricas explodindo silenciosas na ausência de atmosfera e compreendeu que a caixa desgovernada devia ter feito mais estragos na rede do que estava imaginando.

Saiu novamente no encaixe da embalagem onde havia prendido o TNT e pouco depois sentiu a vibração de um golpe, seguido de outro, bastante próximo. Olhou para cima e viu a caixa com o gancho passar perto de si, justo sobre a cabeça. Mais distante, lá no que era o teto do compartimento, uma alça de deslocamento.

Era o momento, pensou, a respiração tensa dentro do traje. Quando o TNT passou sobre ele, saltou em sua direção, agarrou-o e continuou subindo num ângulo forçado em relação à caixa, até o teto. Bateu com força, sentiu uma dor no joelho esquerdo e as costelas protestando de novo, mas desta vez o gancho se prendeu firmemente à alça, antes do fio tensionar demais. Permitiu-se sorrir, e desceu rumo à caixa, usando o fio de carbono como guia. Não foi preciso deslocar-se muito para encontrá-la. Fez uma nova conexão e começou a puxar a carga rumo ao teto, bem devagar, para aproveitar o movimento pendular que ela descrevia, presa por um lado, apenas, como estava agora. Quando conseguiu encostá-la na fuselagem, apoiou a testa no monstrengo e sorriu. Tirou de outro bolso do cinturão de trabalho uma rede de carbono que prendeu em diferentes alças e pontos de apoio estrategicamente colocados e só então se atreveu a respirar aliviado.

– Auron? Está me ouvindo? Câmbio.

– Alto e claro.

– Tenho uma das caixas presas.

Estática. Depois algo como “éns, chefe”.

– Estou captando você muito mal.

– Tenho problemas com o transmissor interno.

Às vezes sofre quedas de energia que o computador compensa. Estou suspeitando de problemas na rede de cabos, aí atrás.

Lars sentiu um golpe no tornozelo e olhou para baixo apreensivo. O cubo que ainda estava solto passou rolando e perdeu-se na escuridão. Em seguida sentiu a vibração da fuselagem.

– Imagino o que está provocando isso. Vou ver o que posso fazer.

Esperou um momento, imaginando que a carga passaria de novo sob seus pés, com suas esquinas afiadas girando, mas não viu nada. Varreu o compartimento com o facho lentamente, caçando a forma cubica e desgovernada, sentindo como o suor escorria de suas têmporas e vinha salgar-lhe a boca. O coração batia com tanta força que doía dentro do peito. Olhou para o lado, subitamente alerta e quase não teve tempo de reagir quando viu a carga rodando em sua direção. Empurrou-se com força rumo ao chão, gemendo com o esforço, sabendo que na ausência de gravidade ganhar velocidade era algo quase ilusório para um homem normal.

Durante o movimento que seu corpo descreveu, procurou não perder a A-superL de vista. Viu como ela avançava rumo ao primeiro arco formado pelas cargas e quando sentiu a fuselagem contra a sola do traje espacial, impulsionou-se lentamente naquela direção. A caixa bateu na fuselagem e em seguida no arco e reiniciou o trajeto rumo ao outro lado do cargueiro. Lars viu como as quinas haviam diminuído bastante a velocidade e sentiu que poderia tocá-la sem correr o risco de perder a mão na tentativa. Mas o impulso que dera fora insuficiente. Ficou flutuando entre no meio do caminho, imóvel.

Por pouco não mergulhou no escuro poço de pânico que se abria em sua mente. Estava completamente a mercê da caixa desgovernada e não havia absolutamente nada que pudesse fazer. Tentou nadar rumo ao arco de cargas, mas a única coisa que conseguiu fazer foi girar o corpo sem nenhum ponto de referência durante algum tempo. Finalmente, viu o retângulo claro e distante da porta da cabine de pressurização. Isso lhe deu uma idéia.

– Auron, desvie o curso da nave dez graus à estibordo.

Estática. O homem teria ouvido?

Então o retângulo branco se deslocou para a di-

reita lentamente mas não tão lentamente como ele gostaria. Antes que se sentisse preparado, a fuselagem chocou-se contra ele e o arremessou para o lado oposto do compartimento. Tentou agarrar uma das alças de deslocamento mas foi impossível. Virou-se, trêmulo, e viu o corpanzil quadrado na caixa passar pelo feixe de luz em sua direção. Fechou os olhos e esperou o baque.

Sentiu um golpe no ombro direito, forte o suficiente para arremessá-lo de volta ao fundo do compartimento, mas antes que isso acontecesse, conseguiu agarrar uma das alças da caixa. Apressou-se em colar-se contra a superfície. Se ela se chocasse contra algo daquele lado seria o fim, mas era muito mais arriscado ficar de apêndice da coisa. Sentiu o baque dela contra algo e o movimento recomeçou para outro lado, completamente aleatório, mas mais lento. Tirou um TNT do cinturão e repetiu a operação que fizera com a outra caixa. Em seguida, tinha um cabo com outro TNT, pronto para fixar o monstrengo cúbico contra uma parede. Mal compreendeu o que aconteceu em seguida.

A caixa chocou-se contra uma parte da fuselagem que, pelo que pode deduzir do pouco que viu, já havia sido alvo das carga solta mais vezes. Percebeu que estava entre a parede da caixa e a parede da nave, um instante tarde demais. Quando compreendeu o que estava acontecendo, sentiu a pressão entre a nave e a caixa, seu corpo entre ambas como o recheio de um sanduíche. Suas mãos tatearam ao redor, enquanto o capacete redondo era a única coisa que o separava da morte. Sentiu a alça da caixa em seu estômago, enterrando-se lenta e inexoravelmente, mais e mais, e então suas mãos encontraram algo que apitou em silêncio. A parede cedeu de um lado, depois do outro, e quando se deu conta, estava fora da nave, preso à caixa por um simples cabo de carbono. Tinha aberto a porta do compartimento de carga, que acabara de cair da nave e ficar para trás. Sem querer, devia ter acionado a abertura de emergência. A A-superL estava encaixada no umbral por três esquinas e se estivesse alinhada teria passado pela abertura com bastante folga. Lars estava agarrado no TNT da ponta solta do cabo com as duas mãos, ganindo como um cachorro abandonado.

Pouco a pouco, sentindo que o movimento não se alterava, tomou coragem de mover-se. Por todos os lados, para cima e para baixo, o espaço sideral o fitava com seus milhões de olhos estelares. Sabia que a roupa espacial que levava era de uso interno da nave e que o suporte de vida não garantiria sua sobrevivência por muito tempo ali fora. A temperatura caía vertiginosamente e uma fina parede de umidade condensou-se nas laterais do vidro do capacete. Em pouco tempo, era gelo.

E a caixa, agora, não se movia para dentro da nave.

Começou a puxar-se para a “Eulália”, como uma aranha no fio. Cada gesto lhe custava um esforço impressionante, e no último momento, quando suas mãos se fecharam em torno à alça da A-superL, não sentiu se a segurava ou não.

– Auron, à minha ordem, mudança de curso, 90 graus à estibordo. Motores à 80% da potência.

Teria ouvido? Seu rádio estava completamente mudo e não sabia se seu transmissor também havia sido danificado.

– Mudança de curso: efetuar.

A nave continuou sem alterar a rota, apontando para algum ponto que dentro de algumas semanas se transformaria em Marte.

– Oh, meu Deus, – gemeu o homem, vendo seus dedos escorregar da alça. O cabo estava à poucos centímetros mas não teria coragem de soltá-la para agarrá-lo, pensou. Todo seu corpo tremia de frio e as mãos doíam com a baixa temperatura.

Então a fuselagem da nave sofreu uma súbita mudança de curso e antes que ele conseguisse reagir, a caixa deu um tranco e virou-se incômoda contra a fuselagem interna e ele foi puxado para dentro.

A “Eulália” o envolveu como um abraço.

Sabia que não tinha muito tempo, agora. A mudança de curso provocaria outros movimentos da caixa solta e poderia levá-la a repetir o desastroso bailado de danos dentro do compartimento. Fixou o TNT numa alça de deslocamento, depois apressou-se em colocar uma rede em torno dela, prendendo-a contra os cabos do chão. As mãos estavam

duras e quase não coordenava os movimentos. O gelo dentro do capacete lhe deixava só uma pequena abertura que ia se fechando rapidamente, por causa de sua respiração. Voltou-se para a porta de pressurização que levava à cabina interna, que lhe acenava com sua claridade quente e segura. Apoiou os pés na A-superL recém presa, fez o sinal da cruz e se empurrou naquela direção. Foi a última coisa que viu, antes do gelo tomar conta do visor interno do capacete.

– Vamos, beba mais um gole.

– De onde você tirou esse conhaque? – resmungou Lars conseguindo finalmente distinguir o gosto do líquido que lhe queimava a garganta.

– Eu tinha guardado debaixo do colchão.

– Chega, não suporto esse negócio!

O imediato afastou a garrafa dos lábios do chefe e dedicou-se a abrir-lhe a roupa espacial. Teve de quebrar vários fechos. O gelo começava a derreter e Lars tiritava de frio. Auron alcançou-lhe uma toalha e roupa seca, mas teve de fazer quase tudo por ele. As mãos do homem estavam roxas e endurecidas de frio.

– Graças a Deus que eu estava de olho em você. Desde o momento em que fiz a manobra, corri para a porta da cabine de pressurização. Quando ouvi o golpe na mesma, fechei a porta externa da escotilha e abri a de dentro. Perdemos alguns litros de oxigênio.

– Você é louco. E o painel de controle? Quem está cuidando dos sensores laterais?

Auron deu de ombros.

– Ninguém.

Os dois se entreolharam.

– Chefe, você era mais importante.

– Acho que vou chorar, – resmungou o capitão.

– É, acho que vai mesmo.

Outro olhar. Auron levantou-se e jogou a toalha para ele terminar de secar a cabeça.

– E por quê?

– Bom, entre outras coisas, porque eu tive de dar meia volta e retornar para a órbita da Terra. Nunca chegaremos a Marte depois de ficar zigzagueando pelo sistema solar. Não temos combustível suficiente.

Ouviram um apito no sistema externo de comunicação. Auron voltou lentamente para junto do painel de controle e respondeu ao chamado de um modo lacônico. Esperou o imediato terminar de falar, tentando exercitar os dedos sem muito sucesso. Vestiu cuecas secas e uma calça quente, mas não conseguiu calçar os sapatos.

– E o que mais, Auron?

O imediato voltou-se.

– Você disse “entre outras coisas”. Quero saber que outras coisas são essas.

– O tal Roberto Cunha era procurado nos dois planetas sob uns vinte nomes diferentes... mas acho que a gente só vai poder ser acusado de contrabando. Além do mais, como estávamos voltando, creio que haverá atenuantes.

Lars suspirou irritado.

– Como você pode saber disso?

– Bom, porque eu tive de pedir auxílio pelo rádio e descobri que estávamos sendo seguidos por uma patrulha policial. Estamos presos, mas creio que contando a história certa, podemos nos livrar de uns quantos anos no xadrez.

O capitão balançou a cabeça incrédulo.

– Você está brincando!

– Íamos ser presos na órbita marciana. Estão se aproximando, porque pedi ajuda.

Lars baixou a cabeça desanimado.

– A menos, é claro, que não nos peguem com a carga.

– Acabo de jogar o meu pescoço para prender a maldita coisa! – berrou o capitão. Auron deu de ombros.

– Sem corpo de delito não há crime. Se eles não nos pegarem com o carregamento, não poderão nos acusar de nada. Do Roberto Cunha só tínhamos o

registro que eu já me encarreguei de apagar. Nem seu corpo está a bordo.

Os dois homens se olharam outra vez.

– E como vamos explicar o acidente de Papi? Além do mais, se a polícia fizer uma vistoria na nave verá as avarias internas. Vai pedir gravações de imagem.

– Não temos. São parte do equipamento que a oficina não consertou. Ah, chefe, a gente consegue inventar uma boa história. A porta do compartimento está aberta mesmo... Podemos dizer que levávamos qualquer babaquice. Qualquer uma.

Lars sorriu. Sentiu que os lábios ainda estavam entumecidos.

– Sempre achei que você dava mais para inventar mentiras do que para guiar a nave.

Auron apertou os lábios, balançou a cabeça.

– Eu achei que você ser razoável.

Levantou-se, começou a vestir o traje de Papi. Lars fez menção de dizer qualquer coisa, mas o imediato o cortou.

– Não se preocupe. Este traje está inteiro, com exceção das luvas. O seu está estragado, mas as luvas estão inteiras. Vou me livrar da carga e quando a polícia nos resgatar, vai parecer que tudo foi só um pesadelo.

Vestiu as luvas.

– Computador... caixa...

– É, eu imagino que, além do mais, nem todas as caixas devem estar funcionando. Algumas devem ter sido avariadas pela carga solta. Tudo bem, está vendo? Estes já devem ter congelado definitivamente.

Por um momento ele titubeou, andou de um lado para o outro da cabine apertando comandos, e só depois vestiu o capacete de Lars e entrou para o compartimento de pressurização. Lars tentou ainda dizer algo, mas não conseguiu. Seus olhos se fecharam e perdeu a consciência.

Auron penetrou no compartimento de carga

com muito cuidado. Antes de entrar ali, tivera de desativar as linhas gravitacionais que prendiam as cargas. Com exceção das duas presas com rede, as outras estavam ali, levemente móveis, chocando-se com suavidade.

Moveu a primeira A-superL com a ajuda de um cabo de carbono, um TNT e um ponto de apoio. O frio era intenso e deu graças a Deus por estar usando a roupa de Papi, que estava seca por dentro. A caixa saiu pela porta com suavidade, sem tocar nas paredes. Tampouco teve problemas com a segunda e a terceira. Toda a fila de carga junto à porta foi retirada sem maiores contratemplos que um joelho batido e uma das embalagens que virou na diagonal ao sair pela porta e quase não passou.

As coisas complicaram quando ele começou a remover a terceira caixa da segunda fileira de carga.

Estava puxando-a com a ajuda do cabo, para dar-lhe a pouca velocidade que lhe permitiria manobrá-la, quando algo cruzou rapidamente pelo seu campo de visão esquerdo. Virou o facho para lá e já não viu nada. Consultou o relógio: estava trabalhando há duas horas e meia. Não era nada, só cansaço.

Procurou prosseguir sem se preocupar muito, mas o breve momento de distração fizera com que a carga avançasse demais e batesse na caixa amarrada junto à porta de entrada. O golpe foi bastante suave, mas soltou um par de rebites que seguravam a rede de contenção. Quando voltou ela bateu contra uma lateral da nave.

“Ai, a trajetória da nave”, pensou Auron apertando os lábios e partindo em direção ao cubo. Tentou segurá-lo e só conseguiu quando a embalagem já ameaçava bater numa das caixas soltas. Com esforço, conseguiu empurrá-la para fora da nave. A operação, ao todo, levou aproximadamente dez minutos.

Quando ele se voltou, sentiu um aperto dolorido na boca do estômago. A nave havia se desviado uns poucos graus da rota original, mas era o suficiente. Os arcos de carga solta pairavam como assombrações entre ele e a entrada da porta de pressurização interna. Olhou sobre o ombro esquerdo. A parede aproximava-se rapidamente dele. Mas antes de en-

costar no traje que já começava a formar a leve camada de gelo interna no visor, bateu nas duas caixas mais próximas, empurrando-as contra as demais, que empurraram as demais, que empurraram as demais... O imediato tentou avançar entre o caos solto para a cabine de sobrevivência. Tinha apenas uma chance.

No meio do caminho o micro computador que uma das cargas soltas originais arrancara das mãos de Lars apareceu do nada em alta velocidade, e bateu contra o capacete do imediato, golpeando-o de volta ao centro do compartimento. Auron gritou.

Mas não havia ninguém para ouvi-lo.

A polícia conseguiu atracar junto da “Eulália” nove horas depois. Tinha perseguido a nave em seu curso errático e só conseguira estabelecer o corre-

dor de ligação entre ambas graças à perícia do piloto. Não conseguiram atravessar o verdadeiro campo minado que era o compartimento de cargas soltas, até que chegaram suficientemente próximos de uma estação espacial para dar-se ao luxo de gastar combustível num movimento de rotação capaz de criar uma força centrífuga que funcionou como campo gravitacional. O corpo de Auron estava destroçado e congelado dentro do traje. De acordo com a autópsia não havia um osso inteiro nele.

Lars estava morto. Alguns dos golpes da carga haviam destroçado o sistema de circulação do ar na cabine e ele terminara afogado no gás carbônico de sua própria respiração adormecida. Papi teria sido o único sobrevivente se o sistema de vida da cápsula de hibernação estivesse funcionando como devia.

Mas como Lars havia observado, a oficina que fizera a revisão da nave, a oficina do Teco, cheirava à picaretagem.

Cruzeiro do Sol

um conto de Edgar Indalecio Smaniotto

“Ideias realmente revolucionárias passam por três fases.

as pessoas vão dizer que a sua ideia é maluca, que nunca vai funcionar;

os críticos dizem que até poderia funcionar;

eles vão dizer que sempre acreditaram no sucesso”.

Arthur C. Clarke

INTRODUÇÃO

Voo inaugural.

Localização Inicial: Base Orbital Girassol, Segunda-Feira, 1º de janeiro de 2095.

Localização Atual: Zona do Cinturão, Sexta-Feira, 27 de julho de 2095.

Aproximadamente 262.500.000 de quilômetros da Terra, a 2% da velocidade da luz.

Do deque central, a meia nau, no longo eixo que unia a ponta da flecha ao complexo de Engenharia e Propulsão padrão, centenas se deleitavam com a visão da luz zodiacal.

Oitenta metros distante dali, no camarote isolado na proa do veículo, um homem ultimava a parte burocrática de seu serviço. Voltou-se para a tela, onde tentava rascunhar seu livro de memórias.

– Indexar ao meu DP – falou para o ar o comandante, na pausa entre goles de caldo de cana e mordidas seguras num hambúrguer de carne de búfalo e queijo de búfala. Sem maionese.

O diário pessoal estava pronto para absorver aquilo que ele começou a dizer:

“...essa baboseira de Adão cromossomial e a Eva mitocondrial só é boa se acreditamos na teoria da

Catástrofe de Toba...”

O relato, continuamente editado, foi interrompido pelo alarme, ululando pelos conveses.

Falar em catástrofe...

Enquanto corria para assumir seu posto, era posicionado pelo microfone auricular.

PARTE 1

2 de Julho de 2095.

Ontem chegaram à franquia mais distante que se tinha notícia.

Ficava a 1,5 UA, a cerca de dez diâmetros planetários de Marte¹, se mantendo como sua mais distante lua, posta lá pelo Homem. A primeira intervenção de vulto no Planeta Vermelho.

A P4 não era só uma franquia. Também servia como quartel avançado, para lidar com as ocorrências, as desordens, crimes de toda sorte, de forma mais direta, com direito a tribunal próprio (antes de Marte ser devidamente terraformado e emancipado).

O lugar representava a última parada, antes do “voo oceânico” na órbita de Júpiter, a razão de ser – oficial – do cruzeiro.

Foram 7 dias nos quais a nave ficou reduzida a 99% de seus passageiros e rodízio na tripulação, com passes de 48 horas.

Um verdadeiro paraíso, para quem preferisse se

¹ Aproximadamente 70.000 km, ou seja, três vezes mais distante que Deimos.

isolar e aproveitar a visão do universo. Assim como Ezra, que ficara para trás.

Oportunidade de ouro, para quem planejasse uma abordagem, como alguns piratas tocaiados ali perto.

PARTE 2

Na verdade eles ansiavam por depenar aqueles otários. Teriam feito isso se algo não os impedisse. E ainda havia muitas testemunhas para o que viessem a fazer. Como se importasse alguma coisa! A mídia só ajudava a espalhar a glória deles.

Verdadeiros piratas não aceitavam tamanha afronta.

Verdadeiros piratas não tinham um comandante mãori.

E no momento este só tinha uma coisa a dizer ao timoneiro:

– Temos tempo. Vamos segui-los.

PARTE 3

No espaço uma linha reta nem sempre é a menor distância entre dois pontos.

Naquela partida de Girassol, meses antes, a nave não zarpara como um cruzeiro vulgar, com passageiros acenando das claraboias. Na realidade não havia um único deles nos corredores, zanzando por aí. Estavam todos confinados nos assentos hidropédicos, em estado de animação suspensa, protegidos no núcleo da seção intermediária do veículo.

Ficaram assim por 90 dias, enquanto durou todos os testes e uma longa série de atividades paralelas, dos “protocolos da companhia”.

PARTE 4

Os EUA voltaram a ser um país dividido, unidos só nominalmente. O governo radical da antiga sede da CIA acreditava – só não diziam isso publicamente – que atos de pirataria justificavam os meios.

Os Estados Rebeldes Unidos faziam do drama

sua bandeira, sendo necessário algo drástico para retomar o poder do mundo.

– *Touro Indômito*. Esses piratas não tem o menor senso comum – o Conselheiro acompanhava todo o progresso da operação Terra Nostra, na sala de situação, no QG avançado dos Confederados .

Em algum lugar, em algum momento, se a missão desse certo, a canhoneira receberia o nome de *Robert E. Lee*, um líder entre os líderes sulistas, por motivos que a História merecia conhecer. Que ficasse “touro indômito”. Por enquanto.

Mas no mapa situacional se referiam a eles como *Bad Wolf*, rotulando o veículo de trezentos mil toneladas, que os piratas se serviam para cometer aquela moderna Carta de Corso.

Outro ponto aparecia no mapa na base orbital: *Chapeuzinho Vermelho*. A presa. Na verdade o lobo não estava seguindo a nave brasileira pelos bosques do Cinturão Principal. Sabendo do destino do veleiro solar que deviam atacar – no momento certo, assim como na fábula – bastava tomar à frente e preparar a emboscada, onde houvesse menos testemunhas para contar história.

Eles tinham várias vantagens. A principal delas é que ninguém sabia da canhoneira nas proximidades e sua ligação com os Confederados. Na realidade nem existiam no papel. Para todos os efeitos era mais um projeto maluco enferrujando na garagem da NASA.

Só uma coisa o Conselheiro não considerou: segredos nunca continuavam assim por muito tempo.

PARTE 5

O Capitão-de-Espaço-e-Guerra Ezra Moutinho Salvaterra não dava pinta de ser índio, mas passara toda sua infância no município de Breves, em Marajó.

Antes de entrar na 4ª Força – a Espaçonáutica, que aceitava seu brilhante na orelha e o cabelo carijó – servira na marinha brasileira. Nem parecia ter 57 anos. Tinha finalmente chegado onde queria. Só não esperava, no processo, ter de paparicar tantos civis e assumir aquele cruzeiro, para justificar aque-

la missão até o grande olho de Júpiter.

Claro que ele sabia a verdade. Os passageiros ajudavam a encobrir o real motivo da missão. Eles, com toda a grana e disponibilidade que tinham para garantir sua cabine rotativa e assento na *Cruzeiro do Sol*, podiam se dar ao luxo de tirar um ano sabático. Moutinho, por outro lado, tinha um prazo ainda maior a cumprir. Algo a ser feito dali a 49 dias, quando colocasse o último dos passageiros e convidados para dormir.

PARTE 6

Dentre o contingente de 699 passageiros regulares, 497 estavam posicionados ao longo das cinco cúpulas de observação, no costado do veleiro solar. Outros 51 técnicos, cientistas e jornalistas, com passagens subvencionadas por seus respectivos países ou convidados do consórcio brasileiro Espaço-Nave, ocupavam seis salas com holosoles públicos, dividindo a pesquisa com o anfitrião.

Nuvens de dados estavam sendo coligidos para os noticiários, observatórios e laboratórios da Terra.

As telas polarizadas, nas curvaturas dos mezaninos e áreas de lazer, permitiam uma visão privilegiada do Espaço. O Sol se encontrava no outro bordo, distante há milhões de quilômetros. Nada prejudicava a visão daquilo que se descortinava a frente.

O bruxuleio daquela luz fantasmagórica, gerada na combinação da poeira cósmica com o material ejetado pelos cometas, evocava uma distante similaridade com a aurora boreal.

Porém todos os interessados no evento não esperavam ser surpreendidos por algo mais estonteante: um grande arco de explosões pipocaram surdamente no negrume de fundo. Uma após outra, como um rastilho atômico detonando *pedreiras*² no caminho.

Por mais que o serviço de bordo fosse acionado, a atitude dos solícitos comissários não disfarçava certo verniz militar, que não admitia recusa e não oferecia explicações, exceto às pasteurizadas:

– Não, senhor. É só um exercício. Sua segurança

em primeiro lugar!

– Quanta perspicácia, madame! O capitão vai querer ouvir sua dedução, se aceitar um lugar à mesa dele, no jantar.

– Explosões solares não são luzes zodiacais.

– Para sua comodidade, os bares a bordo foram liberados mais cedo.

– Sim, senhora. Temos show de *strippers*, no *ball-room*...

PARTE 7

27 de julho de 2095.

Aquilo confirmava o dossiê que jazia trancado em seu cofre. E também os “outros amigos”, por trás daquelas falsas explosões solares, hora antes.

Os chiados da eclusa se fechando, a cadência do andar ecoando no passadiço gradeado, tinham antecedido a chegada do imediato. No caso a esguia Alice, oriunda do ITA³, após uma passagem meteórica pela marinha mercante. A engenheira e o militar tinham se entrosado bastante bem (talvez bem até demais), mesmo antes das centenas de horas no simulador de voo.

Estavam no reservado acesso apelidado de *Navalha de Occam*. Era um prolongamento natural da Ponte de Comando, limitando-se a um corredor oblongo, todo boleado, com revestimento em várias camadas de metal transparente. Andar no espaço, ali, naquele aquário, não era mera ilusão.

– Por isso o senhor já esperava – sem preâmbulos, a alta morena carioca comentou.

Alice Oliveira Massaforte, mesmo sem ser participada oficialmente, também não ignorava o motivo de sua presença ali. Treinar à exaustão simulações de combate e ler os calhamaços virtuais de relatos ufológicos da FAB lhe deram essa certeza. Sua excitação aparecia no leve palpitar das narinas e o mordiscar do lábio inferior.

– Eles estão lá fora. Quando penso que já tínhamos feito contato com eles em 1986, com nada menos que caças *F-5E Tiger II* e *Dassault Mirage III*.

² No jargão desta obra, refere-se aos asteroides e corpos dessa natureza, com menos de 2 km de largura.

³ Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

Agora temos registro visual, que imaginei não ser tão fácil de conseguir... – a última parte pareceu surpreendê-lo.

Deslizando o dedo indicador em um intrincado movimento, o comandante desativou a senha do servidor e desbloqueou a blindagem tátil. A parede se iluminou e diagramas, dançando na tela, ganharam corpo, animados pela fria e exata computação. Do esquema, foi possível extrair a imagem do artefato alienígena, origem do comentário mais contundente.

PARTE 8

A nave brasileira tinha uma sombra. Na verdade várias.

Porém nem todas de origem alienígena.

O responsável pela façanha humana estava a menos de 500.000 km. No espaço, distâncias assim não chegavam a constituir um grande empecilho.

O comandante da canhoneira à espreita era um mãori, que andava em sua nave em trajes cerimoniais, ou seja, quase nada de roupa. O corpo todo coberto de tatuagens – *moko* – especialmente a cabeça. O que aconteceria quando os dois descendentes de índios se encontrassem, tão distantes de suas respectivas tribos?

Como dois representantes de povos autóctones foram virar oponentes no espaço tornara-se objeto de muitas conjecturas no futuro. Poderia render uma tese de antropologia. Algo como “Etnias autóctones no espaço: um estudo a luz do conceito de Fricção Interétnicas”. Um trabalho que possivelmente poderia ser apresentado do GT de “Antropologia, Etnicidade e Civilizações Alienígenas” da Associação Brasileira de Antropologia – ABA.

PARTE 9

Não foi difícil para o *staff* a bordo descobrir um pouco daquele objeto que se parecia com um mega içá de bunda gigante. Se não fosse só pela nuvem de dados, trabalhando a partir do escâner de um dos possíveis antagonistas, veio também uma breve mensagem deles, se apresentando como “Touro

Indômito”, uma nave livre, a quem eles deviam pedágio.

Na próxima vez que os viessem, em Júpiter, seria para recolher o butim. Isso se não quisessem sofrer as represálias. O envio de um míssil, um meteoro explodido a uma distância segura, ajustou até que ponto eles falavam sério.

Isso aconteceu dez minutos atrás.

– Livre é uma pinoia. Não é o que consta aqui – perante os outros, um dos técnicos bateu o dedo nas especificações técnicas que vieram junto com a imagem do veículo. Não foi nada difícil associar a Touro com outro similar, que há algum tempo vinha sendo objeto de cobiça dos Confederados.

Havia também os aliens.

Para isso não havia muita explicação.

Na reunião reservada com os oficiais, assim como fizera antes com a imediato, o comandante mostrou que não lidavam apenas com caçadores de recompensa à mando de Langley.

PARTE 10

A canhoneira não parecia muita coisa, em termo de designer espacial. Enquanto a *Estrela do Sol* tinha uma aparência clássica, direta, elegante, com os painéis solares escamoteados induzindo a semelhança com uma manta, o veículo rebelde exibia 70% dele na forma de propulsores.

Enganava-se quem achasse ser um veículo tosco daquele jeito algo menos que letal.

O capitão estava ciente não ter sido difícil baixar da nuvem de dados às modificações no cruzador para torná-lo uma canhoneira com o dobro da velocidade inicial. O resto já não era tão fácil assim de se obter.

O recado tinha sido dado. E só fizera aquilo para tornar a caçada mais interessante.

Ignorando o pedido de portabilidade, que vinha

do comunicador, o capitão Zeno Tipene, o Coroado, orgulho da nação m̄ori, preferiu ordenar um ūltimo empuxo, levando o complexo de propuls̄o nuclear al̄m do umbral de seguran̄a.

– Fāa! – com a ordem, seca, n̄o admitindo recusa, ele conseguiu o efeito desejado, o corpo sendo prensado contra a poltrona de encosto alto, como um trono.

O veı́culo avan̄ou at̄ passar transversalmente à presa, antes de seguir outra rota, para Júpiter.

PARTE 11

Lá estava o alvo. Explı́cito.

A vedete dos passageiros. O bilhete premiado.

O milh̄o per capita e a raz̄o de ser dos embarcados, que partiram de cinco de nossas metr̄opoles, uma em cada regīo, em voos fretados. Os famosos beija-céus. At̄ a estāo de transfer̄ncia geoestacionária sobre a Amaz̄nia brasileira, a Girassol.

N̄o é todo dia que voc̄e visita deus a domicı́lio. O Zeus dos gregos. O Júpiter dos romanos. O mandachuva do Olimpo.

O planeta a 25 milh̄es de quil̄metros dali.

Por seis dias a *Cruzeiro do Sol*, sem avistar qualquer nova interfer̄ncia, seja humana, pirata – como se a segunda possibilidade n̄o fosse realmente dessa esp̄cie – ou alienı́gena, propiciou o espetáculo que os passageiros pagaram para ver. E receberam em troco muito mais. O roteiro pr̄vio s̄o n̄o previa aportagem em qualquer parte, de resto foi o perı́odo de maior atividade do veleiro, depois de P4. Por quest̄o de seguran̄a, as cinco naves auxiliares acompanhavam todas as expedīes. Nenhum passageiro notou nada de diferente nisso ou o refor̄o da atividade a bordo.

Somente a Chuva, tripulada por Alice, deixou de retornar no penūltimo dia. Antes de o veleiro zarpar de Ganimedes, onde ficara fundeado, ela tinha ido executar a parte extraoficial da miss̄o. E tamb̄m providenciar uma lembrancinha para os piratas.

PARTE 12

Enfim, o t̄o esperado “réveillon em Júpiter”, mesmo iniciando setembro, aconteceu. O cruzeiro n̄o estaria completo sem um evento a altura.

O astr̄nomo-chefe, Izaı́as Brown Castorzinho de Mello, o “Dr. Placebo” da s̄rie de TV “Brasil Quântico”, usava sua empatia e costureira aceitāo popular para servir de cicerone naquela ocasīo que pedia – e recebera – traje de gala.

– ...reservo minha voz de falsete para os pequenos. S̄o que aqui, senhores, nenhum personagem resiste; nenhuma licen̄a poética precisa ser pedida. Ela já é explı́cita. Nós temos a real nōo de quanto somos insignificantes. Ainda assim desbravamos os oceanos. Transpusemos o abismo. Ignoramos as feras que povoavam o desconhecido. Engolimos o medo e fomos em frente.

“Um brinde em louvor ao espetáculo...”

Copos se ergueram no ar, luzes pipocaram dos *flashes* disparados pelas retinas. Muitos usavam esse aplicativo enervante nos neurocelulares.

O astr̄nomo resolveu abreviar, ao ser “cutucado” pelo palavr̄o do comandante, falando dentro do seu ouvido.

PARTE 13

– Voc̄e acha que essa papagaiada vai demorar quanto?

Vicente, chefe da seguran̄a, recebia as informāes de tr̄s outros agentes, infiltrados no pūblico. Deu de ombros para o experiente e impaciente “retratista”, que nas horas vagas, ap̄s seu turno na dispensa, tinha a ocupāo de percorrer a nave e registrar imagens para serem usadas em futuras campanhas midiáticas. Cansado de circular com sua eNikon acoplada à cabēa, os p̄s doendo, procurou no amigo um lugar melhor para observar o 2º *réveillon* a bordo.

– Deixe o homem falar, Raul. Ele domina seu pūblico muito bem.

– Domina? Todo mundo está é encachaado pra aturar esse chato. Querem mais uma orgia, ou seja, lá o que o comandante reserva pra eles depois *disso*. Viciados em status social, isso sim!

- Talvez *você* é que tenha bebido todas.
- Quem dera. Enquanto durar isso, estamos na “lei seca”, lembra? Já os passageiros, fariam qualquer coisa para aparecer no vídeo-blog da nave. Já vi até uns peitinhos junto ao palco.
- Que curtam enquanto podem. Logo vai terminar.
- Na verdade já está terminando...

Ambos notaram quando o oficial médico fez sinal para o operador de som atacar com um ritmo dançante. No mesmo momento a climatização foi aos poucos descompensada, causando suor e a dança sede. Poros abertos, gargantas ávidas de hidratação.

Nos próximos minutos, entrou em ação o plano do comandante. As circunstâncias obrigaram que a hibernação dos passageiros fosse antecipada em alguns dias. Para a nave entrar em módulo de batalha, essencial ao desempenho das próximas e novas tarefas, nada podia dar errado. E um engodo, quando bem justificado, para a sobrevivência do grupo, era preferível a um naufrágio espacial.

PARTE 14

O “Boa Noite Cinderela” coletivo foi bem sucedido. A bebida e o gás (misturado à nevoa), no ponto alto do Baile à Fantasia nas Estrelas, produziram o efeito necessário, agindo quase no mesmo instante.

Em todos aqueles que, ou não estavam ali ou não tinham sido vacinados com o antídoto e portavam respiradouros ocultos nas máscaras, a seu tempo também foram abatidos pelo sono inelutável. Garantindo que a última coisa a ser ouvida fosse o sistema de som irradiando a mensagem de emergência:

Blindagem comprometida.

Sistema de segurança de hibernação ativado.

De cabine em cabine, deque após outro, sem estardalhaço, com humanismo, os tripulantes conseguiram por para dormir o penúltimo passageiro. Cada um deles conduzido a seu respectivo hibernáculo numerado, no deque central.

PARTE 15

Faziam algumas horas, desde sua partida. Seguiu em uma nave auxiliar, de nome curioso, e se aproximava do destino extraoficial da missão.

Alice podia ser agnóstica, mas não era de seu feitio fazer desfeita a quem gostava. Por isso, quando o comandante lhe deu uma figa, presa a um fitilho do Senhor do Bonfim, ela levou com ela, até laçar o paraflanco do astrolábio da *Chuva* . Já o conselho para rezar, *se a coisa ficasse preta* , ela não garantia poder seguir. Ainda não tinha se decidido entre o catolicismo, o espiritismo ou o ateísmo. Mas estava em um momento em que a balança, se é que se pode falar de balança neste caso, pendia para a terceira hipótese de explicação da realidade.

Foi para onde se voltou, o fetiche sambando diante do painel do escaler, antes de seus olhos arregalarem. Tão preocupada no voo instrumental, infalível, confiável, ela deixara de usar o instrumento menos tecnológico, naquela imensidão gelada do cosmos.

Os olhos.

A Lasca.

Foi de lá que veio o sinal.

Rastros indicavam que o pulso eletromagnético que varreu o hemisfério sul da Terra, causando o apagão de 12 segundos, há 10 anos, tinha partido dali.

Um milhão de quilômetros para um lado, estava Calisto, a lua mais distante do soberano deus do panteão romano, com Júpiter ocupando a metade da tela.

Um milhão de quilômetros para o outro lado, um dos Centauros, por definição um dos pequenos corpos que transitam entre Júpiter e Netuno, em seu trânsito extravagante.

Entre eles, exatamente o local para onde o escaler do veleiro solar se dirigia. No ponto certo, a última pegada que o rastro taquiónico dizia vir dali.

A Lasca.

PARTE 16

– Mas que p...

Voltando a conferir os instrumentos, o delineador de massa; o escâner orbital; o multímetro; o canhão de pósitrons, que decodificava todo o espectro visível e invisível, tudo filtrado e processado pelo computador de bordo, se encarregando de lançar os dados em um infográfico em tempo real.

Ou seja, todo aparato naquela parafernália desmentia o olho humano e a visão direta que tinha da Lasca.

– Merda!!

Por um momento esqueceu do sentido do plano, que na verdade se desdobrava em dois: sequencialmente ao que fazia, dar meia-volta, recuar até Calisto, enviar algumas bombas de antimatéria no corredor por onde a nave-mãe passaria dentro de 28 horas. E por onde, em seu encaço, se tudo desse certo, também viria a Touro, a nave dos piratas, rebeldes ou o que fossem.

Não adiantava repetir o xingamento. Todavia fez assim mesmo.

Esfregando os olhos, a coisa continuava lá. Nada daquilo que os instrumentos diziam.

Para piorar, quando se aproximou, lendo no monitor todos os dados que indicavam estar a 10.863 km da superfície daquele mundo morto, mais desolado impossível, a *Chuva* começou a chocalhar como um bote colhido em um vagalhão. Tanto que preferia ter trazido a outra nave auxiliar, a *Tempetade*.

O silêncio do rádio, principalmente com Júpiter em seu caminho, Alice pela primeira vez, desde que virara a “*paratleta do século*”, não sabia o que fazer.

Desarmada pela lógica, restou-lhe aquilo que seu mentor, Ezra, chamava “lapidar o instinto básico”.

Em uma sequência de dois movimentos acionou o ejetor do par de asas escamoteáveis, nivelado ao

piloto automático e... rezou. Um retorno ao catolicismo de seus pais.

Antes de completar “*Pai Nosso que está...*” já tinha ido pro céu e a escuridão a envolveu.

PARTE 17

– Comandante, eles voltaram.

– Os rebeldes?

O 2º navegador fez que não e colocou na tela um zoom: 10 e 12 pixels bastou como explicação.

Atrás de Ganimedes, um enxame de veículos bizarros, apesar de esforçados não pareciam ter aprendido direito a arte da discricção. Ou havia alguma intenção nisso?

– Estão curiosos a nosso respeito. Talvez cogitem como os humanos conseguem, a centena de milhões de quilômetros de casa, ainda encontrar tempo para matar uns aos outros – Ezra contemporizou.

A *Estrela do Sol* ainda ultimava sua partida. Ainda nenhum sinal dos piratas.

Nem de Alice.

PARTE 18

Sua garganta raspava, como se tivesse sido obrigada a falar ininterruptamente.

Esfregando os olhos até firmar no mostrador digital, reparou em duas coisas aterradoras: de alguma forma tinha “perdido” dezessete horas!

O pior de tudo foi reparar em uma criatura olhando para ela e um tentáculo enlaçando seu pescoço.

PARTE 19

A caminho de Calisto, realmente não havia mais sinal de nada. Nem da razão

– *Orá* – disse a loucura que acabara de cair do teto no painel, como a dublagem mal feita de um seriado japonês.

– Rraaaáa!! – ecoou sua insanidade, do compar-

timento de carga.

– É só minha montaria. O Pedestre. Ele deve estar com prisão de verme. Ou será ventre? Nunca estive em uma geringonça como essa antes – a loucura de novo.

– Aaaaarr... – a insanidade defecando, estranhamente inundando o escaler com uma onda de perfume.

– Ótimo. Agora ele vai poder comer sua *fração* em paz.

Alice ia abrir a boca para gritar, mas até isso foi sufocado por outro longo pseudópode, pressionando-a como uma mordança.

– Não se preocupe em *farar*. Eu faço isso por nós dois.

Pelos próximos dez minutos a criatura explicou que se chamava Kabbarral ou algo assim. E ela não estava louca. Não mais do que os outros da espécie dela. Em *Axzzzozzzzza* – ou o nome que ela inventou – ele atuava como administrador de um cemitério alienígena. Contava com vários ajudantes que lhe providenciavam *coisas*.

O tentáculo que ela via esticado era por onde o alien aprendera o idioma dela naquelas últimas horas e através do órgão sensorial conseguia extrair do pensamento de Alice mais informação do que ela estivesse disposta a dar.

Dizer que foram os dez minutos mais bizarros da vida dela seria redundância. Todavia entendeu que a criatura não queria o mal dela. E já descobrira a falha de seu plano. *Raramente o ideal acontece*. Se o plano previa que os inimigos viriam atrás da Sol, justamente onde tencionava plantar 20 BAM⁴ com 0,329g cada, no cinturão de partículas ao redor de Calisto, só uma coisa superava a adivinhação.

A informação.

Justamente esse artigo o ET, que afrouxara um tentáculo e removera o outro, tinha a oferecer. E

não por caridade.

Mesmo assim a mulher não tencionava sucumbir ao desejo de qualquer clandestino. Especialmente um alienígena.

PARTE 20

Ezra percebeu o erro quase quando foi tarde demais.

Antes de Ganimedes, tinha feito planos, calculado os víveres e se preparou para enfrentar um bando de corsários espaciais.

Até mesmo cogitou reativar o 1/3 da tripulação, a chamada reserva técnica, tirando-os do sono hibernativo antes da hora.

Mas uma mensagem que não deveriam captar, provavelmente irradiada pela “Touro Indômito” para um de seus veículos auxiliares, revelou uma informação importante. O nome de quem estava por trás da nave adversária. Alguém que ele conhecia. Uma pessoa para o qual o lucro e a ganância não combinavam. Que buscava algo além da óbvia e estereotipada motivação monetária.

Deixando de lado a observação dos novos objetos “voadores” não identificados barricados atrás de Ganimedes, elucubrando uma possível abordagem, resolveu que havia mais perigo no pirata que naqueles velhos conhecidos da humanidade.

E tinha deixado sua imediata ir atrás dele.

PARTE 21

– O que faz na minha nave?

– O mesmo que você. Merda.

Alice engoliu em seco. A criatura se expressava melhor do que ela.

– Escute. Sei que está descompensada. Você me ouviu dizer que tenho vários ajudantes, espalhados por aí. Meus recolhedores vivem em muitos lugares. *Arguns* deles, justamente, habitam em *corônias* no cinturão dessa lua que você quer *furminar*.

⁴ Acrônimo de Bombas de Antimatéria.

Ele tinha mesmo um problema de dicção ou estava apenas sacaneando?

A mulher hesitou. Podia tentar buscar alvos alternativos, quando preferiu algo mais radical: abraçar de vez a loucura e pedir conselhos ao dono do manicômio.

– Você sabe o que tenho de fazer. Meu menu de alvos é escasso. Alguma sugestão?

Kabbarral se colocou de frente para as coordenadas e apagou todas, trazendo uma tela que estava ao fundo. Logo a menos provável. Pulando a região limite do anel externo de partículas que circundava o planeta gasoso, situado a menos de dois milhões de quilômetros de Júpiter – onde Calisto orbitava – se aprofundou até o anel mais interior, de cor predominantemente azulada: Halo.

– O que *exatamente* passa por sua cabecinha loira?

A tentativa de ofensa foi facilmente rechaçada pela indiferença.

– Como você acabou de presentear uma raça que você não conhece com a vida, também merece um prêmio – tocou o canto dessa tela única, fazendo-a crescer até um ponto se destacar nela. Molhadinho e sua irmã, minúsculas luas encravadas a 108.000 km do gigante do Sistema Solar, despontaram no mapa. – Eu estou em comunicação constante com esses *coretores* e eles cospem ser o ponto ideal para sua armadilha.

– Presumo que queira dizer coletores. Nem imagino o que esse “cospe” significa. Então propõe colocar 20 BAM em diversos pontos desse anel?

– Proponho *corocar* todas em um único ponto.

Por um momento o silêncio pesou. Até Alice balançar a cabeça.

– Por que acha que arriscaria o meu plano em troca do seu? Você sabe a chance disso dar certo? .

– 100%. Não é essa *probabilidade* máxima que usam?

Ela nem se preocupou em corrigir.

– Seu palpite não é melhor do que o meu!

– Isso é *parpite*?

Não havia só poeira no cinturão Halo.

As luas Jururá-Açú e Tainacam se encontravam encravadas em sua orla. As últimas a serem descobertas e batizadas, informalmente, totalmente fora do jargão Joviano. A imagem da primeira delas, escorrendo metano na baixa atmosfera, foi ampliada. Em tempo real, sabe-se lá abastecida por qual dispositivo funcional à velocidade da luz, um objeto vinha se deslocando em direção contrária.

A “Touro Indômito”.

PARTE 22

– Desativar empuxo frontal. Não vamos ficar caçando OENIs (Objetos Espaciais Não Identificados). Não agora. Recalcular para as coordenadas que já estão no seu visor, Roberto – olhando para o oficial de Ciências, o capitão notou que ele sorria.

O “*vrrum*” proveniente dos reatores parou de vociferar, enquanto a Engenharia II, também chamada de Fotônica, localizada naquela seção, assumiu a propulsão, realinhando os jatos de correção, jogando a nave em uma tangente orbital. O empuxo foi aproveitado na manobra de último minuto. Os enormes painéis solares – as “asas” – ejetados. O veículo parecia com um iate de duas imensas velas no sentido longitudinal da embarcação, da base da seta até o galeão, onde começava a *Iônica*.

– Vamos atrás de Alice, Senhores.

PARTE 23

Ela precisaria avisar ao comandante que havia uma oportunidade única daquilo acabar mais cedo. Se o pequeno impertinente do 3º grau fosse só uma fração versado em tática de guerra quanto era faz-tudo de um mausoléu espacial, trazer a *Estrela do Sol* para as cercanias das luas de Halo, como diziam antigamente, *seria tudo de bom!*

Aproveitando que a Touro tinha mergulhado nas nuvens de Júpiter, encoberto pelo gigantesco planeta gasoso, ela estendeu a mão para acionar o rádio. Porém acabou sendo surpreendida pela voz que saiu dele, seguida da imagem que se estabilizou na base da lente.

– Como vai minha guerrilheira?

– Capitão!! – livrando-se do fino e compacto tentáculo-sensor que enlaçava seu pescoço, o último pensamento emitido para o alien se manter quieto e fora do campo de visão do monitor, Alice mal acreditava no que via. – Quanta coincidência...

– Você nunca acreditou nisso. Por que está tão estranha, mulher? – Ezra coçou a barba grisalha, enquanto uma das sobrelhas hirsutas se erguia, antes de acrescentar: – Desembucha.

– É complicado. Envolve coisas que passei recentemente. Gostaria de estar aí para entrar em detalhes. Mas a Sol ainda se encontra distante e o tempo urge.

– Distante, você disse? – dando uma ordem, de forma que Alice não ouvisse, ajuntou: – Nada que Einstein não resolva.

Holofotes se acenderam, canhões de luz pipocaram. A pequena *Chuva* foi colhida em cheio pelos feixes cruzados, ao mesmo tempo que magnetos se fixavam a seu casco. Pelo visto seu radar tinha sido desativado pela nave-mãe.

– Não esperei que a cavalaria viesse tão rápido...

Onze horas antes, no ponto de encontro combinado!, completou em pensamento.

– Noblesse oblige. Prepare-se para ser trazida a bordo.

PARTE 24

“*E você, prepare-se para uma surpresa e tanto...*”, Alice ainda não conseguira vencer o impasse criado entre a verdade absoluta ou uma dose homeopática dela.

O solavanco indicou a ancoragem da *Chuva* no deque seco, as grades escoando o vapor condensado e as últimas gotas do banho químico.

PARTE 25

O Hangar 3C, diferentemente da decolagem, se apresentava pressurizado, com oxigênio e repleto de gente.

Gente demais para o gosto dela.

Ainda no exíguo centro de comando da *Chuva*, da qual uma névoa se desprendia, sendo aspirada pelos evaporadores, Alice acusou a presença do homem que empurrava uma cadeira flutuante, até a base da zona de contenção.

O capitão, sabendo não ser usual trazer tantas pessoas, resolveu explicar pelo comunicador:

– Como você foi tão reticente quando nos falamos pela última vez, trouxe alguns amigos para lhe dar as boas-vindas. Astronautas às vezes experimentam desorientação e fraqueza nas juntas, depois de missões próximo a gigantes gasosos massivos.

– Sempre um cavalheiro. Mas prefiro que tenhamos um encontro reservado.

O capitão, achando que ela não queria se expor, sem as pernas biônicas, que preferia não usar na missão, tentou tranquilizá-la:

– Aqui está a manta de seu time mixuruca – indicou o saco que tratou de rasgar, exibindo uma grande toalha de tecido rubro-negro. – É só jogar sobre o colo e ninguém irá perceber. Como ninguém percebeu que ele voltou à 3ª divisão.

– Agradeço a boa-vontade e a sacanagem, Senhor – instigada pela urgência e pelas tentativas de Kabbarral em relaçar seu pescoço, Alice capitulou: – Acredito que não vai haver um jeito fácil de dizer e mostrar isso. Não vou precisar da manta. Só de alguns minutos e já estou saindo, Comandante.

PARTE 26

Quem não esperava que a alta e curvilínea imediato fosse destituída de pernas biológicas, nem chegou a reparar nisso.

Também não foi a escotilha padrão da *Chuva* a abrir. Da parte traseira do veículo, o alerta intermitente do compartimento de carga causou estranheza. E ficou pior quando as sapatas rebateram no chão com clangor metálico e puderam enxergar o que havia ali.

Dos 13 humanos presentes e Alice – além dos robôs de todo tipo –, 13 recuaram pelo menos dois

passos, havendo gente que procurou a proteção de alguns contêineres.

PARTE 27

Desceu da *Chuva* trepada nas costas largas, enfiada em uma dobra de pele e pelo do dócil Pedestre. Estranho que, por mais insólita a criatura fosse, Alice sentia uma empatia enorme por ela.

Dócil até certo ponto, pois o animal rugiu feio para os dois lados da grade da Catapulta, antes de ser acalmado por uma estranha cantoria. Acocorado como uma galinha no choco, foi o suficiente para a mulher se agarrar e deslizar até o chão.

– Aconselho que ninguém faça algo impensado – ela ralhou, bem próxima de onde estava a cadeira flutuante, subindo nela, para completar: – Eles são de paz.

PARTE 28

Antes de Ezra se apresentar, aos pés do ser com quase o dobro da sua altura, que passara a lambar o aço de um guindaste-robô, percebeu que havia algo como um cachecol rosa, circulando o pescoço da Imediato. Dois olhos lilases esbugalhados brotaram do outro espécime bizarro que repousava no colo de Alice.

PARTE 29

Josepha Dutra Grimaldi e Anastazia Somoza, se recuperaram rápido do susto. Mas a pernambucana e sua amiga uruguaia tiveram reações adversas. Enquanto a enfermeira entrou em contato com a unidade médica que aguardava do lado de fora e pediu a presença do Dr. Sardinha com urgência, a exozoóloga se antecipou ao capitão. Com um facão de selva na mão, visivelmente sem passar pela quarentena, a cisplatina quase tocou a cobra no pescoço da colega carioca.

– Eu não cometeria essa *bosteira* – disse a “cobra”, soltando-se de Alice e enlaçando a nova hospedeira sensorial. – *Interezante*. É assim que vocês tratam seres exóticos em seu mundo?

PARTE 30

Depois de todo tumulto, explicações foram dadas ou provisoriamente “engolidas”.

Como gesto de paz, Kabbarral deixou a ruiva humana ir embora, porém sem o facão. Depois se distendeu até a montaria e aceitou ser guiado até um local onde o capitão assegurou que seria bem cuidado.

Empurrando Alice na cadeira, no caminho da descontaminação, o comandante e sua imediato foram trocando informações.

Observando a mulher colocar suas pernas de volta, Ezra experimentou uma disfunção na região da virilha. Ocasões estranhas pedem ereções incomuns.

A caminho da Ponte, um plano já tinha sido traçado, chamados feitos destinados aos principais postos e a reunião começou exatamente quando chegaram lá. A nave finalmente deixou de ser um veleiro e assumiu sua conformação de combate.

PARTE 31

A notícia se espalhou. E se multiplicou. E como cada era inevitável, logo as mais absurdas histórias se espalharam. Havia 8, depois 20, mais tarde 100 criaturas, vespas assassinas, gorilas taradões, uma multidão de alienígenas ladrões de corpos, dentro da nave. Histórias que ninguém levava realmente a sério, mas todos gostavam de dar sua contribuição.

Enquanto isso, os únicos dois que realmente interessavam se ambientavam a nova ala adaptada para eles, contígua à Enfermaria. O contato oficial havia se realizado. O sonho de gerações de ufólogos e exobiólogos.

PARTE 32

A mulher acordou na cama do comandante.

Não era a melhor política a bordo, a confraternização desse porte entre a oficialidade, principalmente se ocupavam os dois postos-chave. Mas não conseguiram resistir. A curta separação agiu neles de forma inesperada. O século XX e XXI, ele e a

mulher, transando como se o amanhã não existisse.

Talvez fosse verdade. Dentro de algumas horas a Touro surgiria bem em seu caminho. E uma arena chamada Jururá-Açú e Tainacam entre eles.

– Vão morder a isca?

Tocando o dorso da mulher, seguiu o curso dos dedos, coluna abaixo. A bunda foi uma delícia. O suspiro quando o indicador bolinou, provou também ser para Alice. Não se via junção das ancas com as coxas, macias, fortes e tépidas.

– Já tentaram nos enganar antes, Ali. Agora é nossa vez. Precisamos estar preparados para improvisar.

PARTE 33

Na Escala 5, o alerta atingira grau 3.

As aletas solares foram recolhidas, como em noite de temporal em alto-mar. Canhões apareceram onde antes só haviam peças decorativas. A grande cúpula, no dorso do veículo, foi blindada com astrolunium, outro elemento garimpado nos asteroides.

Ainda assim as bandeiras do Brasil e das Nações Unidas, ladeando o nome da nave, além da mensagem enviada em todos comprimentos de ondas, alertassem que levavam passageiros civis, não pareceu dissuadir o inimigo.

Um disparo ocorrido bem longe deles, ainda assim com potência suficiente para arrasar uma pequena cidade, em resposta à frequência de saudação, mostrou ao mundo que rebeldes não se deixavam intimidar por ninharias.

– Ressonância de Lorentz à frente – anunciou o navegador.

Durante um minuto a nave chacoalhou, como se estivesse passando pela borda externa de um ciclone, depois, seguindo a analogia, entrou em uma zona de calmaria e se estabilizou, mantendo-se na

faixa de ressonância.

Passando pela Zona de Extensão de Tebe, a parte mais externa dos quatro anéis jovianos, a 280.000 km de Júpiter, eles foram penetrando, cinturão após cinturão, até abordar Halo, o mais interno deles.

PARTE 34

O magiar-brasileiro Ignacius Montóia Kiss foi o primeiro a avistar o alvo.

– Temos um filhote de cruz-credo vindo em nossa direção, Maurão.

O artilheiro de vante, sentado ao lado da holoprojeção do colega responsável pela visagem, na Ponte, alertou que ainda estavam fora do alcance do material bélico pesado.

Se as duas naves seguissem esse curso, e não houvesse nada entre elas, certamente colidiriam.

– A primeira oportunidade de costado que surgir – interferiu o comandante – disparem nos Confederados.

PARTE 35

Apesar da ordem, Ezra sabia que isso jamais ocorreria, não sem algo acontecer antes. Os escudos de proteção quânticos funcionavam muito bem frontalmente, onde se requeria maior concentração de poeira espacial. Mas fraquejavam, principalmente perdendo intensidade, em ambos costados.

Os dois capitães não iam oferecer um alvo fraco ao inimigo.

Além de tudo, ainda havia as BAM, a meio caminho de ambos...

PARTE 36

– Vamos focar no problema, Alice. Quanto tempo?

Tinham retornado à *Lâmina de Occam*. Não parecia haver lugar melhor para se decidir sobre a vida e a morte.

– Nessa velocidade, eles atingirão as luas em 1,22

minuto e nós os atingiremos, ou o que sobrar deles, 2 minutos depois disso.

PARTE 37

De fato, a primeira premissa se confirmou.

O abalo no alvo resultou em uma bola flamejante que rapidamente se dissipou na forma de um cinturão de gás. De Jururá-Açú e sua gêmea, ligadas em um centro gravitacional único, não sobrou nada. As bombas tinham surtido um efeito demolidor.

Não era para isso ter acontecido.

– Estava cética se iria funcionar. Que bom que errei – Alice se aproximou de Ezra, ambos de volta ao Comando.

Uma expansiva coluna de poeira, provocando um metralhar de partículas nos escudos da nave, despertou uma série de gritos de Viva.

– Silêncio!!! – levantando a mão, o capitão olhava desconfiado para a tela de estibordo.

Até Ymil, um russo criador de caso e o único passageiro desperto, calou a boca, parando de xingar o robô que o prendia à poltrona e a mãe de Ezra. Não necessariamente nessa ordem.

“O velho jornalista também percebeu...”, o capitão saiu de onde estava, deixando Alice em seu lugar.

Perto de Roberto, o menor astronauta a bordo – excluindo o alienígena – e seus 1,30m, falou nos ouvidos do oficial de Ciências em sua ilha de instrumentos:

– O que deveria estar aí e não estamos vendo?

– A nave rebelde. Ou grandes escombros dela. A radiação de fundo, apitando nos sensores. Mas temos corpos...

– Exato, Tenente – a imagem nas telas não estavam tão prejudicadas como antes. – E como são esses pequenos escombros que aparecem? E os corpos?

– Pouca monta. Nenhuma eclusa. Nada que pudesse atestar uma descompressão explosiva em escala, justificando uma explosão. Peças de reposição não faltam, até um escaler dividido ao meio e 7, 8

corpos até agora... a maioria intactos, outros em pedaços.

– Muito suspeito para uma explosão dessa magnitude.

Não estava perguntando. Sabia o que tinha acontecido. Sem esperar pela confirmação do oficial científico, usou sua voz de comando:

– Manobra evasiva!! Dois cliques à bombordo.

– Segurem-se!! – reforçou o contramestre, em todo circuito.

Ezra se agarrou a um baluarte, intuindo o que vinha por aí, quando a nave recebeu o segundo solavanco do dia, deixando-os às escuras, antes das luzes de emergência cumprirem seu papel.

PARTE 38

O relatório de avarias não tinha sido dos melhores.

– Danos estruturais no Convés D e E. Ruptura na blindagem intermediária. A vedação já está sendo providenciada, Capitão.

Ezra estava ao lado do contramestre, acompanhando seu *checklist*.

– Algum ferido, Chefe?

– Infelizmente tivemos... dois taifeiros acabaram de entrar no sistema de órbitas... e outro está desaparecido – a medida que a informação chegava para ele, repassava ao capitão: – Sob os escombros foram resgatados três municidores. Um deles oferece risco de morte e foi conduzido para operação. Os demais estão fora de perigo...

– O filho da puta *sabia* onde atirar, Jaça.

– O paiol.

Os instrumentos não acusavam nada. Na verdade não acusavam nada de relevante, só ecos no escâner: pedaços de rocha que variavam de um micrômetro a dezenas de metros de ferro, níquel, cobalto, até ouro, prejudicando a localização de onde proviera o tiro.

Ouro. Cinco toneladas que deixariam qualquer um ouriçado.

“Talvez aquilo que os motiva responda a outro estímulo..”, Ezra cogitou, antes de comentar:

– Eles estão aqui perto. Eu sinto.

PARTE 39

Alice tentou se levantar, para ceder lugar ao titular da cadeira.

– Prefiro você onde está. É muito boa pra localizar coisas em um cenário dinâmico.

Alice se preparou para projetar vários mapas, inferir coordenadas, o computador plotando trajetórias e construindo suas equações diferenciais, probabilidades, tudo uma questão de um jogo de gato e rato. Sem saberem qual papel desempenhavam nesse jogo.

Voltando pela trincheira, Ezra resolveu acrescentar:

– Ache aquele Confederado desgraçado que lhe dou uma suíte lua-de-mel na Estação P4.

– Hum. Isso é uma proposta, Senhor?

– Não, Imediato. Certamente uma ameaça!!

PARTE 40

Zeno Piripi Tipene, o grande Anaru, *O Indômito*, deixara de ensaiar a *kapa haka*. Os sete comparsas do seu povo, assim como ele todos paramentados em trajes cerimoniais, que envolviam tanguinhas e penduricalhos, se dirigiram aos postos de combate.

Havia muito desfalque de pessoal a bordo. Os propulsores “envenenados” da Touro, usados para ganhar vantagem sobre os inimigos, envenenavam também toda tripulação. Inclusive o próprio pirata-mor, que antes de embarcar já sabia que tinha um encontro marcado com a morte e seu arauto, um câncer linfático.

Os que bateram as botas até ali, estavam depositados junto a toda tralha que usaria para iludir o adversário. Descobrir as bombas de antimatéria não foi difícil, bastou que um de seus piratas retornasse com uma nave auxiliar, plantada em um daqueles pedaços de rocha, para bater com a boca na botija,

a tempo deles prepararem a defesa. Enxergar a luz na desgraça era sua especialidade. Ainda assim o número de corpos não era suficiente. Precisava de mais.

– Quem está agonizando e requer tratamento na Enfermaria, Senhores?

Ao convite misericordioso do capitão, seis tripulantes buscaram as benesses para suas mazelas. Ao socorro, veiculado pelo circuito interno de comunicação, Piripi enviou seus anjos da morte mãori. As bênçãos dos deuses foram com eles.

Não houve quem não escutasse o pedido de clemência e a morte dolorosa dos até então moribundos ou acovardados.

– Senhores, em minha nave não há espaço para sobreviventes. Todos sabem do mal que padecemos, para o qual, em nosso estágio, não há cura boa o bastante. Mas é possível que sejamos mais do que homens, esta noite!!

“Muitos não são do meu sangue. Não são do meu povo. Não descendem dos deuses. Mas posso arrumar um lugar ao lado deles, para cada um que vender caro sua alma!

“Por isso só vou perguntar uma vez: *Quem está comigo?*”

Com incentivo assim tão magnânimo, obviamente não houve nenhum não como resposta.

PARTE 41

Com os óculos operando em 3HD ela movia os braços com uma fúria que ninguém nunca vira. Parecia espantar moscas no ar e se abanar ao mesmo tempo.

Alice gritou.

Encontrara algo, ancorado por cabos a um meteorito em formato de enseada.

PARTE 42

– Onde?

– Eu vi! Eu sei!! – ela repetia, o dedo em riste para um dos mapas que fez lançar na tela panorâ-

mica.

Moutinho procurou mais uma vez e não viu nada, só espaço, rochas e o grandioso Júpiter.

– Tem certeza?

– Tanta que já passei as coordenadas do quadrante para a Art!

– Boa menina! – mesmo questionando, ela era seu maior trunfo.

– Então vamos vingar os mortos, justificar aos feridos e mostrar que podemos morder.

PARTE 43

– Agora?

– *Agora.*

Art ou a Artilharia não perdeu tempo em processar a ordem.

Todas as casamatas abertas, a nave tremeu.

PARTE 44

A destruição não tinha sido total. O funil da enseada do meteoro, um antigo cometa capturado e esburacado, ao mesmo tempo que desmoronou sobre a nave rebelde, a protegeu de ser erradicada do universo.

Mesmo assim a Touro decaiu de órbita, saindo do outro lado do funil, onde era mais estreito e os danos à nave foram maiores. Um único propulsor, jorrando colunas de fumaça, travado, prestes a colapsar, acrescentava mais velocidade à gravitação do gigante gasoso, empurrando a nave para o abismo.

Em seu rastro, restos reais daquilo que um dia fora. E mais de cinquenta corpos destroçados ou fundidos às rochas e metais retorcidos, não oferecendo um quadro fácil de ser observado. Dividiam o espaço com alguns poucos sobreviventes, em traços de vácuo.

PARTE 45

Por rádio, em meio à interferência, alguns pedidos desesperados chegavam de quem ainda tinha um fiapo de vida para clamar por socorro. Como garrafas de naufragos, espontaneamente iam revelando suas tragédias, seus nomes e nacionalidades. Marujos calejados choravam pelas mães e raras vezes Deus deixou de ser requisitado.

PARTE 46

Na nave sinistrada, confinado em seu trono, junto ao leme, Piripi trazia a metade do peito aberta, o coração exposto, porém ainda batendo fracamente. O diafragma permitia que fizesse algo que pareceu um canto ou lamento. Ou ambas as coisas.

PARTE 47

– Mensagem chegando na frequência de saudação, Senhor – foi anunciado.

– Vem da Touro... – complementou o oficial científico, virando o rosto para Ezra: – Não há nenhuma imagem associada.

– Passe o áudio.

Mesmo baixo, o comandante captou o teor da breve mensagem.

– O Poliglota⁵ não conseguiu nenhuma tradução para isso, Capitão.

– Um velho preceito em maoritanga, Roberto. Faz parte de um rito fúnebre.

Pigarreando, Ezra pediu que os canais fossem abertos. Sua voz de tenor respondeu algo de volta, em tupi-guarani. Ele não quis esclarecer sua breve prosódia, mas os ecos das últimas palavras ainda se ouviam, quando a comunicação foi cortada.

Em meio às nuvens, nem um minuto depois, uma imensa explosão laranja atestou o local onde o adversário tinha mergulhado.

Tamatuenga, o deus da guerra, o levou.

⁵ Referência ao aplicativo do tradutor universal da nave.

PARTE 48

A tração gravitacional se fazia sentir enormemente, exigindo, ao máximo, a atuação dos propulsores e a navegação pelas áreas de ressonância ou lagrangeanas, onde se buscava o equilíbrio para o caminho inverso, rumo as órbitas externas de Júpiter.

– O touro se foi – Ezra Salvaterra estava plantado com a imediato ao lado, no deque central, acompanhando o resgate.

– A vaca foi pro brejo – preferiu Alice, que achava o comandante da nave pirata um *serial killer* de proporções planetárias e não conseguia nutrir qualquer simpatia pelo patife.

Por alguma ironia a *Inferno* foi destacada para servir de escolta dos prisioneiros. Despojada de todo aparato de pesquisa, livrando-se do que fosse supérfluo na longa travessia, depois que uma unidade reserva de combustível foi acoplada, o compartimento de carga ficou pronto para acomodar os sobreviventes.

O escaler com os prisioneiros em câmeras de contenção coletiva nem voltou à nave-mãe. Seguiu por comando remoto para o presídio que orbitava a Lua. Seria uma viagem que duraria quase seis meses, mas o soro do êxtase e a medicação para retardar o inevitável, agiria também para deixar os piratas ausentes da realidade. Quem resistisse ao percurso teria muito que explicar.

PARTE 49

Júpiter ficou para trás.

A *Estrela do Sol* retornava.

Assim como no mar, o espaço, com seus planetas e luas a título de continentes e ilhas, adotava-se muitas das tradições marinhas.

Uma dessas, infelizmente inaugurada, foi o funeral de três tripulantes já indicados para comendas cívico-militares.

Nos acordes finais do Hino Nacional, da banda improvisada mais versada em Bossa Nova, dezenas de luvas brancas desfizeram a continência. Os

corpos, em esquifes canarinhos apropriados, foram disparados em direção a Terra, sob salva de palmas.

EPÍLOGO

Noventa tripulantes despertaram nos casulos, dois conveses abaixo dos outros 749 passageiros que seriam mantidos em hibernação por quase 60 dias, antes de serem acordados, próximo a Marte.

A longa fila de corpos com batas numeradas passavam pela triagem: avaliação médica, testes cognitivos, ergométricos e dietética, tornando-se aptos a entrar em atividade meio dia depois. A medida que os recém-despertados se apresentassem para servir, outro número equivalente iniciava o caminho oposto.

O pessoal descansado ia ter muitos reparos a fazer e muitas histórias a ouvir. Os danos que dependiam de um estaleiro, aguardavam a chegada à Girassol.

O comandante tinha revisado a lista dos 90 sortudos, dando descanso a quem, meritoriamente, conquistara o “sono dos justos”.

– Negativo – a mulher disse, não estando nem aí para a insubordinação.

– Mas...

– Pode tirar o meu nome da lista, chefão.

Ele já sabia, no entanto continuou a encenação:

– Preciso justificar a demanda reprimida, oficial Oliveira.

– Que tal colocar aí – acionando a tela do tablete, programado para ativar ao contato do comandante ou seu eventual substituto, o nome de Alice enca-beçava a lista – que a fulaninha tem compromisso marcado no cabeleireiro. Na manicure. Precisa revisar as pernas. Você sabe, essas coisas de mulher a quem prometeram núpcias no único hotel espacial nas redondezas.

– Talvez.

- Está dando pra trás?
- Não sou libertino a esse ponto.
- Então...
- Mais uma ação de divórcio não aguento!

O périplo da Estrela do Sol logo terminaria. Mas a missão não. Só estava começando.

Edgar Indalecio Smaniotto – Filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Professor Universitário desenvolve pesquisas relacionadas à eugenia, ficção científica, transhumanismo, defesa, educação e histórias em quadrinhos. Atualmente mantém as colunas mensais “Filosofia da Astronáutica e da Ficção Científica” e “Biblioteca FC” na coleção de livros Perry Rhodan, Space Opera alemã publicada no Brasil pela SSPG.

Autor do livro A FANTÁSTICA VIAGEM IMAGINÁRIA DE AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR: ensaio sobre a representação do outro na antropologia e na ficção científica brasileira (Corifeu, 2007), escreveu ensaios para as coletâneas de contos: UFO: Contos não identificados (Literata, 2010); Zumbis: Quem disse que eles estão mortos (All Print, 2010), TIME OUT OS VIAJANTES DO TEMPO (Estronho, 2011), “Mr. Hyde” (All Print, 2014), e foi convidado especial no Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2010 (Devir, 2011). Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS, e do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS, Grupo de Pesquisa Social – UNESP, Sociedade Planetária e CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica.

E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com

A Extração

1.

Silvano Vieira de Mello estava ao ar livre, exposto às temperaturas polares do planeta Yukon, protegido por um pesado traje térmico militar. O ar rarefeito de Yukon não era particularmente rico em oxigênio, e ele tinha a máscara respiradora sobre o nariz e a boca. Situação incomum, para um diplomata, mas o fato era que Vieira de Mello era um diplomata também bastante incomum.

Muito mais à vontade, a dois passos à sua direita estava um rapaz, e dois passos à sua esquerda, uma jovem mulher. Ambos vestiam o mesmo termotraje branco-azulado, marcado pela cibermáscara multitática exclusiva, e tinham carabinas de alta energia em punho. Ambos eram trans-humanos dotados de sofisticados sistemas biocibernéticos. Ambos eram Minutemen, tropa de elite de Appalachia, um mundo que orbitava a estrela Eta2-Hydri, na Zona 3, a cerca de 220 anos-luz da Terra.

Os três admiravam acima de suas cabeças o entrecruzar de linhas de condensação na límpida estratosfera de Yukon – caças e outras naves militares vindas em hipervelocidade de outros pontos orbitais do planeta, convocados como reforço. Ao longe e adiante do próximo do curto horizonte, ventos fortíssimos tentavam apagar a já reduzida paleta de cores da paisagem de Yukon.

A Sargento Laura Dobbs tinha as suas exuberantes formas femininas disfarçadas pelo pesado termotraje camuflado. Seu belo rosto de queixo forte e boca grande era igualmente ocultado pela máscara multitática. Ela se virou na direção de Mello.

– O grupo de busca Baker localizou um suspeito do atentado contra o General Traviss – anunciou, de certo após receber a notícia visualmente pela máscara.

– Um único suspeito? – Mello quis saber.

– Sim, senhor. No momento, ele tenta se evadir

um conto de

**Roberto de
Sousa Causo**

pela planície de gelo que existe a noroeste daqui, num veículo flutuador individual.

– Esses não têm muita autonomia – Martin Carlton, o outro soldado, comentou. – Nem alcançam grande altitude.

– E já deve ter sido usado na ida até o local de onde o General Traviss observava os exercícios – Dobbs disse. – Não há pegadas na neve, o flutuador foi usado sempre ao rés do chão. Além do mais, fugir pela planície de gelo é certeza de ser capturado. Foi missão suicida.

– Por que fugir, então? – Mello perguntou.

Dobbs deu de ombros. Um gesto quase imperceptível, no pesado traje protetor.

– Para dar chance de um comparsa escapar – ela disse. – Ou ganhar tempo, criar distração para uma outra fase do ataque.

– Acha que o objetivo não se limitou a Traviss, Sargento? – Carlton perguntou.

– Tudo é... – Dobbs deteve-se no meio da fala. Mais alguma coisa chegava pela cibermáscara. – Ordens do General Jackson. Devemos acompanhar o embaixador de volta à sua nave, e organizar um pente-fino do aparelho.

– Quer dizer uma busca? – Mello perguntou, surpreso.

– Completa – ela disse. – Inclui sistemas de segurança e de suporte de vida, o registro de comunicações, e restos de ADN comparados com amostras que tiraremos de toda a tripulação, do senhor inclusive, Embaixador Vieira de Mello.

– O que você quer dizer é que seus superiores acreditam que minha equipe e eu de algum modo colaboramos com o assassinato de Northrop Traviss? – Mello perguntou.

– *Eu* não quero dizer nada, senhor – ela respondeu. – Minhas ordens são essas. Mas nós controlamos a órbita de Yukon, e a sua nave foi a única a entrar. O assassino ou assassinos tiveram que ser inseridos de algum modo.

Yukon era um planeta controlado pela Aliança Transatlântico-Pacífico. Situava-se bem na fronteira entre a Zona 3 de Expansão Humana e a famigerada “Esfera” e no seu eixo principal, a meio caminho entre o Sistema Solar e o Braço de Scutum-Crux, nove ou dez mil anos-luz longe da Terra. Os Minutemen estavam ali para um grande exercício militar, já que Appalachia, o seu planeta natal, era um mundo de gelo como este, situado no limite extremo de habitabilidade da estrela G3 que orbitava. Os Minutemen eram muito zelosos quanto à defesa do seu planeta, e no desabitado Yukon estavam livres para esbanjar a sua tecnologia militar de ponta – que incluía armas nucleares, de hipervelocidade e armamento nanita que, se empregadas em Appalachia, causariam grandes estragos à sua biofera. A órbita excêntrica de Yukon, que o levava a um extremo de 30 unidades astronômicas do seu sol, o tornava impossível para a vida. Seiscentos Terraanos mais tarde, ele se reaproximava, chegando a 1.7 UAs – para enfrentar hecatombes de degelo que erodiam, ciclicamente e como o machado de um gigante furioso, a sua superfície.

Appalachia tinha um raro *status* político dentro da Aliança: o de total independência. Politicamente falando, era apenas um protetorado da Aliança, mas não lhe devia obediência política nem exclusividade comercial. Na verdade, porém, Mello sabia que o principal produto desse mundo era a sua força militar de elite, e que o seu relacionamento com a América do Norte, um dos estados constituintes da Aliança, era antigo, inabalável – e de total *dependência*.

Gelado e inóspito, Appalachia pouco tinha a oferecer em termos de atividade econômica e cultural. Eles precisavam de toda a ajuda que a Aliança podia lhes dar, e em troca, formavam uma tropa de choque mercenária e ideológica que a Aliança empregava nas Zonas de Expansão 2 e 3. Ou era assim que Mello enxergava as coisas. Os Minutemen, claro, nunca o admitiriam, mesmo se ele tivesse o desejo de apontar-lhes que toda a sua tecnologia militar vinha da Aliança, autorizada pelo congresso da Aliança, assim como toda a técnica de implantes e intervenções biocibernéticas em seus corpos era paga pela Aliança e cobrada deles com juros. Uma

contradição. Mas apenas uma delas, no que dizia respeito aos appalachianos e a sua milícia interestelar.

O General Northrop J. Traviss era outro exemplo agudo dessas contradições. Um dos nomes mais reconhecidos da expedição até a Galáxia Anã da Ursa Maior em 2418, tinha uma outra fama – não tão gloriosa. Na pequena área de influência da Ecumênica Islâmica na Zona 3, ele era chamado de “o Carniceiro de Regulus B”, a estrela Alfa do Leão. Dizia-se que ele havia comandado o extermínio de um grupo misto árabe-africano de mineradores que entrara em choque com uma empresa congênera da Aliança, enquanto testava uma instalação semi-automatizada fornecida a eles pela Latinoamérica. Técnicos latinos também tinham sido mortos. O assassinato em massa teria sido disfarçado como o choque das usinas da Ecumênica Islâmica com um asteroide, mas um grupo de funcionários da empresa da Aliança viera a público – Terraanos depois – para denunciá-lo.

Traviss havia se retirado dos Minutemen pouco depois, e hoje atuava como alto executivo da SysComFinds, uma empresa de sistemas militares. A iniciativa privada do setor bélico era um destino bastante comum para oficiais appalachianos de destaque. Traviss, porém, não era uma pessoa fácil de se encontrar. Vinha se esquivando há alguns Terrameses de se pronunciar sobre as acusações, preferindo que seus advogados falassem por ele. Os problemas de jurisdição pareciam impossíveis de serem deslindados, até que uma senadora da Aliança, Rachel Haywood, velha conhecida de Mello, atendera aos apelos do diplomata e fizera contato direto com Traviss – que respondera com condições bem pouco razoáveis: um encontro pessoal e não ansívico, e neste planeta inóspito onde ele atuava como consultor durante os exercícios militares e rodeado por seus amigos e aliados.

Mello tinha para si que essa atitude equivalia uma admissão de culpa. Ou Traviss dificultava o seu trabalho por simples arrogância.

Mas agora Northrop Traviss estava morto, e as razões de Mello estar ali já não importavam mais. O que ele se perguntava era como *sairia* de Yukon.

Enquanto os Minutemen revistavam a nave consular *Manuel Piar*, Mello lembrava metodicamente as muitas mulheres de sua vida. O que mais fazer, enquanto aguardava em seu camarote o resultado da verificação?

Estava sozinho agora, e provavelmente continuaria assim por algum tempo ainda. A maioria das mulheres com quem tivera relacionamentos dificilmente se interessaria agora por um pária como ele.

Há dois Terraanos, Mello havia sofrido o pior golpe de sua destacada carreira: a missão de trazer em segurança para o asilo político oferecido pela Diáspora Latinoamericana, a junta militar de sKrtleal, uma casta de ditadores que mantiveram os mundos de dois sistemas planetários na Esfera sob o mais cruel e implacável regime totalitário.

Mesmo com os tratados entre sKrtleal e a Latinoamérica ainda em vigência plena, seria uma operação muito difícil de vender para a opinião pública. Não estava dentro da experiência profissional de Silvano Vieira de Mello, um diplomata de alto perfil, mas ele foi encarregado dessa caixa de Pandora por ordem direta da Chancelaria. Para protegê-lo, e à própria Chancelaria, a oferta de asilo à junta de sKrtleal deveria ter sido mantida em segredo absoluto. Mas ao invés disso, ainda enquanto Mello voava com os ditadores e suas famílias em naves da Esquadra Latinoamericana na Esfera, a coisa toda havia vazado para a imprensa da maneira mais escandalosa possível.

E não apenas. A própria missão de escolta tinha sido comprometida, e a espaçonave em que viajavam, sabotada e emboscada.

Foi apenas graças à atuação do comandante da escolta militar, o Capitão Jonas Peregrino, que Mello não só conseguiu escapar do imbróglio com sua carreira mais ou menos intacta, como saiu vivo para continuar servindo aos interesses da Latinoamérica nas três Zonas de Expansão.

Na época, ele havia imaginado que o objetivo de sua indicação e do subsequente vazamento te-

ria sido destruir a sua carreira de uma vez por todas. Ele certamente pisara nos calos de muita gente – gente bem situada em pelo menos quatro blocos políticos. E mais tarde, passaram a indicar-lhe trabalhos medianos e arriscados, como este potencial escândalo de assassinato em massa.

Seu único ato de rebeldia lhe parecia agora pequeno e inconsequente, embora talvez tenha contribuído para que ele se tornasse ainda mais desinteressante para os cabeças da Chancelaria: Mello nunca havia entregado os registros do seu implante mnemônico, gravados durante aquela operação. Alegou que o *stress* havia causado uma disfunção do *biochip* de memória, um equipamento básico dos diplomatas do seu nível. Um médico amigo dera o falso diagnóstico e providenciara a troca do implante de desempenho perfeito, por outro da mesma qualidade. E seus superiores nunca souberam o que realmente ocorreu com a liderança sKrtleal. Tiveram de engolir o seu relatório escrito, repleto de fatos embelezados e editados para proteger Peregrino e a ele mesmo de consequências desagradáveis.

Pensar em seu implante fez Mello se lembrar de que ele mesmo não deixava de ser um ciberaumentado.

Ele não se opusera à coleta de ADN, mas tinha preparado um documento a ser assinado pelo Tenente General Taylor Dennis Jackson, o comandante do exercício em Yukon, em que o oficial Minuteman deveria assegurar que os dados seriam utilizados apenas para a conferência de vestígios encontrados na nave – e para nada mais, devendo ser imediatamente destruídos depois da sua triagem.

T. Dennis Jackson era um caso raro entre os Minutemen – um homem negro que chegara ao posto de oficial general. Mello o via pela primeira vez. Antes, apenas uma major havia tratado com ele desde a sua vinda a Yukon. Agora Jackson chegava à área de pouso afastada que fora designada à Manuel Piar, escoltado por uma esquadrilha de caças e lanchas armadas, todas com o mesmo padrão de

camuflagem no gelo.

A nave fora colocada ao pé de um paredão rochoso, escarpado, coberto de gelo pesado no seu platô, lá nas alturas. Uma vasta cobertura semitransparente montada com painéis sextavados de nanotubos de carbono protegeria a *Manuel Piar* das frequentes nevascas. Ou de uma avalanche ou desmoronamento. Mas o Primeiro Sargento Diego Fuentes, da Infantaria Embarcada da nave consular, já havia alertado que a instalação colocavam-nos sob a vigilância constante de dispositivos secretos de monitoramento. Alguns deles haviam sido detectados pelos sensores de segurança da *Manuel Piar*.

O “pente-fino” já havia sido realizado, embora nenhum resultado fosse partilhado com Mello, que, em sua mente, pesava hipóteses absurdas: a infiltração de agentes desconhecidos em sua equipe, ou que tudo não passasse de outro golpe contra ele e sua carreira. Mas nada disso conseguia avançar muito além da constatação de que, se eles inadvertidamente trouxeram o assassino ou assassinos de Traviss com eles, como a vigilância dos Minutemen os teriam deixado passar?

Jackson tinha dois metros de altura ou mais, e ombros exageradamente largos. Sorriu debilmente, afetando um cansaço que seus sistemas biocibernéticos nunca deixariam se instalar no seu organismo transformado. Além da cinta de interface da máscara tática multiuso brilhando em sua testa, não exibia nenhum traço externo de implantes, no rosto forte e escuro. Ele e Mello se apertaram as mãos. O diplomata o recebeu com um sorriso aberto. Não se sentia em nada intimidado diante dele – em seus vinte e sete anos de carreira ele já havia lidado com todo tipo de trans-humanos, piratas espaciais, revolucionários e genocidas em áreas de conflito, por todas as Zonas de Expansão, sem nunca deixar de encará-los nos olhos.

– Lamento as circunstâncias em que nos conhecemos, General.

– Uma grande inconveniência para nós dois – disse Jackson –, e um grande embaraço para a minha organização. – Sua voz, ainda que roufenha, soava jovial e livre de qualquer traço de irritação ou

impaciência. Mas em seguida ele afirmou: – Tenho certeza de que o senhor compreende que temos de tomar todas as medidas possíveis.

– É claro. Estou preparado para colaborar de toda maneira que o senhor considerar necessária, General, mas que esteja dentro do razoável. Sua gente já fez uma busca minuciosa no interior da *Manuel Piar*, e para isso eu lhes franqueei o conhecimento do nosso engenheiro e programador de bordo, Bernardo Alverdi.

– Fizemos uma busca na área externa também – Jackson informou.

Mello guiou-o pelo interior da espaçonave. Ele já havia negociado as condições da entrada do General Jackson naquilo que era efetivamente território da Diáspora Estelar Latina. Os Minutemen poderiam trazer apenas uma arma a bordo. Laura Dobbs entrou atrás de Jackson, com a carabina em punho. Luzes LED de segurança na lateral da arma indicavam que estava energizada e pronta para disparar.

Destacado para a segurança da *Manuel Piar*, o Sargento Fuentes não gostava nada da presença de Dobbs com a sua carabina, e respondera com precaução dobrada: junto à entrada da copa da espaçonave, Fuentes mantinha dois homens similarmente armados, enquanto ele, com um detonador no cinto, se postava diante de Dobbs, de quem não desgrudava os olhos.

Jackson não parecia se importar com tais medidas.

– É cheiro de café que estou sentindo? – perguntou.

Mello fez sinal a um copeiro, que trouxe a bebida para a mesa e a serviu em duas canecas com o discreto brasão da DEL. A copa era um espaço de formas fluidas e superfícies claras, concebido para ser tão agradável e aconchegante quanto a sala de conferências da nave, o local de reuniões e tratativas oficiais. Receber o General Jackson ali era um modo de Vieira de Mello sinalizar que não se intimidava.

– Café cultivado nas montanhas do Brasil – o embaixador disse, com um sorriso.

– O melhor... – Jackson reconheceu. – É um inferno. Quanto mais a humanidade avança pela galáxia, mais raras ficam as coisas que amamos.

Ele apreciou o café em silêncio. Então retirou de um bolso do casaco um envelope plástico. Mello sabia que dentro estava o termo de compromisso preparado por ele. Jackson disse:

– Reconheço que o senhor demonstra boa vontade diante das nossas necessidades, Embaixador. Permitiu que fizéssemos a busca e colhêssemos o material genético do seu pessoal, *antes* mesmo que eu assinasse este documento.

Estendeu-lhe o envelope.

– Obrigado, General – disse Mello. – Também é do nosso interesse esclarecer a situação o quanto antes. Não tenho ilusões quanto aos meus poderes aqui. Represento a Diáspora Latinoamericana na sua integralidade, mas o fato é que qualquer poder real que possa apoiar a minha representação está a muitos anos-luz daqui. Eu *dependo* da sua boa vontade.

Os olhos escuros de Jackson percorreram o rosto de Mello por um instante. Então o militar assentiu e disse:

– Terei de abusar um pouco mais da sua, Embaixador. – Fez uma pausa, observando a caneca vazia. Mello fez um gesto, e o copeiro serviu mais café ao general. – Sei que o senhor tem um *chip* mnemônico, então não me adiantaria pedir para falar com o senhor a sós. De qualquer modo, não estou sozinho, entre os appalachianos, quando digo que Northrop Traviss era um canalha completo, que teve o que merecia na superfície deste planeta morto. Não posso comentar nada sobre o que teria havido em Regulus B, pois não estive lá, mas conheço outros “feitos” de Traviss que o colocam no capítulo reservado aos grandes bastardos, no meu livro.

Mello precisou de alguns segundos para encontrar o que dizer. À volta da mesa, Diego Fuentes e Laura Dobbs trocaram o pé de apoio – a única reação diante das palavras de Jackson, a que podiam se dar ao luxo.

– Louvo a sua franqueza, General – Mello reconheceu.

– O senhor também aprecia o fato de que, não importando o meu conceito de Traviss, tenho que fazer *tudo* o que estiver ao meu alcance para descobrir quem atentou contra um cidadão da República de Appalachia.

– Certamente, General. – Mello pigarreou e disse: – Ainda não tivemos conhecimento do resultado da sua busca nesta nave...

– Resultado negativo, embaixador – Jackson interrompeu. – Nada foi encontrado. Nem um fio de cabelo, um cílio, um pelo púbico, um floco de caspa ou uma impressão digital que não pertença à sua equipe. Seu sistema de suporte de vida é capaz de determinar o consumo individual de oxigênio, de rações e das facilidades sanitárias, porém ele não registra ninguém fora da sua equipe e tripulação. E os registros estão em ordem, não foram fraudados. Mas há outros procedimentos que teremos de encerrar juntos.

– Meu chefe de segurança diz que a cobertura protetora sobre nós tem sensores de vigilância...

– E muito eficientes.

– Se o assassino ou assassinos tivessem partido desta nave, vocês teriam descoberto.

– Há outros meios de se inserir um operador no planeta, *antes*, digamos, do pouso da sua nave.

– Mas nós fomos escoltados por seus caças, da órbita até a superfície, senhor.

Jackson endireitou as costas e olhou para Dobbs.

– Isso é excessivo, para o assunto que o trouxe aqui – ele observou, com severidade. E dirigindo-se para a suboficial: – Quem deu essa ordem?

– A Major Steakley, General – Dobbs respondeu. – E todas as gravações visuais feitas da *Manuel Piar* a partir dos caças já foram checadas, com resultado negativo.

– Terei uma conversa séria com Steakley, dependendo de como este caso terminar – Jackson disse.

– Sim, senhor.

A troca de palavras com Dobbs encerrou-se

como se uma cortina se descesse entre os dois, enquanto Jackson voltava novamente os olhos para Silvano Mello.

– É possível para alguém que tenha os recursos necessários ser invisível aos nossos sensores, Embaixador, se ele ou ela conhecer as frequências e as especificações dos nossos sistemas. Dispositivos furtivos anti-G o fariam flutuar acima do solo, sem deixar pegadas. Enganar sensores térmicos com um macacão termoativo seria relativamente fácil, e à noite o operador afetaria os intensificadores luminosos com um holoprojetor de interferência. O pessoal da Ásia Centro-Oceânica trabalha muito bem com esse tipo de coisa, e não seria impossível que outros blocos políticos conseguissem o equipamento.

– Vocês já devem ter determinado que não temos nada disso a bordo.

– De fato.

– E todo esse material de posse de um único indivíduo, General? – Mello perguntou. – E essa pessoa burlou a sua vigilância e ainda conseguiu encontrar o General Traviss e matá-lo...

– Achar Traviss seria relativamente fácil, a partir do monitoramento das nossas comunicações – Jackson disse. – Elas são quantumcriptadas, mas até isso não constitui impedimento. Há um padrão no tráfego de mensagens que se remete ao QG dos observadores do exercício, onde já era sabido que Traviss estaria. Todo o equipamento pode ser transportado por um único elemento, se ele souber operá-lo. Os asiáticos são muito bons em miniaturização. Tudo isso seria de grande portabilidade, e em parte inflável. Volumes primeiramente bem pequenos... o flutuador individual descoberto a noroeste deste ponto, e as outras coisas que ele teria trazido.

Vieira de Mello dirigiu um rápido olhar ao rosto coberto de Laura Dobbs, e disse:

– Bem, já há quase duas Terrahoras que o suspeito foi localizado. Os senhores já devem tê-lo sob custódia a esta altura.

Jackson fez um ruído de desdém, e liquidou a sua segunda caneca de café.

– Bem que gostaríamos – disse. – Mas ele ou

ela usou o flutuador para nos despistar. O veículo foi lançado numa rota, enquanto o matador se escondeu em um afloramento de rocha, onde teria cometido suicídio com um explosivo térmico que não deixou vestígio algum, exceto por uma trilha de pegadas. Nada de ADN, fibras, pelos... só restos das superfícies exteriores mais resistente de um traje ambiental. A distância entre as pegadas indica um homem de cerca de um metro e oitenta e cinco de altura. Mas elas são regulares demais e meus especialistas sugerem que possa ter sido um *softbot* vestindo um termotraje protetor.

– *Softbot*? – Mello perguntou.

– O traje térmico devia conter um infraesqueleto de biotecnologia que fazia o traje caminhar como uma pessoa – Jackson disse, gesticulando com dois dedos da mão direita, na mímica de alguém andando. – Um autômato sem partes metálicas, composto de fibras e servomotores infláveis e uma CPU biológica, simples o bastante para fazê-lo tripular o flutuador individual, saltar dele e correr até o afloramento de rocha, onde se autodestruíu. Seriam tecidos facilmente vaporizáveis por uma granada térmica. No flutuador, a propósito, só encontramos manchas do sangue com o ADN de Traviss.

– E teria sido esse *softbot* que o matou?

– Eu duvido. O matador passou como um raio por sete pessoas, entre elas dois guarda-costas pessoais de Traviss, sem ser visto. E embora reformado, Traviss conservava os seus biosistemas militares e estava em forma. Mas foi imobilizado e teve a traqueia arrancada pelo assassino, aparentemente sem que pudesse opor resistência. Não há sinais de que tenha ferido o seu atacante. Um *softbot* não teria essa capacidade. Quem liquidou Traviss é um ciborgue com sistemas superiores aos dele. Estamos certos disso.

“Provavelmente, o *softbot* inflável foi só um despiste. Enquanto nós o caçávamos, o verdadeiro assassino se dirigia a um outro lugar, num segundo flutuador individual.”

Jackson silenciou-se, seu olhar pesando sobre Vieira de Mello.

O embaixador pigarreou.

– O que o senhor quer dizer, General Jackson, é que a sua investigação tentará determinar não apenas se esta nave foi usada para a inserção do assassino, mas se ela será usada para a sua *extração*.

– Precisamente – Jackson disse, com um sorriso pálido.

– E se ele não está infiltrado – Mello insistiu – entre os membros da minha equipe ou da tripulação da *Manuel Piar*.

Desta vez, o Minuteman apenas concordou com a cabeça.

2.

Pelos quatro Terradias seguintes, a *Manuel Piar* e sua tripulação passaram por dúzias de testes e verificações, conduzidas por técnicos em trajes herméticos e robôs de todos os tamanhos e formas. O procedimento que fizera Silvano Vieira de Mello engolir em seco, porém, foi um *scan* mental a que todos os membros da sua equipe se submeteram – muitos sob protesto. Todas as memórias recentes – um Terraquinze ou menos – seriam capturadas e jogadas em um computador para filtragem e processamento, em busca de pistas do assassino.

Mello colaborou, porém – a um grande custo pessoal e profissional, ele suspeitava. Designou uma das suas assistentes, Consuelo Canclini, para acompanhar os procedimentos dos Minutemen, depois que T. Dennis Jackson assinou um novo documento, em que prometia destruir todos os resultados do *scan*, se eles não revelassem nada relacionado à morte de Traviss. O próprio Mello foi o primeiro a passar pelo *scan*.

Depois do procedimento, Canclini veio até ele.

– Eu nunca questioneei as suas decisões, Silvano – ela disse – , mas aceitar essa imposição é uma violação dos nossos direitos e da nossa autoridade diplomática, e não será bem aceita pela Chancelaria.

– Eu entendo – disse Mello, com um meio-sorriso. – Mas é também o modo possível de nós, e por extensão a Latioamérica, *contribuirmos* ativamente com a investigação.

– Você quer dizer que partilha da suspeita deles?

– ela exclamou.

– Eles foram cuidadosos em não formular explicitamente qualquer suspeita – ele disse. – Mas não ocorreu a você que possamos ter sido infiltrados por uma terceira parte, e inadvertidamente trazido o assassino para cá?

Consuelo parecia mais chocada com essa possibilidade, do que com um escândalo diplomático. Mello respondeu com um meio sorriso tranquilizador, embora ele mesmo não estivesse em nada satisfeito com o beco sem saída em que se encontrava.

No quinto dia, diante do longo crepúsculo de Yukon, Vieira de Mello e Dennis Jackson tiveram outra conversa em torno de canecas de uma termogarrafa de café mineiro. A lancha de comando Minuteman estava conectada à *Manuel Piar* por meio de uma passagem sanfonada, e Jackson vestia apenas o fardamento de campo, bem mais leve. Desta vez estavam sozinhos na copa, acompanhados apenas de café e sanduíches, livres da atenção zelosa dos seus suboficiais e auxiliares.

– O senhor vai gostar de saber que não descobrimos nada com os *scans*, Embaixador – Jackson disse. – Seu pessoal está limpo, nenhum deles é o assassino de Traviss ou foi seu cúmplice. Lamentamos o inconveniente.

– O senhor manterá o compromisso de destruir todos os registros?

– Quando o processo estiver terminado, o senhor e a senhorita Canclini vão poder testemunhar o momento em que os dados serão deletados – Jackson asseverou. – Mas eu quis de ter esta conversa antes.

“Quando o processo estiver *terminado...*” Mello ecoou mentalmente.

– Há outros procedimentos aos quais quer nos submeter? – inquiriu, com certa impaciência. – Eu não consigo imaginar o que mais pode ser feito...

Jackson fez um gesto apaziguador.

– Mais um pouco e vocês estarão livres para partir – asseverou. – O assassino não está nesta nave, nem pode passar pela vigilância que montamos em torno dela. Se ainda estiver vivo e na superfície de Yukon, nossos robôs irão descobri-lo. Ele não pode durar muito tempo nestas condições climáticas, sem se denunciar.

– Quanto tempo mais teremos de esperar, General? – Mello perguntou. – Meu relatório de ansível para a Chancelaria da Diáspora Estelar Latina já está atrasado, e eu receio que se ele demorar mais, esta situação pode se transformar num incidente internacional.

– Que o senhor tem tentado evitar, eu reconheço – Jackson disse. – Só mais um Terradia. Eu também tenho a quem responder em Appalachia... e além, se o senhor me entende.

– Acha que o matador será capturado em só mais um *dia*?

– Não se trata disso, Embaixador. – Jackson sorriu. – É uma desculpa para dizer aos nossos superiores que estamos analisando os dados colhidos e buscando alternativas. Eu não vejo nenhuma, mas coloquei o meu time de especialistas para trabalhar. Não creio que eles imaginem algo razoável, nesse prazo. Mas é também uma desculpa para o senhor e eu conversarmos mais um pouco.

– Sobre que assunto, General?

– O Capitão Jonas Peregrino.

Silvano Vieira de Mello recuou na cadeira. Diante dele, o Minuteman sorriu e deu de ombros, antes de esconder o sorriso atrás da caneca de café. Jackson disse:

– Os sistemas de vigilância de comunicações que usamos para a filtragem dos *scans* de memória possuem, digamos, um interesse pelo Capitão Peregrino. Ele realizou muito na Esfera, e parece ter uma... *resistência* incomum. Temos curiosidade profissional a respeito dele.

– Eu imagino – Mello disse, lacônico.

– Daí os computadores terem filtrado a ocorrência de Peregrino, na análise das suas lembranças recentes. Parece que o senhor tem pensado muito

nele, nos últimos dias. Na verdade, desde o ataque a Travis.

– Uma coincidência suspeita em sua opinião, General Jackson?

– Uma coincidência que estimula ainda mais a nossa curiosidade sobre Peregrino – Jackson devolveu, sem piscar.

Mello suspirou.

– Eu me perguntava o que ele faria numa situação como esta, que minha equipe e eu vivemos em Yukon.

– Uma solução militar, para uma situação diplomática, Embaixador?

– O senhor *não* é um diplomata, General – Mello respondeu, com um meio-sorriso. – Tanto a situação que vivi com Peregrino, quanto esta, parecem bicos sem saída dos quais nenhum resultado positivo poderia advir.

– Mas a missão de escolta diplomática da junta militar de sKrtleal terminou da melhor maneira possível – Jackson observou. – Dadas as circunstâncias.

– Exatamente, General – Mello disse, olhando firme nos olhos do Minuteman. – Parece que esse é o talento do Capitão Peregrino. Ele é um grande planejador, é claro. Mas falo de sua capacidade de ler e antecipar situações desesperadas, e tirar delas uma saída redentora. Eu certamente só estou aqui, vivo e no exercício das minhas funções, por causa dele. Daí me lembrar de Peregrino neste momento. O senhor talvez veja isso com suspeita, mas esta é a verdade: eu gostaria de saber como Peregrino enfrentaria este impasse aqui em Yukon.

– Não há impasse algum, Embaixador. Mais um dia, e vocês estarão livres para partir.

– Mas neste dia se exige que eu revele algo sobre um oficial da Latinoamérica a quem sou particularmente grato.

– Não acredito que o senhor venha a revelar um segredo militar ou diplomático, e não é o que o que eu peço – Jackson asseverou, num tom que sugeria interesse verdadeiro. – Uma análise de caráter, talvez? Algo que vá além do retrospecto da carreira de

Peregrino ou da propaganda em torno dele?

Vieira de Mello meditou, curvado sobre a sua caneca de café.

– Desde o início, fomos alvo de sabotagens, traições e emboscadas – disse, em voz baixa. – Isso pesou sobre Peregrino, especialmente as perdas entre o seu pessoal. Em alguns momentos ele pareceu desorientado, desesperado, prestes a se voltar contra os membros da junta e contra mim. Mais tarde, porém, eu vim a acreditar que ele forçava a mão de modo calculado, ou talvez intuitivo, para obrigar os generais de sKrtleal a agir eles próprios de modo desorientado e desesperado. Quando eles me tomaram como refém, foi o que Peregrino precisava para agir e salvar os nossos pescoços.

– Eu não compreendo...

– O tempo todo ele lia a situação e antecipava o que os membros da junta fariam – disse Mello. – Nós não conseguiríamos escapar do fracasso da escolta, não com a sabotagem que sofremos. Mas Peregrino intuiu um modo de transformar o fracasso em vitória. E uma vez tendo aberto uma via de escape, ele agiu imediatamente e com toda a força necessária, sem um momento de hesitação. Era como se estivesse preparado para aquilo, durante o tempo todo.

Jackson havia endireitado o corpo. E estreitado os olhos. Mello deu de ombros.

– Talvez essa capacidade seja algo comum entre comandantes de combate – o embaixador observou. – Mas é claro, já estive em muitas áreas de conflito, e essa experiência me faz supor que nem sempre é assim.

O Minuteman voltou a sorrir.

– Na minha também – ele disse. – Mas é curioso o senhor usar a palavra “intuição”. – Ele tocou rapidamente a cinta de interface em sua testa, e então levantou-se. – Nestes dias em que somos meio máquinas, conceitos como esse não são muito visitados. Mas eu acredito no senhor. Acredito que intuição, instinto ou sorte podem guiar um soldado pelos caminhos tortuosos das fricções do combate.

3.

Dennis Jackson cumpriu a sua palavra. Livre, a *Manuel Piar* vencia o puxão gravitacional de Yukon. O planeta apareceu nas vigias do passadiço como uma bola de neve suja e amassada, e rapidamente ficou para trás. As vigias deram lugar ao espaço escuro e salpicado de estrelas. A espaçonave rumava para o espaço profundo. Por um instante, porém, Silvano Vieira de Mello guardou a imagem gélida do planeta, e um verso muito antigo lhe ocorreu: “É agora o inverno do nosso descontentamento.”

Ele então se dirigiu ao comandante da *Manuel Piar*, Omar Federico Avilés.

– Não tenha pressa em nos conduzir pela Zona de Simetria Rompida, Omar.

Consuelo Canclini estava ao lado de Mello, quando ele fez a solicitação.

– O que tem em mente, Silvano? – ela perguntou. Todos os membros da sua equipe diplomática o tratavam pelo primeiro nome.

Consuelo ainda estava incomodada com a invasão representada pelo scan a que os Minutemen os tinham forçado. Mello podia sentir a irritação em sua voz.

– Apenas que devemos ser cautelosos. Verificar todos os sistemas, antes do tunelamento. – Pensativo, ele fez uma pausa, seus olhos indo de Avilés a Consuelo. – Me ocorreu que os Minutemen fizeram mil averiguações nesta nave, e nós, nenhuma. Chame o Sargento Fuentes e os seus analistas de sistemas, Consuelo. Enquanto seguimos para a ZSR, vamos procurar grampos, vírus e sinalizadores que eles possam ter deixado nos sistemas ou nas instalações da *Manuel Piar*.

– Eu e meu pessoal estivemos com eles o tempo todo, enquanto eles verificavam os computadores da nave – Consuelo disse.

– Os Minutemen teriam muitas maneiras de contornar essa providência – Mello apontou.

– Vou reunir o pessoal – ela aquiesceu.

– Quero dar uma olhada no que eles estão fazendo na órbita de Yukon – o embaixador pediu a Avilés, depois que Consuelo deixou o passadiço.

– Se fizermos uma varredura muito intensa com os sensores, eles vão desconfiar de alguma coisa.

Mello refletiu. Avilés tinha razão.

– Qual é o alcance efetivo máximo, para uma varredura discreta? – perguntou.

– Nossos sensores não têm competência militar, então eu diria três unidades astronômicas, Embaixador. Ou cerca de duas horas de voo, se o senhor realmente quer ir devagar.

– Já temos um plano então, Omar. Vou sair para falar com Fuentes e Consuelo. Me avise quando tiver um registro, ou se aparecer alguma novidade.

Diego Fuentes e o pessoal de Consuelo percorriam a nave, enquanto o engenheiro de bordo, Bernardo Alverdi, verificava os sistemas à caça de um vírus troiano ou algo parecido.

Vieira de Mello fizera uma refeição frugal e havia se recolhido ao seu camarote. Estava deitado de costas, observando distraidamente luzes que piscavam no painel de climatização fixado no teto baixo acima do catre. Ele comandou seu implante mnemônico para repassar uma conversa que tivera, pouco antes da *Manuel Piar* ser liberada para deixar Yukon. Não aquela com o General Dennis Jackson, porém. Com a conversa tida com a Sargento Laura Dobbs.

Dobbs o procurara no seu camarote. Livre do termotraje protetor, da máscara multitática e de qualquer armamento, não parecia em nada ameaçadora. Vestia apenas o uniforme Minuteman de serviço, este sim revelador de suas formas femininas e membros robustos. Parecia embaraçada, com dificuldade para dizer do que tratava a sua visita. Mello sorriu para animá-la, e então, como cabia a uma militar, ela respirou fundo e foi direto ao assunto.

– Eu lamento pelo ocorrido, Embaixador – disse. – O *scan* de memória foi excessivo. Uma violação dos seus direitos individuais, da sua privacidade e da sua equipe. Não é assim que gente de Appalachia devia se portar.

Mello compreendeu perfeitamente. Appalachia era uma sociedade fundada em princípios libertarianos, e Laura Dobbs havia escolhido deixar de lado o papel de Sargento Dobbs, para assumir o papel da Cidadã Dobbs. Mello ofereceu-lhe a mão.

– Eu lhe asseguro que o que ocorreu aqui não alterou em nada a minha impressão – disse, com um sorriso – com respeito a Appalachia ou o seu governo. E agradeço a sua expressão de solidariedade neste momento.

Os olhos de Dobbs passaram pelo seu rosto por um segundo, quando foram enfim apenas um homem e uma mulher que, presos em uma situação infeliz, lamentam que as coisas não tivessem sido diferentes.

Mello admitiu a si mesmo que acionara o implante mnemônico apenas para voltar a ouvir a voz de Laura Dobbs, rever seu rosto. Não precisava do implante, para se lembrar das palavras trocadas. O dispositivo reforçava, porém, o calor humano que ele colocara nas suas. A diplomacia era frequentemente presumida como a arte da mentira e da enganação. “Diplomata é o homem que sempre se lembra do aniversário de uma mulher, mas nunca se lembra da sua idade”, escreveu o poeta. Não foi com esse espírito, porém, que ele falara com Laura. Alguém já havia dito que “não há melhor diplomacia do que a franqueza”, e Vieira de Mello honestamente procurava o melhor em si e nos outros – do contrário, sem esperança, com que bases o diplomata poderia trabalhar, e para alcançar quais resultados?

Agora ele quis rever suas conversas com o Dennis Jackson. O Minuteman parecia não ter outras intenções, ao levantar o assunto do oficial latino-americano. Mas a conversa com Jackson sobre Jonas Peregrino havia disparado nova associação de ideias na cabeça de Mello. Por isso ele saltou da resenha das palavras de Jackson, para visitar as lembranças da escolta da junta militar de sKrtleal, armazenadas em seu *chip* mnemônico.

– Peregrino... – Mello balbuciou, de olhos fecha-

dos, deitado em seu catre.

Um enigma. Um quebra-cabeça em forma de homem. A questão do que Peregrino faria em seu lugar voltou a atormentá-lo. Teria oposto resistência, forçado o adversário a mostrar a sua mão, como fizera contra a junta militar? Ou teria forçado a *si mesmo* a... A *quê*?

Mello sentou-se no catre, dobrado para a frente, as mão de dedos entrelaçados, braços apoiados nos joelhos. Olhava para o vazio, buscando o *insight*. O implante não poderia ajudá-lo nessa tarefa, que o lançava no terreno da intuição. Por isso desligou-o.

Levantou-se logo a seguir, e chamou Bernardo Alverdi.

– Você deve ter uma boa ideia do que os Minutemen estavam procurando na *Manuel Piar*, pelo tipo de busca que fizeram.

– Sim, mas... – Alverdi começou.

Mello o deteve com a mão direita espalmada. Os dois estavam na sala do engenheiro, porque precisavam dos seus computadores e monitores especializados. Um dos monitores já estava aceso, exibindo o *blue-print* da *Manuel Piar*.

– Deixe o “mas” para depois, Bernardo. O que eu preciso saber é se eles *deixaram* de procurar em algum local dentro da nave.

A pergunta obviamente intrigou Alverdi, que levou algum tempo para responder.

– Ora... os exaustores, é claro. Ninguém poderia se esconder ali, ou armazenar equipamentos...

– Onde mais?

Alverdi se voltou para as plantas da espaçonave.

– As áreas que são mantidas permanentemente não pressurizadas.

– Explique, por favor.

– Existem várias pequenas seções da nave que são mantidas sem atmosfera – o engenheiro disse. – No vácuo. Principalmente entre o casco e os setores

habitáveis. Alguns compartimentos em torno dos reatores. Pra minimizar o risco de incêndios ou de descompressão explosiva, se o casco fosse rompido.

Alverdi ia tocando a *touchscreen*, e os compartimentos foram se acendendo na planta, ganhando contornos, números, dados perfilados na tela.

– Por que eles não procuraram nessas seções? – Mello perguntou.

Alverdi voltou as palmas das mãos para cima.

– Na maior parte, são estreitas demais pra abrigar uma pessoa – exclamou. – São modulares, Embaixador. Os espaços não são amplos. Ao mesmo tempo, não têm saída para o casco... Quer dizer, se alguém se escondesse noutra ponto da nave, e fosse até lá apenas pra pegar equipamentos escondidos, não haveria como abrir um compartimento desses, sem que os sensores de pressurização percebessem. E todos os sensores estão funcionando, isso eu e os Minutemen verificamos. É por isso, inclusive, que eles não tentaram abrir nada.

– Abrir?...

– Os espaços não pressurizados, senhor.

– Os técnicos deles não chegaram a abrir esses compartimentos – Mello disse a si mesmo. E então para o outro: – Mostre um desses espaços em que caberia uma pessoa, Bernardo.

– Eles estavam procurando um homem com mais de um e oitenta de altura, mais equipamento – Alverdi gritou. – Não há espaço pra algo assim, Embaixador, em lugar nenhum não pressurizado na *Manuel Piar*!

Pela primeira vez desde que chamara o engenheiro, Vieira de Mello sorriu.

– Deixe eu te passar o que o General Jackson me disse. – Ele então acionou o seu implante mnemônico. – “O veículo foi lançado numa rota” – recitou – , “enquanto o matador se escondeu em um afloramento de rocha, onde teria cometido suicídio com um explosivo térmico que não deixou vestígio algum, exceto por uma trilha de pegadas. Nada de ADN, fibras, pelos... só restos das superfícies exteriores mais resistente de um traje ambiental. A distância entre as pegadas indica um homem de cerca

de um metro e oitenta e cinco de altura. Mas elas são regulares demais e meus especialistas sugerem que possa ter sido um *softbot* vestindo um termo-traje protetor.”

Alverdi arregalou os olhos. Então os voltou novamente para a planta. Foi tocando a tela, ampliando seções, lendo os dados que surgiam ao lado.

– Aqui – disse, e apontou.

Vieira de Mello sabia que nas naves consulares da Latinoamérica só eram consumidos alimentos frescos, e que cada uma delas tinha um *chef* bastante habilidoso, integrante da tripulação. Mello muitas vezes achava que essa prática era excessiva, um privilégio dispendioso e pouco produtivo. Às vezes, quando você tratava com outros humanos, podia ter um efeito positivo – como o café mineiro apreciado por Jackson, e os sanduíches de *gourmet* que eles tinham partilhado. Mas para quê, quando tratavam com inteligências alienígenas? E havia ainda o fato de todas as refeições da equipe diplomática e da tripulação serem preparados com esses requintes.

O cozinheiro da *Manuel Piar* se chamava Sílvio Combochi, e, diante de Mello, Alverdi e Fuentes, ele explicava:

– Sim, nós temos esses doze compartimentos selados a vácuo atrás da cozinha. – Combochi então falou de como era o revestimento interno dos espaços, e da sua capacidade em litros. – Não temos acesso direto a eles. Servem para armazenar restos triturados e compactados de alimentos, separados dos seus componentes líquidos, que nós reciclamos. Também recebem a lama de depuração sanitária dos banheiros da nave. Depois tudo é ejetado ao espaço, quando nos aproximamos de um planeta habitado.

– Por isso eles têm uma saída para o casco – Alverdi disse.

– O que é “lama de depuração sanitária”? – Vieira de Mello perguntou.

– Os resíduos sólidos ou semissólidos do esgoto.

– Por que ejetá-los ao espaço?

– Por causa das leis antiproliferação de formas de vida exóticas, senhor – Combochi respondeu. – Normas e regulamentações uniformizadas, internacionais, das Zonas Um, Dois e Três. Alimentos frescos, especialmente os de origem vegetal, podem transmitir doenças e pragas que ninguém quer se espalhando em colônias onde espécies vegetais semelhantes tenham sido implantadas. A Agência de Controle de Biosferas é muito rigorosa quanto a isso. Elas servem mais, é claro, para as colônias humanas de categoria um e dois, nem tanto para *habitat* orbitais e colônias planetárias subterrâneas.

– Então os restos de alimentos não consumidos ou estragados são lançados no espaço, pura e simplesmente?

– Eles saem por uma abertura que os coloca no caminho dos exaustores principais, senhor – Combochi explicou. – Um pulso dos exaustores de plasma, e eles são incinerados ou semi-incinerados. Excesso de zelo, talvez, mas incinerá-los na cozinha seria aumentar o risco de incêndio e o consumo injustificado de oxigênio. Nanodigestores são caros e podem contaminar certos sistemas da nave. O mesmo com a lama de depuração sanitária, que pode causar envenenamentos por sulfídio de hidrogênio. Ela também é rica em bactérias que ninguém quer que fiquem muito tempo na superfície de um planeta alienígena. Em missões como esta, em que não ficamos muito tempo em terra, não precisamos descarregar nossos tanques de lama de depuração nas instalações locais. É mais seguro jogar tudo no espaço, poupando contato com um material perigoso. Há uma etapa da aproximação planetária em que a gente realiza o procedimento.

Mello se apressou a perguntar:

– Quer dizer que lidar com isso pode ser perigoso?

– Sim, senhor. Ninguém gosta de lidar diretamente com lama de depuração, e é proibido fazer isso sem equipamento protetor individual.

– Fizemos essa ejeção e incineramento quando chegamos a Yukon?

– Não, senhor. O procedimento geralmente acontece no ponto de chegada de uma missão di-

plomática quando esperamos refazer nosso suprimento de alimentos frescos. Não é o caso de Yukon. E a nossa produção da lama ainda não... exigiu o preenchimento de muitos tanques.

– Você quer dizer então que, agora mesmo, os restos estão armazenados até o nosso retorno.

– Sim, senhor.

– Então os doze compartimentos estão cheios neste momento?

Mello sentiu uma pontada de decepção antecipada. Os espaços mantidos no vácuo estariam repletos com uma polpa compactada de alimentos triturados e ressequidos e dejetos humanos semisólidos. Seria difícil encontrar qualquer evidência de que alguém chegara a Yukon clandestino dentro de um deles.

– Na verdade, não, Embaixador – Combochi respondeu. – Só cinco deles. É como nós planejamos o consumo de alimentos e calculamos a produção de dejetos na nave. Um cálculo de volume cúbico para a viagem de ida, outro para a na viagem de volta. Por isso, no momento apenas os cinco primeiros compartimentos estão cheios.

Mello dirigiu um olhar para Alverdi e Fuentes.

– Você disse que são difíceis de acessar – disse a Combochi.

– Eu nem saberia como – o *chef* exclamou. – Nós jogamos as coisas em uma portinhola, e apertamos um botão.

Alverdi já estava consultando o detalhe em um *blue-print* pulsante na tela do seu *palmer*.

– É viável, Bernardo? – Mello perguntou.

– Me dê meia hora, Embaixador, e terei um projeto pronto aqui. Já acionei os meus dois robôs auxiliares.

– Vamos te dar espaço então – disse Mello, acenando para que Fuentes o acompanhasse.

Do lado de fora da cozinha, Consuelo Canclini avançava pelo corredor, com a sua expressão tensa muito agravada, aos olhos de Mello.

– Avilés quer você no passadiço, Silvano – ela foi dizendo. – Novidades da parte dos Minutemen.

Omar Avilés mostrou os gráficos na tela plana dos sensores de situação de longa distância.

– Dá pra ver que a parte orbital do exercício de defesa planetária foi retomada, depois que deixamos o planeta – ele disse. Então apertou uma tecla e o gráfico foi substituído. – Mas o que eu queria lhe mostrar é isto: dois vasos se destacaram das vizinhanças de Yukon. São de porte modesto, para naves de guerra. Corvetas, digamos. Uma já aguardava na boca do poço gravitacional do planeta, as outras se uniram a ela vindo da órbita. São três, portanto.

– Vão nos interceptar? – Mello ouviu a ansiedade na própria voz, e desejou não ter perguntado. Limpou a garganta e disse, num tom mais natural: – O que você acha?

– Não, senhor. Estão acelerando num curso diferente do nosso – Avilés explicou. – Quando tivermos entrado na ZSR e estivermos prontos para o tunelamento, eles estarão muito afastados de qualquer curso de interceptação. Há outros vasos em outras posições orbitais dentro do sistema, num tipo de posicionamento escalonado em relação a Yukon, mas eles também não estão em posição. Meu palpite é que estão só monitorando a gente, usando algum sistema de varredura ativa mais discreto em triangulação com as outras naves. Inclusive, esses três estão espelhando exatamente a mesma taxa de aceleração que nós. Isso é estranho.

– Por quê?

– Seguindo a ordem que o senhor deu, estamos acelerando abaixo do normal – o piloto respondeu. – Para eles, esses vasos militares, a taxa de aceleração seria muito maior, se eles pretendessem deixar o sistema. Mas como nosso equipamento não tem o padrão militar, não dá pra saber exatamente o que eles estão fazendo.

– Muito bem, Omar. Não parece nada preocupante, mas fique de olhos abertos. Me avise quando chegarmos à ZSR. Só vamos tunelar para fora daqui depois de termos resolvido o outro assunto.

Os robôs de Bernardo Alverdi se aplicaram ao trabalho de remoção de chapas de plastimetal, longarinas de nanotubos de carbono, cabos de fribóptica, sensores, repetidores e relés, cavando uma passagem na cozinha interditada, até o sexto e último dos compartimentos mantidos no vácuo. Alverdi havia escolhido esse para começar.

O desmonte e remoção foram demorados. No ínterim, Vieira de Mello foi com Consuelo Canclini e outros dos seus assistentes até a copa, comer sanduíches e tomar café e sucos de fruta. Um dos analistas disse que alguma coisa estranha foi encontrada no *software* do sistema de coordenadas de tunelamento complexo da *Manuel Piar*, mas que eles ainda não tinham ideia do que significava.

– Pode interferir com o nosso próximo salto? – Mello perguntou.

– Esse *software* em particular não tem contato direto com aqueles usados nos procedimentos de tunelamento – Consuelo disse. – Temos certeza disso. Mas se for um vírus troiano ou algo assim, pode ter dado aos Minutemen a informação do nosso curso de regresso daqui pr'a Zona Um.

Mello pensou nas três naves Minutemen lançadas para a Zona de Simetria Rompida ao mesmo tempo que a *Manuel Piar*.

O analista dizia que o que eles encontraram parecia mais a impressão digital de um vírus que teria sido inoculado no *software* para obter alguma informação específica, e depois se autodeletado.

– Mas teria deixado um resquício, como uma proteína constituinte – ele explicou –, que os nossos programas de diagnóstico detectaram.

Mello assentiu lentamente com a cabeça. Consuelo e os outros continuaram discutindo o assunto, mas ele agora tinha dificuldade para acompanhar. Sua atenção derivava. Talvez essa notícia fosse mais importante do que a sua busca maluca nos fundos da cozinha de bordo... Nesse instante, sua estranha inquietação e a excitação arrebatadora que o tomara pareciam prestes a evaporar por completo. Teve dificuldade para controlar seu embaraço interior. Pensou em ir imediatamente até Bernardo Alverdi e lhe pedir que cancelasse tudo. Mas respirou fundo

e, sem saber exatamente por que, se forçou a aguardar até que ele o chamasse, anunciando que o trabalho dos robôs fora concluído.

Retornou à cozinha, embora num caminhar lento, sem pressa alguma de presenciar o possível fiasco que desencadeara.

Agora havia espaço para um homem ou robô passar, dos fundos da cozinha até os compartimentos de lixo orgânico e lama de depuração. Esse espaço foi cuidadosamente pressurizado, e, sob o olhar apreensivo de Mello, Alverdi fez um dos seus tecnobôs passar uma câmera IV pelo estreito tubo pelo qual os alimentos triturados e desidratados eram lançados no compartimento. Estava vazio.

Alverdi ordenou que o mesmo procedimento fosse realizado no sétimo *container*. Sílvio Combochi lhes havia garantido que ele ainda não fora usado para armazenar os alimentos descartados. Mais uma vez, câmera IV não revelou nada em seu interior.

Mello tinha alguma dificuldade para respirar, que ele disfarçava de Alverdi e de Fuentes – que estava ao lado dos dois diante do monitor da câmera, com uma carabina nas mãos. Por que se sentia assim? Obviamente ele havia se enganado. Não havia nada em nenhum desses espaços. Mas seu corpo vibrava com uma energia que ele não se lembrava de ter sentido antes. “O que Peregrino faria?” ele pensou. Porém, sem refletir mais, voltou-se para Alverdi.

– Me dê uma lanterna e uma ferramenta para abrir essa coisa – pediu. E para o Sargento Fuentes: – Uma arma, Diego.

– O senhor não pode estar falando a sério... – o sargento disse. E diante do olhar inflexível de Mello: – Eu irei, Embaixador. É o tipo de coisa pr’a qual fui treinado, e sou menor que o senhor...

– Uma arma, Fuentes – Mello exigiu, a mão direita estendida.

Balançando a cabeça, o militar estendeu a mão esquerda para as suas costas, na altura da cintura.

A pistola era pequena e de acabamento escuro. Fuentes apertou um botão e uma pequena luz verde se acendeu.

– Este é um detonador MinoTaurus S quatro – ele disse. – Está carregado e destravado. O feixe é bem fino. O senhor sabe usar uma arma desse tipo, Embaixador?

Mello odiava armas, especialmente as que, como esse detonador, amputavam e cauterizavam ao mesmo tempo, mas tivera instruções no seu uso, várias vezes em suas missões galáxia afora. Ele apanhou a pistola. Um segundo depois, sem dizer nada, Alverdi lhe entregou uma pequena lanterna e a ferramenta – esta sim, Mello teve de aprender a usar.

– Risco de explosão se ele usar o detonador com vazamento de sulfídio de hidrogênio? – Fuentes gritou por cima do ombro, para Bernardo Alverdi.

Alverdi apontou para largas canalizações abauladas, de aparência quase blindada, conduzindo até o tanque de resíduos.

– Zero – disse o engenheiro. – Impossível, com essa tubulação. A lama de depuração progride por seções lacradas. E não deve haver resto algum no tanque que ele vai examinar.

O caminho aberto pelos robôs era acidentado. Eles haviam se aplicado em acessar o compartimento, e não em preparar um meio de passagem confortável a um ser humano. E Silvano Vieira de Mello podia ser um homem esbelto, mas tinha ombros largos e pernas compridas, e, enquanto rastejava por entre estruturas de metal e plástico, seus joelhos e cotovelos pareciam procurar o contato doloroso com toda e qualquer aresta. É claro, havia gravidade artificial também nesse ponto das entranhas da espaçonave, de modo que seu peso se fazia sentir contra as irregularidades do chapeamento, assim como o da lanterna e da ferramenta, que ele repetidamente deixava cair.

Quando a forma elipsoide do *container* de lixo orgânico se revelou perante o facho da lanterna, Mello estava empapado de suor – que enxugou com a manga da camisa, esfregando-a acima dos olhos e entre o nariz e a boca. Arrastou-se mais para perto, o coração acelerado. A superfície externa abaulada estava ao alcance de sua mão. Um pensamento muito distante lhe ocorreu: seu implante mnemônico estava desligado. Sem sobressalto nem qualquer reflexão maior, decidiu mantê-lo assim.

Bernardo Alverdi lhe havia explicado que dentro do *container* ainda existia o vácuo, e que era o vácuo que mantinha as suas seções lacradas. A ferramenta servia apenas para acionar a válvula que permitiria a entrada do ar – abrindo, conseqüentemente, o compartimento.

Mello aplicou a ferramenta sobre a válvula, e esperou. O ar entrava lentamente. Ele ouvia apenas um leve sibilar.

Ficou então de joelhos no espaço exíguo. Seu peito ficou na altura da curvatura superior do *container*, enquanto sua cabeça raspava o teto. Aos poucos, como que obedecendo a um suspense planejado, as seções do compartimento foram se abrindo da direita para a esquerda, com um leve chiado. Mello sentia, a cada vez, uma leve brisa roçar sua face direita e pensou ver um fiapo de condensação se formar, curvado para dentro do *container*.

Finalmente, todo o *container* diante dele assemelhava-se a um quebra-cabeça com as peças levemente afastadas umas das outras. Mello se lembrou da arma emprestada a ele pelo Sargento Fuentes. Apanhou a pequena pistola no bolso da caça. Uma ominosa luz LED verde ainda estava acesa. Mello empunhou a arma com cuidado, sentindo um tremor perceptível na mão. Evitava o gatilho.

Mais uma vez, pensou em Jonas Peregrino.

Intuição ou instinto não podiam fornecer todas as respostas.

Segurou a lanterna na boca e, com a mão livre, afastou o primeiro painel.

Havia alguma coisa ali dentro.

Mais um painel removido, então sua mão esquerda se mexendo como se tivesse vontade própria, afastando outros painéis sem se importar com o ruído provocado quando eles se chocavam um contra o outro.

– Embaixador Mello! – ouviu. O Sargento Fuentes. – O que está acontecendo?

Mello segurou a lanterna com a mão, e gritou por cima do ombro:

– Nada, Sargento, não se preocupe.

Devagar, ele se voltou para o interior do *container*, fazendo o estreito fecho de luz da lanterna percorrê-lo de cima abaixo.

Não era alguma coisa, é claro, mas *alguém*.

Ela cabia com alguma folga, dentro do estreito *container*. Certamente, não tinha um metro e oitenta e cinco. Mello calculou um e sessenta ou pouco mais.

Estava deitada de costas, nua, de olhos e boca fechados. Mello iluminou o rosto cuidadosamente. Havia uma película semitransparente envolvendo-lhe os olhos e a boca. A película se fundia à pele como se fizesse parte dela. Mello lembrou-se que esse produto era conhecido – pele artificial feita sob medida de acordo com tipos sanguíneo e perfil genético, delicadamente vascularizada, livre de rejeição, e aplicada como um bioadesivo fundia rapidamente o tecido manufaturado à pele da pessoa. Não deixaria restos de ADN, certamente, e talvez tivesse sido aplicada nas mãos e pés. Ele dirigiu o fecho da lanterna para baixo. A vagina depilada também estava lacrada do mesmo modo, contra a brutal pressão negativa do vácuo. Mello observou melhor e verificou que ela tinha plugues nos ouvidos e narinas.

Mesmo assim, seu corpo deveria estar absurdamente inchado, retorcido em agonia, sangue e outros fluídos colorindo seu rosto, membros e as superfícies interiores do *container*. Mas o delicado corpo diante dele se encontrava intacto, perfeito e plácido ali como se apenas adormecido. Ela parecia ser uma adolescente – teria no máximo vinte, vinte e um anos. Os cabelos, cortados rente ao couro cabeludo, eram castanhos. O rosto ovalado era encantador na beleza simples dos seus traços, e Mello se surpreendeu desejando que ela abrisse os olhos e o fitasse, como parecia prestes a fazer.

Não era possível que ela fosse a assassina de Northrop Traviss.

A conclusão se firmou com tamanha solidez na mente de Vieira de Mello, que ele, por alguns segundos muito confusos, deixou-se inundar por

pensamentos contraditórios. Em que outra parte da nave ele deveria procurar pelo assassino? Como esta clandestina se metera ali e com que propósito? E então: como ela havia escapado dos efeitos da pressão negativa?... Mello era alguém que viajava muito pelo espaço, e por isso tivera vários treinamentos de emergência ao longo de sua carreira. Sabia que a pele e o sistema vascular humanos tinham um efeito de contenção que evitava que o sangue entrasse em ebulição no interior do corpo. Havia uma infinidade de relatos de sobrevivência no vácuo por vários segundos – meio minuto, em alguns casos. Nada daquelas velhas representações cinemáticas de rostos se expandindo como balões de festa, de globos oculares saltando das órbitas.

“Meio minuto...” Mello repetiu mentalmente. Essa garota, porém, havia passado vários Terradias no vácuo. *Dias*. E supostamente despertado sem auxílio médico, saído sozinha pelo canal de escape do lixo triturado e compactado e descido para a superfície de um planeta gelado com atmosfera rarefeita. Mello agitou a luz da lanterna pelos recessos entre o corpo e as superfícies internas do *container*. Haveria espaço suficiente para o material miniaturizado e inflável de que Dennis Jackson falara? Aparentemente... Mas mesmo assim, imaginar que ela sobrevivera à viagem, para se vestir e equipar no ambiente gelado e pobre em oxigênio de Yukon... E então percorrido quilômetros para matar Traviss, superando-o em combate pessoal, depois de passar por vigias e guarda-costas. Ela ainda teria retornado à *Manuel Piar*, depois de despistar os *Minute-men*, e se livrado de todo o equipamento restante – suas roupas, inclusive, para se esgueirar pela estreita tubulação e não deixar traços externos de sua passagem – nenhuma fibra natural ou artificial – e entrado nua de volta ao *container* vazio, para enfrentar novamente o vácuo.

“Quem liquidou Traviss é um ciborgue com sistemas superiores aos dele”, lembrou-se, mesmo sem o auxílio do implante mnemônico. As palavras de Jackson.

Uma *ciborgue*.

A luz da lanterna e os olhos de Mello percorreram novamente o corpo inerte. Uma garota, sim, mas atlética, com músculos de rapaz por baixo dos

seios pequenos, nos ombros, braços, salientes nas pernas dobradas. Não havia sinais exteriores de implantes, mas era a única resposta possível.

Perguntou-se se ela não estaria em uma catatonia mais profunda do que o coma, induzida por drogas.

Ali, na mão esquerda – Mello reconheceu pela primeira vez um objeto cilíndrico, comprido e largo. Quase tocava o rosto dela, e talvez por isso, do ângulo em que observava, ele não o tinha notado antes. Num gesto impensado, arrancou o objeto dos dedos finos – e gelados – da menina. Era um estojo de espuma anti-impacto. Mello precisou guardar a pistola para usar as duas mãos e abri-lo, com dedos trêmulos.

Novamente, Mello se perguntou se não estaria sonhando. Dentro do estojo cilíndrico havia uma espécie de concha marinha. Era alongada e de cores esmaecidas, que espiralavam em torno dela como se obedecendo a um *design* intencional. Mello girou-a lentamente nas mãos, sentindo com os dedos a lisura do nácar. Podia muito bem ser uma concha originária dos mares da Terra, mas algo lhe dizia que fora apanhada em uma praia alienígena. Por que a garota o levaria com ela? Agitou-a, com a abertura voltada para baixo, mas nada caiu do seu interior. Não havia mais nada no *container*. Nenhuma arma, comunicador, ou droga para fazê-la adormecer, apenas essa concha do mar no estojo anti-impacto – para cujo interior Mello a devolveu, o mais delicadamente que pôde.

E então, deslizou o estojo de volta ao abraço dos dedos da menina. Notou então que os músculos do seu rostinho se curvavam no menor dos sorrisos. Sim. Ela parecia sorrir e sonhar – um sonho agradável e inocente.

Mello fechou os olhos e os pressionou com os dedos. Queria acordar do seu delírio. Mas forçou-se a abrir novamente os olhos e examinar mais uma vez o corpo nu diante deles. Não possuía nada da exuberância e maturidade feminina de Laura Dobbs, mas não obstante, sua nudez delicada era aos olhos dele inquietante e intimidadora. E ainda assim, ele simplesmente não podia acreditar que ela havia tirado a vida de Traviss. Sentiu o impulso de apanhar o seu corpo juvenil num abraço aper-

tado, de acalentá-la até que despertasse, mas, é claro, refreou-se. Lembrou-se então que o implante de memória continuava desligado. Flertou brevemente com a ideia de ativá-lo, registrar tudo o que via para referência futura. Mas decidiu manter como estava. Pensou em Jonas Peregrino – sim, esta era uma outra situação como aquela com os ditadores de sKrtleal.

Muito devagar, ele foi remontando o quebra-cabeça que tornaria a lacrar no interior do compartimento. Sua mente estava vazia.

– Embaixador! – ouviu.

Seu coração deu uma cambalhota no peito. Tinha se esquecido completamente de Fuentes e dos outros.

– Avilés mandou avisar que faltam trinta minutos para a ZSR! – Fuentes insistiu.

– Está tudo em ordem, Sargento! – gritou de volta. – Não há nada aqui. Já estou voltando.

4.

O retorno da *Manuel Piar* até a Zona Um – o velho Sistema Solar da humanidade – previa duas escalas. A primeira aconteceria ainda na Zona 3, uma esfera de mil anos-luz de extensão, contada a partir de vinte anos-luz da Terra. Num sistema planetário dominado pela estrela binária Delta Muscæ, na Constelação de Musca, havia uma colônia latinoamericana – a cerca de 90 anos-luz da Terra, de onde era possível vê-la no hemisfério sul celeste. Delta Muscæ A era uma gigante laranja do tipo K2III. A colônia era relativamente recente e estava na área de influência da civilização alienígena conhecida como “aar’vaneesa”. Por isso havia em δ Muscæ um escritório da chancelaria, com sua delegação diplomática.

A *Manuel Piar* deveria apanhar ali uma mala diplomática e dois funcionários transferidos para a Zona 2. Exigia-se de Vieira de Mello, como uma praxe motivada pela redundância, que ele apresentasse um relatório preliminar – ou o esboço do seu relatório final da missão a Yukon. Por isso ele foi ao seu camarote, esperar pelo tunelamento com-

plexo que levaria a astronave das vizinhanças de Yukon até δ Muscæ, já com as anotações prontas no seu computador pessoal. Teve tempo apenas para um banho rápido, e então se deitou em seu catre e quanto se levantou centenas de anos-luz haviam sido percorridos. Teria horas suficientes para esboçar o relatório, no tempo em que levariam para deixar a ZSR e realizar as transferências orbitais para dentro do sistema.

Mello pediu que uma xícara de café e um sanduíche fossem trazidos da copa ao camarote. Pensara em solicitar um prato de massa, mas a cozinha de Sílvio Combochi ainda devia estar uma bagunça. Não precisava pensar na cozinha desmontada para se lembrar da garota confinada no compartimento de lixo. Seu belo rosto ainda pairava diante dos seus olhos, bloqueando a visão das suas anotações. Ele também imaginara se as três corvetas *Minutemen* haviam seguido a *Manuel Piar* até δ Muscæ. Tinha sido essa a intenção por trás do vírus instalado no *software* do sistema de coordenadas de tunelamento, não tinha? Saber para onde eles iriam, e acompanhá-los ou interceptá-los.

Deu-se conta de que não poderia ocultar sua presença por muito tempo. Ela estava no sétimo *container*, com cinco já cheios, e portanto o seu seria preenchido com os resíduos, durante a viagem de volta. Provavelmente nesta primeira escala em δ Muscæ.

Mello levantou-se. Deixou o camarote e começou a dirigir-se para a cozinha. No corredor, quase se chocou com um copeiro, trazendo o café e o sanduíche em uma bandeja.

– Por favor, deixe em cima da minha mesa de trabalho – pediu, distraidamente.

Então se deteve mais adiante no corredor. Estava claro que a garota não tinha sido infiltrada na *Manuel Piar* para que a nave da chancelaria da Latinoamérica realizasse inadvertidamente a sua extração. Não sem que antes ela fosse coberta de detrito biológico desidratado e... E lançada ao espaço para ser incinerada junto com ele.

“Será isso?”, o embaixador se perguntou. A mão direita pressionando a testa. “Nós estamos sendo usados para dispor da última evidência do assassi-

nato... o corpo da assassina. Ou a menos que...”

Nesse instante, o intercomunicador da nave se anunciou com um apito, seguido do apelo:

– *Embaixador Vieira de Mello, por favor dirija-se imediatamente ao passadiço.*

– Não estamos em Delta Muscæ, senhor – Omar Avilés lhe contou.

Também estavam no passadiço Consuelo Cancini e os seus analistas, já sentados atrás das telas dos computadores e aparelhos de navegação. Fuentes também estava presente, acompanhado de mais dois homens da infantaria embarcada.

Consuelo disse:

– Nós suspeitamos de que, enquanto nos preocupávamos com aquele primeiro vírus que encontramos, um outro programa dos Minutemen estava atuando num nível mais profundo do sistema de navegação. Foi um truque...

– Manobra desviacionista – Fuentes disse.

Mello os calou com um gesto.

– Aquelas três naves estão por perto? – perguntou a Avilés.

– Não, senhor. Não há nada por aqui, Embaixador. *Nada*. Estamos na camada de estagnação de um sistema estelar desconhecido.

A camada de estagnação era a fronteira entre o vento solar de uma estrela, e o vento interestelar de partículas geradas pela explosão de outros sóis.

– Estamos desacelerando para sair da ZSR? – Mello perguntou.

– Não, senhor.

– Se ainda estamos na Zona de Simetria Rompida, não podemos simplesmente tunelar para um outro ponto?

Avilés balançou a cabeça.

– Precisamos primeiro nos localizar, senhor.

– E verificar todos os nossos sistemas de orien-

tação e tunelamento – Consuelo disse. – Ou pode acontecer de novo... irmos parar numa destinação ignorada.

– Vocês estão fazendo isso neste momento?

– É claro, Silvano – Consuelo disse, um traço de histeria na voz.

Mello se voltou para Avilés. Acocorou-se ao lado da poltrona de pilotagem, que o comandante ocupava.

– Tenho certeza de que há uma espaçonave nas imediações, Omar – disse. – Faça uma outra busca.

– Sim, senhor.

Contudo, segundos depois ele anunciou, com voz sumida, que os sensores haviam “caído”.

– Todos os *softwares* de busca e interpretação dos dados deixaram de funcionar, Embaixador. Há um dispositivo automático de reformatação, mas...

– Quanto tempo para reformatar?

Avilés apertou botões, fez cálculos.

– Apenas quinze minutos, senhor.

Mello se levantou e rumou para entrada do passadiço. Então voltou-se e se dirigiu a todos.

– Por favor, continuem com o trabalho que estão fazendo. Eu voltarei em quinze minutos.

Fuentes fez menção de acompanhá-lo, mas o embaixador o deteve com um gesto. Então saiu e tomou os corredores. “Quinze minutos...”, disse mentalmente. Quando deu por si, trotava pelas passagens estreitas da *Manuel Piar*. A princípio, dirigiu-se para a cozinha, então concluiu que não poderia fazer nada lá. Lembrou-se então da vigia solitária que existia na popa da espaçonave, para atender aos que gostavam de celebrar ou apenas apreciar a ignição dos motores de plasma, indicando que uma nova jornada, uma nova missão diplomática tinha início. Era uma vigia ampla, em torno da qual três ou quatro pessoas podiam se reunir.

Mello se aproximou dela bem devagar. Sua mente estava tranquila, não havia precipitação nem pressa em seus movimentos. Apenas uma estranha expectativa. Ansiava somente pelo fim do mistério.

Lá estava a nave de cuja presença ele suspeitava.

Era pequena e esguia e iluminada apenas pelas luzes de navegação da *Manuel Piar*. Dentro dela as pessoas que haviam enganado a todos. A ele e sua equipe, e aos poderosos e implacáveis Minutemen.

Tinham infiltrado os sistemas da nave consular, programado o seu tunelamento para lançá-la neste canto inesperado da galáxia, enquanto eles mesmos se materializavam talvez no mesmo instante, postando-se bem à sua ré com o mesmo vetor de entrada, por via de um entrelaçamento da matéria complexa – era assim que as flotilhas e esquadras militares voavam em formação para dentro ou fora de uma região do espaço. A complexidade desse tipo de coisa – a complexidade e profundidade da infiltração nos sistemas da nave consular – deixou Mello atordoado por um segundo. Um outro vírus colocara os *softwares* de busca e interpretação dos sensores fora de operação. Por quinze minutos. O tempo de que precisavam para fazerem incógnitos a aproximação entre os dois vasos.

Ambos passavam pela Zona de Simetria Rompida com a mesma velocidade relativística – frações ínfimas da velocidade da luz. A essa velocidade, qualquer objeto, por minúsculo que fosse, que se chocasse contra eles representaria o fim de tudo. Mas estavam longe de qualquer nuvem de Oort. Estavam no vazio entre os sistemas estelares, e além disso, o escudo de energia projetado à proa da *Manuel Piar* protegeria os dois.

Mello viu com clareza, quando a nave desconhecida projetou um cone de gases que envolveu a popa da *Manuel Piar*.

Mello aguardou. Talvez alguém no passadiço do outro aparelho pudesse vê-lo ali, solitário junto à vigia de popa, mas ele não se importava.

Diante de seus olhos, uma sombra foi lançada da popa da sua nave, flutuando lentamente para dentro do cone de gases – que existia, ele tinha certeza, apenas para confundir qualquer aparelho ótico e olhares como o dele, que enfim testemunhava a extração da assassina do Carniceiro de Regulus B.

Ele divisou a silhueta feminina, pequena, flutuando muito devagar, sem giro, sem solavancos,

como que sustida por uma mão invisível. Enfrentava desta vez o gélido vácuo do espaço entre as estrelas, mas ele teve certeza de que a ciborgue sobreviveria. Via-a um pouco mais distinta no começo, enquanto mais próxima das luzes da *Manuel Piar* e dentro de uma zona mais rarefeita do cone nebuloso. Então menos distinta conforme se afastava e era abraçada pelas brumas.

Silvano Vieira de Mello, contudo, tinha a impressão clara de vê-la em detalhe na mesma posição, segurando a concha do mar junto ao rosto com a mão esquerda. E no rosto bonito, de traços simples e juvenis, aquele mesmo esboço, entrevisto ou imaginado, do menor dos sorrisos. “Qual será a cor dos seus olhos?”, ele quis saber.

Ele também sorriu, quando a garota entrou em uma comporta na proa da outra nave. Os gases se avolumaram e então se dissiparam, e o aparelho já não estava mais lá. Bastaria um discreto mergulho e estaria fora das suas vistas, rumando célere e ainda dentro da ZSR, para tunelar para fora dali a qualquer segundo.

Ele se afastou da vigia e apoiou as costas contra a parede de plastimetal. Sabia que descobririam mais tarde onde estavam, e então poderiam voltar para casa. “Todos vão voltar para casa”, pensou.

Ainda tinha o seu sorriso no rosto.

O menor dos sorrisos.